

HASSIS

**SUL** 30

## EXPEDIENTE SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna  
Ano X — Florianópolis, dezembro, 1957 — N. 30  
Enderço: Praça 15, n. 27 — Caixa Postal, 384  
Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

### DIRETORES:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

### REDATORES:

A. Boos Jr., Doralécio Soares, Eglê Malheiros, J. P. Silveira de Souza,  
Ody Fraga, Osvaldo F. de Melo (filho), Walmor Cardoso da Silva

### ILUSTRADORES:

Aldo Nunes, Dimas Rosa, Ernesto Meyer Filho, Hyedy de Assis  
Correia, Hugo Mund Jr., Pedro Bösko.

"Sul" acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a  
colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, e do exterior, espe-  
cialmente dos jovens, se reservando porém o direito de escolha para  
publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, não serão devolvidos.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades,  
de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente  
de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: no Brasil ..... Cr\$ 10,00

em Portugal ..... 7\$00

Assinatura por 4 números: Cr\$ 40,00; registrada: Cr\$ 60,00

As assinaturas podem ser pedidas em qualquer época, direta-  
mente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor de-  
clarado.

### REPRESENTANTES

No Brasil:

GUIDO WILMAR SASSI — Caixa Postal, 238 — Lajes — Santa  
Catarina.

J. M. FONTES — R. Lagarto, 1571 — Aracaju — Sergipe.

ROBERIO TOSCANO — R. Cel. Antônio Soares, 651 — JOÃO  
PESSOA — Paraíba.

EVARISTO PAULO GOUVEIA — R. Desembargador Tenório, 186  
— Farel — Maceló — Alagoas.

FONTES IBIAPINA — R. Francisco Mendes, 297 — TERESINHA  
— Piauí.

GLAUCO R. CORRÊA — Campo Grande — Mata Grosso.

EDISON R. LIMA — Edifício Almare — s/805 — Recife — Per-  
nambuco.

IRORÉ GOMES — Av. Anhanguera, 20 — Goiânia — Goiás

No Exterior:

Dr. Manuel Pinto — Sertã — Portugal.

Vitoriano Rosa — Lisboa — Portugal.

Manuel Filipe de Moura Coutinho — Lourenço Marques — Afri-  
ca Oriental Portuguesa.

Blanca Terra Viera — Buenos Aires — Argentina.

LIVROS HORIZONTE (distribuidor para Portugal e Colônias.

Apartado, 818 — Lisboa — Portugal.

LIVRARIA MONTEIRO LOBATO — Andes, 1415 — Montevideo  
— Uruguai.

NOSSA CAPA: Igreja São Francisco, desenho a duas cores de Hiedy de  
Assis Correia

## SUL

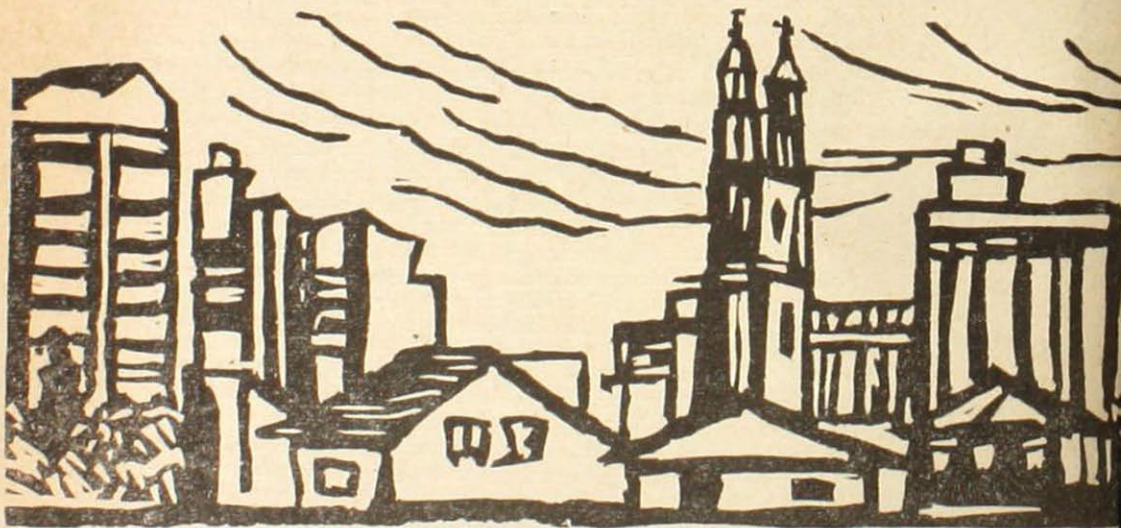
com este número, o trigésimo, suspende suas atividades. Não sabemos se temporária ou definitivamente. Os motivos são múltiplos. Problemas internos e externos. Em nosso número anterior Eglê Malheiros levantou alguns deles. Que não são os únicos. Outros existem, de igual importância. Tudo isto junto contribuiu para que chegássemos a este ponto em que nos encontramos agora. Embora com dez anos de vida, a revista luta hoje com as mesmas ou maiores dificuldades e incompreensões do que antes. Por outro lado compreendemos perfeitamente que chega um momento em que uma revista não pode mais ser aceita com complacência, como uma publicação de jovens de "rapazes", meramente experimental. Ou ela é aceita como uma revista literária, como tal, com valores específicos próprios, ou então, mesmo que a situação financeira seja boa (o que não é de forma alguma o caso presente, muito pelo contrário) ela não tem mais razão de existir. Se torna inoperante, academisante.

Bem sabemos que com uma base econômica sólida, alguns dos problemas poderiam ser resolvidos, contornados outros, até que a revista voltasse a ter maior significado. Mas esta base econômica não apenas não existe de uma forma relativa — pois a verdade é que não existe base econômica alguma. Nem ajuda. Além disto, na fase atual que atravessa a revista, alguns dos problemas persistiriam...

Pretendíamos dar um número de despedida melhorado, com um levantamento completo das atividades da revista até a presente data, abarcando tudo o que ela fez ou possibilitou fazer nestes dez anos. Infelizmente nem isto foi possível. Limitamo-nos a um trabalho do escritor Esdras Nascimento, que, procurando contribuir para este número de despedida, nos dá um panorama a largos traços dos números passados. Um breve apanhado de opiniões de publicações literárias e personalidades, completa a parte informativa.

E terminamos então com "um muito obrigado" a todos os que, de qualquer forma, nos auxiliaram e estimularam, permitindo que a revista vivesse até agora. E vivendo movimentasse e modificasse um pouco o modorrento ambiente literário da ilha. Nosso adeus não é melancólico porque temos certeza de haver contribuído, embora não o quanto teríamos desejado, para que o movimento cultural e artístico entre nós fôsse incentivado e se tornasse conhecido em outros recantos do país. Ao iniciarmos o nosso segundo ano dizíamos que "SUL" continuaria. Ela continuou. E mesmo suspendendo suas atividades, o espírito que a animou continuará. Termina a revista, mas não terminará o movimento "SUL", nem a influência que ele exerceu e exercerá nas letras catarinenses.

Que outros, já com a experiência de nossos erros, não incidindo nos mesmos, mais e melhor façam.



Florianópolis — Linooleogravura de Aldo Nunes

O romancista Esdras do Nascimento manda a sua "corôa de flores" para o enterro de "SUL":

## A ILHA E A PONTE

Como surgiu a revista "Sul" — Significação do movimento liderado por Anibal Nunes Pires e Salim Miguel — Agitação na província — Repercussão no país — Ausência de preconceito e de "panelinha": característica principal de "Sul", nos seus dez anos de existência — Intelectual idoso na província é instituição; escritor novo é caso de polícia.

Era uma vez uma ilha. Uma ilha e um grupo de rapazes. A ilha vivia isolada. Afastada de tudo e de todos. Vez por outra, chegava um navio. Às vêzes, um avião pousava. Era só. E a ilha se deixava ficar, quieta e calada, perdida no oceano. Depois, fizeram uma ponte. Os automóveis começaram a circular. O progresso veio vindo. Devagar, mas veio. Pela ponte, outras pessoas chegaram. De longe. Mais do sul ainda. E do norte também. Edifícios foram erguidos. Faculdades surgiram. Estabelecimentos de ensino com ginásial e científico já não eram novidade para ninguém. Mas algo faltava. É bem verdade que uma família de políticos se projetou no cenário nacional. Fotografias da ilha apareceram nos jornais dos outros Estados, inclusive na Capital Federal. Meninos encatarrados, no interior do Ceará, e mesmo do Piauí, — onde as coisas custam ainda mais a chegar, — encontravam nos livros escolares de geografia um nome comprido e indocil de pronunciar. Começava por F. F, de forte. F, de fortuna. F, de Florianópolis. Florianópolis passou a ser castigo. E valeu muita palmatória em mãos infantis. Florianópolis era muito mais fácil de dizer. Porque a professora não queria assim? "Qual é a capital de Santa Catarina, menino?". O gurí olhava aperreado para os lados. O amigo "soprava": "Florianópolis". — "Florianópolis, não! Florianópolis! — reclamava a professora. — Diga comigo, devagar: Flo-ri-a-nó-po-lis". E o menino repetia, encabulado: "Florianópolis, fessôra".

Mas isso foi há muito tempo atrás. Florianópolis é hoje conhecida no Brasil inteiro. Na Argentina. No Uruguai. Em Portugal. Na França. Na Itália. No Novo e no Velho Mundo. Pelo menos, em certos círculos. Porque?

Era uma vez uma ilha. Uma ilha e uma ponte. Uma ponte e um grupo de rapazes. Os rapazes de "Sul". Uma revistinha surgiu, em janeiro de 1948, na ilha. E serviu de ponte. Ponte que transportou para o Brasil uma série de nomes, uma série de feitos, uma série de aventuras que, sem ela, permaneceriam incógnitas.

Dizer da odisseia por que passam os que, na província, pretendem realizar algo, no setor cultural, é desnecessário. Todo mundo sabe o que isso significa. As incompreensões naturais do meio pesam muito. Demais até. Muito mais que os problemas financeiros. Muito mais que as deficiências técnicas. Muito mais que a insegurança advinda da imaturidade. Um intelectual idoso, na província, é uma

instituição. Um escritor novo é um doido, um gaiato, que ninguém deve levar a sério. E como os escritores novos são mais audazes, sonham mais e ameaçam fazer em pouco tempo o que os escritores velhos e sem obra não lograram realizar em longas e estéreis vidas — o problema se agrava e se complica. Resta aguardar o passar dos anos. Incapazes de compreender a revolução que se processa diante dos seus olhos, os valores injustamente consagrados franzem os lábios diante das coisas novas que surgem. E. dizem, de mão à boca, aos vizinhos: **“Isso passa... Isso é coisa da mocidade. Essa menina, um dia, vai criar juízo...”**.

Os anos passaram. Os rapazes de “Sul” ficaram mais velhos. Muitos concluíram cursos superiores e se estabeleceram na vida. Outros casaram. Vieram filhos. E filhas. Todos estão mais velhos. Mas a revista não parou. Continuou circulando, para raiva de muitos. Nova, viva, ativa, movimentada. Sem preconceitos. Sem amarras. Sem respeitar as conveniências ditadas pelas regras nem sempre válidas do “bem viver” literário. Ao alcançar o seu trigésimo número, “Sul” circula com o mesmo espírito de combatividade de dez anos atrás, com a mesma posição diante da vida, com a mesma coragem, com o mesmo descompromisso, — que de compromisso a revista só tem um: com a arte e com o povo, ao qual vai ao encontro e cujas aspirações e sentir interpreta e vivifica.

Acompanho a trajetória de “Sul” há alguns anos. Colaborei em suas páginas, certa vez. Recebi, com entusiasmo, tôdas as publicações lançadas pelo grupo que a faz. Fiz crítica aos seus membros, por carta e pessoalmente. Minhas opiniões, certas ou erradas, sôbre o que “Sul” vinha fazendo, foram sempre recebidas com espírito altivo. Altivo, mas não pretencioso. Os rapazes de “Sul”, — rapazes que o tempo começa a marcar, — têm plena consciência de suas possibilidades e de suas limitações. Aceitam, igualmente, o elogio e o ataque. E nunca fogem ao debate franco, conscios que estão do papel que desempenham na incipiente literatura brasileira.

Salim Miguel, um dia, me deu a notícia. A notícia que “Para Todos” publicou em primeira mão, para tristeza de todos os que se interessam pela cultura nacional: “Sul” deixaria de circular, ao atingir o número 30. Procurar causas seria inútil. Todos sabem as causas, todos conhecem os motivos. Num país como o nosso, em que até os ibrahims pontificam, sômente candidata a “miss” tem vez. O resto não conta. E cultura passa a ser artigo de luxo, muito mais caro que cadilque, a dolar de quinta categoria. Se o próprio governo federal demonstra, quando tem oportunidade, o seu desinteresse, o seu quase desprezo pelos fatos culturais, que é que se poderia esperar de um governo estadual, como o de Santa Catarina? Amparo à literatura, disseminação da cultura, criação de bibliotecas, instituições de prêmios, — tudo isso é muito bonito, é muito agradável de vêr, é formidável constatar. Mas só existe nas plataformas eleitorais. Só existe na cabeça dos ingênuos que ainda acreditam em governos dêste regime falido.

O fato é que "Sul" vai morrer. De morte matada. Na hora do entêrro, justo é que se faça o necrológio da morta. E dos parentes mais próximos.

Quando "Sul" era mais nova, menina ainda, Anibal Nunes Pires é que lhe dirigia os passos. Ody Fraga ajudava. Depois, Salim Miguel assumiu a responsabilidade de encaminhar a moça na vida, auxiliado pelo tio mais chegado, pelo poeta Walmor Cardoso da Silva. A revista cresceu, se fez adulta. Arranjou namorados às dezenas. E noivou algumas vèzes. Passeou muito. Compareceu a muita reunião bonita. E a sua casa foi sempre uma casa aberta a todos os que se quizeram irmanar aos seus parentes e amigos.

Dezenas, centenas de nomes apareceram na revista. Novos. Novíssimos. Velhos. Anciãos. Até defuntos. "Sul" nunca teve preconceitos. Nunca partiu de pontos de vista pré-estabelecidos. Uma prova disso é a relação abaixo. Nela figuram, em ordem alfabética, os nomes de todas as pessoas que de uma maneira ou de outra colaboraram para que "Sul" chegasse a ser o que é: uma magnífica realidade que, infelizmente, vai virar mero capítulo de história. Uma simples olhada basta para evidenciar que a revista foi prestigiada por todos (ou quase todos) os intelectuais do Brasil inclusive por alguns estrangeiros de valor incontestado. Senão, vejamos:

#### A

Anibal Nunes Pires, Antonio Paladino, Archibaldo Cabral Neves, Aureo Nonato, Armando S. Carreirão, Alves de Araujo, Antonio da Silva Filho, Afonso de Bragança, Alberto Oscar Blasi, Augusto dos Santos Abranches, A. Boos Jr., Antônio Jacinto, Ana Maria Gerasina, Augusto Meyer, Adonias Filho, Arnaldo Brandão, Antonio Simões Junior, Aluisio Furtado Mendonça, Alexandre Cabral, Aluisio Medeiros, Antonieta Dias de Moraes, Albano Martins, A. Vicente Campinas, Agostinho da Silva, Antonio Rebordão Navarro.

#### B

Beatriz Bandeira, Bruno Giorgi, Blanca Terra Vieira, Bandeira Filho, Bertina Lopes e Bonifácio Fortes.

#### C

Claudio B. Vieira, Clovis Assunção, Carlos Queiroz, Carlos de Oliveira, Carlos Penna Filho, Carlos Henrique Bahiana, Carlos Banks, Cesar Tozzi, Clovis Moura, Carlos Drummond de Andrade, Colbert Malheiros, Christovam Pavia, Celso Amorim Pessoa, Cecílio J. Carneiro, Costa Mendes, Carlos Adauto Vieira e Custódio Campos.

#### D

Donozor Lino, Doralécio Soares, D. A. Mayr e Décio Frota Escobar.

## E

Eglê Malheiros, Emilio Myra Lopez, Eric Newton, Elio Balstaedt, Edmir Régis, Erasmo B. Vilela, Esdras do Nascimento, Edmundo da Luz Pinto, Eugênio Gomes, Edmond Jorge, Ernesto Bianchini Goes, Edgard Byley, Edgard Koetz.

## F

Francisco Cabral, Fulvio Vieira, Fernando Jorge Uchoa, Fred Pinheiro, Flávio de Aquino, Fernando Paranhos Moreira, F. M. Santos, Francisco Rocha Filho, Francisco José Tenreiro, Fernando Correia da Silva, Fonseca Amaral, Fernando Assis Pacheco, Francisco José Pereira e Fontes Ibiapina.

## G

Gomes da Silveira, Gonçalves da Costa, Guido Wilmar Sassi, Gaston Figueroa, Gladys Borniali, Guilherme Sule, Gabriela Mistral, Geraldo Sobral, Glauco Rodrigues Correa.

## H

Hamilton V. Ferreira, Hercilio Medeiros, Hugo Ramirez, Herberto Sales, H. Mund Junior, H. J. Kroellrenther, H. Dobal, Hélio Barbosa Martins, Horácio Villa, Hytelvina Villanueva Saavedra, Humberto da Silva, H. Alves Costa, Heitor Saldanha e Hernani de Lencastre.

## I

Italino Peruffo e Ilmar Carvalho.

## J

José Medeiros Vieira, José Tito Silva, J. Veiga, J. C. Trewin, José Bezerra Gomes, Jules Renard, J. M. Gomes de Matos, Jorge Ramos, José Régio, José do Patrocínio Galotti, J. P. Silveira de Souza, Joaquim Namorado, José Cochofel, Joaquim Mac Dowell, José Couto Pontes, Jossette Schwoelk, José Afranio Moreira Duarte, João Krueger, Julio Pomar, J. M. Fontes, J. P. Appel Felix da Cunha e Judith Nunes Pires.

## L

Loius Jouvét, Lina Tâmega Peixoto, L. Rebelo, Luís Carlos Arapey, Luiz Amaro, Lima de Freitas, Luís Eduardo Campos, Lalita Brandon, Lima de Freitas, Lycio Neves, Luís Eugenio Ferreira, Leatrice Moellmann, Lila Ripoll, Luís Cabral, Lopes Salinas, Luís Cosme, Lília de Ornellas.

## M

Marcos Carmelo Faraco, Mário Antônio, Mateus Maria Guadalupe, Moacir Fernandes, Moacir Souto Mayor, Marques Rebelo, Marcos Romero, Manoel Pinto, Marco



Aurélio Moura Matos, Margot Ganzo, Matilde D'Espaux, M. Santos, Miguel Torga, Maximus Bernardes, Mário Dionísio, Mário de Andrade, Mário Mota, Marcus Farias, Manoel Felipe de Moura Coutinho, Mário Pedrosa, Murilo Braga, Manoel Walter, Maria de Lourdes Teixeira, Moysés Vellinho, Mirian Franca, Maria Eugénia Vaz Ferreira, Mário A. F. de Oliveira.

**N**

Nataniel Dantas, Nelida Aurora Oviedo, Nereu Goes, Noémia de Souza, Nidoval Reis, Nuno Miranda, Nereu Correia, Natercia Freire.

**O**

Ody Fraga e Silva, O. G. Rego de Carvalho, Orlando Mendes, O. C. Malheiros Junior, Osvaldo F. de Melo Filho, Otávio Rodrigues de Campos, Orlando Távora, Osvaldo R. Cabral, Osvaldo de Oliveira e Osmar Luiz Bondoni.

**P**

Paul Bois, Pedro Taulois, P. da S., P. Martins, Paulo Guilherme D'Eça Leal, Paulo Di Bernardi Pires e Paulo Bonfim.

**Q**

Quirino Campofiorito.

**R**

Reinaldo Moura, Roldão Guimarães, Richard M. Morse, Reinaldo Bairão, Ruy Brand Correa, Rogério Chagnier, Rui Guilherme Barata, Romeu Correa, Rui Monteiro, Rodrigues Marques, Roberto Nobre, Rui Apocalipse, Renato Barbosa, Raul Gustavo Aguirre e Rodolfo Alonso.

**S**

Salim Miguel, Silvio Eduardo, S. Castelo Branco, Silvio de Macedo, Sebastião da Gama, Silveira da Penha, Sergio Milliet, Suzy Cunha e Cruz e Sebastião de França.

**T**

T. C. Jamundá, Teixeira de Pascoais e Tereza Austregesilo.

**V**

Vinicius Moraes, Vitoriano Rosa, Vitor A. Peluso Jr., Viriato da Cruz, Vasco Mariz.

**W**

Walmor Cardoso da Silva, Wladimir Guimarães, Walter A. Piazza, Walmir Maranhão, Walmir Ayala, Wilmar Vaz, Walter Dutra, Wanio José de Matos.

**Y**

Yvonne Jean.

**Z**

Zdenek Hampejs.

## IN EXTREMIS

“A vida é uma sequência de mortes e ressurreições. Morramos, Christophe, para renascermos”.

(Romain Rolland)

Revista Sul — Ano 1 — nº. 2.

As rosas de todo o mundo  
despetalam ternuras  
e a música de fundo  
é um acalanto para a criança  
que vai dormir.

Um porvir de lutas e glórias  
longes terras te auguravam;  
só a tua, criança das ruas,  
só a tua, criança dos mundos,  
pisaram tuas rosas !

O poeta velará teu dormir  
a espera da ressurreição  
e os teus dez anos de história  
hão de florir novamente  
como florecem as roseiras  
nos jardins.

As rosas de todo o mundo  
despetalam ternuras  
e a música de fundo  
é um acalanto para a criança  
que vai dormir.

Aníbal Nunes Pires

Florianópolis, 19 de outubro de 1957

## O QUE DIZEM DA "SUL"

"Veintisiete números lleva publicados esta prestigiosa e importante revista brasileña. La edita el Círculo de Arte Moderno de Florianópolis y son sus directores Anibal Nunes Pires y Salim Miguel...

Llama la atención que en una ciudad como Florianópolis, casi desconocida en el mapa cultural, florezcan revistas de la jerarquía de Sul, lo cual habla muy alto de la dinámica nacional en cuanto a cultura, de nuestra vecina de lengua portuguesa".

"Estudios" — No. 479 — Buenos Aires — Nov. 1956

"De Florianópolis chega-nos o vigésimo primeiro número da Revista "sul" verdadeiro atestado do heroísmo e animação dessa turma barriga-verde, tendo-se em conta a duração média de uma revista de "novos" no Brasil. Pois a "Sul" não morreu e continua cada vez mais viva como denota a série de contos, ensaios, poemas e artigos que nela aparecem".

Revista do Globo, Porto Alegre, 6/3/1954

"Chega-nos "Sul", a revista do Círculo de Arte Moderna, de Florianópolis. Número 20 de agosto de 1953. E com a grande revista (embora em formato pequeno) de Anibal Nunes Pires e Salim Miguel, chegam-nos boas notícias da vida intelectual da capital catarinense. Uma revista assim, que há bem seis anos vem dando pelo país e nos grandes centros do nosso Continente todo e dos outros, recado vivo da existência cultural da terra de Victor Meireles de Lima, parece a todos que devia ser uma publicação privilegiada junto às autoridades estaduais. Uma compensação justa ao esforço de um grupo de jovens que vem fazendo, sempre com maior entusiasmo, uma das boas, que são poucas, revistas de cultura em nosso país. Não sabemos se essa compensação existe. Prevemos apenas que não exista, da parte dos responsáveis pelos destinos administrativos do Estado de Santa Catarina, a compreensão exata do quanto vale a revista "Sul", pela propaganda que leva longe, e pela contribuição à vida intelectual brasileira. Sofrerá ela, sem dúvida, as incompreensões de que são facilmente vítimas os jovens, quando não se quedam nos comodismos mentais e nos pragmatismos sociais, marcas da inexorável negatividade do bom senso cultural..."

(Artes Plásticas — Vida artística em Florianópolis — Quirino  
(Campoflorido — "O Jornal", Rio 28/10/53)

SUL inicia nova fase. Em formato de caderno, capa simples e elegante, o fatídico nº. 13 nos dá uma revista cheia de selva, com vontade de perpetuar-se como afirmação de cultura num recinto de bugres e burgueses. Gosto da nova apresentação de "Sul". Dá-me idéia de solidez, de energia concentrada.

Jamais escondi a simpatia tremenda que nutro por esses rapazes de Santa Catarina, e, cada número novo que sai é uma vitória íntima para mim. Dificilmente nós aqui do Rio ou de S. Paulo, poderemos compreender o que seja manter por quatro anos uma revista de arte e cultura em Florianópolis. As vezes tenho até medo de pegar num mapa, medo de saber se essa capital na realidade existe.

Porque a única mensagem literária e artística, o único sopro de vida que recebemos desse Estado, um dos mais ricos e prósperos do Brasil, é esse punhado de páginas que compõe SUL, páginas que podemos enxugar com o lenço, eis que são braços rijos ensopados de suor".

(Presença do Livros — REVISTAS — "A Manhã" — Rio — Fausto Cunha)

"... Quem quer que amanhã deseje escrever a história do período literário brasileiro contemporâneo, não pode esquecer o magnífico grupo da revista "SUL"..."  
("Notícia sobre a revista SUL" — Folha da Manhã — Recife, 23/10/55 — Clovis Melo)

"SUL — revista del Círculo de Arte Moderno — Florianópolis — Brasil. Esta publicación que dirigen Anibal Nunes Pires y Salim Miguel, nos trae su renovado mensaje que con tanto fervor nos habla de las inquietudes múltiples que allí engrandecen la patria en la llama del pensamiento y el arte".

("Papel de Poesia" — Salto — Uruguay — junho de 1954 — N.º. 10)

... "SUL" — magnífica revista literária que se publica em Florianópolis, estado de Santa Catarina..."

("Ressurge, Gôa" — Bombaim, 15/9/953)

"Dentre as revistas brasileiras que habitualmente recebemos destaca-se SUL, que se edita no Estado de Santa Catarina... Pela sua colaboração variada e relacionada com problemas atuais da cultura, SUL é uma revista que merece ser divulgada entre nós. A Redação de VÉRTICE sauda-a, e deseja que continue a poder marcar a posição que já por direito conquistou".

("VÉRTICE — revista de cultura e arte — vol. XIII — n.º. 119 — julho 1955 — Coimbra — Portugal)

"Merece louvar o esforço de um grupo de jovens intelectuais que, em Fpolis, vem mantendo a revista "Sul", como órgão do Círculo de Arte Moderna. Já vai, essa publicação puramente cultural, que não faz concessões ao sensacionalismo fácil, no seu n.º. 19 e no sexto ano de existência, o que na provincia constitui, sem dúvida, uma grande vitória..."

("Correio da Manhã" — Escritores e Livros — J. C. — Rio, 4/6/953)

"SUL" representa, realmente, uma das mais belas e significativas realizações de nossa mocidade que provou ter capacidade para dar forma aos seus ideais elevados de cultura. Deve constituir justo orgulho para Santa Catarina a brilhante realização dos jovens desse Estado sullno.

Maria Alba Mendes Silva — Curitiba, junho de 1950.

Decididamente um espírito moço e com projeção está vassourando o Brasil, muito gostoso, é dizê-lo, "SUL" galopa na vanguarda desse movimento.

Nuno Miranda — São Vicente do Cabo Verde, 1949

Só posso me confessar pra lá de admirado com a publicação do nível intelectual dessa que vocês me mandaram.

Reinaldo Moura — Diretor da Biblioteca do RGS — Abril, 1948

"SUL" es una de las veintetres revistas que intentam revolucionar el arte e literatura, reaccionando contra canones fijados por la costumbre y por los academicistas e pasadistas.

Clarín 19-6-49 — Buenos Aires.

É um movimento admirável o que eles ali empreendem, mantendo a revista SUL, já tão conhecida no Rio, o teatro experimental e o museu de arte moderna. O característico principal da revista é a homogeneidade. Depois a SINCERIDADE.

Bruno Giorgi — Letras e Artes — Dezembro de 1949.

A revista "SUL" de Florianópolis constitui centro de um ativo núcleo intelectual dos novos de Santa Catarina e vem mantendo um esforço contínuo, artístico, literário e cultural que a torna uma das mais interessantes publicações dos estados.

Estado de São Paulo — 12/8/56.

"SUL" no seu vigésimo sétimo número. Uma prova de tenacidade e triunfo. A revista catarinense pode considerar-se incorporada à história da cultura brasi-

leira pelo seu esforço constante de revelar novos talentos e tudo fazer pela atividade literária e artística não apenas de Santa Catarina como também do Paraná e do Rio Grande do Sul.

Paratodos — Rio-São Paulo — Agosto de 1956 n.º 6

"Promoveram também exposições de pintura e chegaram a entusiasmar Marques Rebelo que em Florianópolis lançou os alicerces de um museu de arte moderna.

Jornal de Letras — Rio Maio de 1955.

A persistência com que a revista "Sul" vem sendo editada pelo grupo comandado por Anibal Nunes Pires e Salim Miguel sômente elogios calorosos merece. Aparecendo com regularidade ou irregularidade não interessa, o que vale é o espírito de luta imorredouro que se apossou desta gente nova que sabe o que quer e que vem construindo sem tutubelos o seu rumo.

O N. 29, último que recebemos traz um editorial de Eglê Malheiros atacando frontalmente o grupo na afirmativa corajosa de que Sul que foi sempre uma revista de juventude e mocidade caiu num marasmo, num "modus vivendi" perigoso e que "chega-se a desejar que surja um grupo novo, que nos chame de conservadores e valdosos, para que de novo se rompa o marasmo e nós próprios nos sintomas na obrigação de pensar, estudar e debater. Que a insatisfação nos torne presas novamente e que produza seus frutos". E conclui: "Se não mudarmos passaremos a função decorativa e teremos que reconhecer tristemente que "Sul" morreu".

Esta atitude desassomburada e corajosa revisão a que se propõe para a revista não é peculiar a outros grupos que se entregaram a um conformismo destruidor que há muito os consumiu na voragem da evolução.

Destacamos neste n. um caderno especial dedicado ao cinema nacional, com artigos de Salim Miguel, E. M. Santos e Alberto Cunha, além de um fragmento do roteiro da película "O Preço da Ilusão", ora em rodagem na cidade de Florianópolis e que tem como argumentadas e dialogistas a poetiza Eglê ("Manhã") Malheiros e o romancista Salim ("Rêde") Miguel.

Presentemente a revista trata de organizar o Clube do Livro SUL com o propósito de divulgar valores novos com edições uniformes em três séries: ficção, ensaio e poesia e com um livro brinde para cada série de seis livros retirados consecutivamente e em remessa pelo Reembolso Postal. Estamos absolutamente certos de que mais esta iniciativa da revista "Sul" será vitoriosa, pois o ânimo dos rapazes não é daqueles que se quebra na primeira refrega. Para melhores informações a quem desejar se candidatar, aí vai o endereço: — Revista SUL — Caixa Postal 384 — Florianópolis — Sta. Catarina.

Geraldo Carvalho

O Norte, 4-10-957.

Remessa de livros e revistas:

Av. Vasco da Gama, 521 — João Pessoa — Paraíba.

É sempre com satisfação que o meio intelectual aracaajuano acolhe a revista "SUL", editada em Santa Catarina por um grupo de líderes jovens, do movimento cultural daquele Estado. A seriedade, a consciência da missão que se propôs, marcam, número a número, essa publicação, já de âmbito nacional, e que começa a fazer-se conhecida também no estrangeiro. Com efeito, é órgão duma corrente de cultura independente, construtiva, sem entusiasmos passageiros, sem favores a "igrejinhas"

"SUL" não é um divertimento, uma cavação. Estacada contra o falso liberalismo artístico-literário, contra o vazio diletantismo, isto sim que é; lutando para sobreviver, não se tem amesquinhado, traído ou vendido.

...Núcleo de opinião e pensamento, vanguarda de idéias, "Sul", de Florianópolis, mantém-se fiel à diretriz primeira, e é por isso respeitada. Por justo prêmio, ganhou a certeza de não ser, já hoje um experimento, mas uma realização, não circunscrita ao sul, mas nacional. O número que nos acaba de chegar é, positivamente, dos melhores.

J. M. F.

(Transcrito do jornal de ARACAJU, em 31-8-57)

Recebemos o último número de "Sul", revista do círculo de arte moderna editada em Florianópolis, Santa Catarina e que já conta com 9 anos de existência, fato raro entre nós, em se tratando de revista essencialmente literária. Dizemos raro, pela razão de as realizações desse gênero não receberam o justo e indispensável amparo das autoridades competentes, em nosso país.

Não obstante, "Sul" continua aparecendo e o que é mais importante: cada número seu é mais uma afirmação da capacidade de seus diretores, que através das páginas dessa revista oferecem-nos trabalhos excelentes, alusivos a vários aspectos da Arte, numa ampla visão, assim, do que nos nossos meios estéticos se produz de expressivo e autêntico.

Revista UPC (União dos Propagandistas Católicos) — Belo Horizonte, julho-agosto, 1956.

Revista do círculo de arte moderna de Florianópolis, "Sul" já se impôs aos leitores sergipanos por um programa consciencioso de divulgação cultural e artístico, sem espírito de grupo nem recelos de contrariar as convenções da maioria e da mediocridade.

Diário de Sergipe, 5-7-1955.

... Pensamos em tudo isto ao receber de Santa Catarina uma série de coisas resultando desse movimento perseverante que tem como centro a revista "Sul". Essa gente de "Sul" é mesmo de se lhe tirar o chapéu!

Homero Silveira, "O Jornal", Rio, 19-6-1955.

Recebi com agrado o exemplar de sua revista "Sul", que teve a gentileza de me enviar. Embora um pouco "passado", sou admirador da arte e literatura modernas.

Conheço outras revistas do gênero — Joaquim e Clá — e por isso, acho que posso felicitá-lo pela sua. É preciso que se faça isso em cada Estado ou cada cidade do Brasil. Renovação, espanação.

Major Luiz da Cunha — Rio, 11-10-1948.

Recebi os números de Sul, gentilmente enviados. Fiquei muito entusiasmado com o movimento que vocês estão realizando e não tenho dúvidas quanto à qualidade do que vocês vão fazer ainda. Agradeço a simpática nota a respeito da minha visita a Florianópolis. Tenho a informar que ela se tornou realidade, graças ao interesse do Dr. Jorge Lacerda e à compreensão do Dr. Armando Simone Pereira, que fiquei conhecendo e do qual tive uma impressão das mais lisonjeiras. Contava, para o êxito perfeito da missão, com o apólo dos companheiros de SUL, tão interessados como eu na divulgação das belas coisas e no elevamento do nosso bem triste nível cultural.

Marques Rebelo — Rio, 3-9-1948.

O exemplo de Sul deve proliferar como bandeira revolucionária, afastando com a recuperação necessária de valores, a água parada das nossas letras... Sul vem a propósito... Era a resposta necessária e o grito de libertação necessário.

Dirceu Quintanilha — Rio, 5-9-1948.

Registramos, mais uma vez, com a simpatia que nos merece, a visita de SUL, a magnífica revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, dirigida por Anibal N. Pires. Trata-se de uma brilhante mensagem dos "novos" de Santa Catarina e que se incorpora, com o mesmo espírito de independência e o mesmo sentido de renovação artística e literária, a esses numerosos grupos de jovens que, multiplicando-se por todo o país, erguem sua palavra inqueleta e sugestiva através de vivas e palpitantes revistas.

Devemos assinalar que raramente assistiu o Brasil a um movimento tão intenso entre as suas novas gerações...

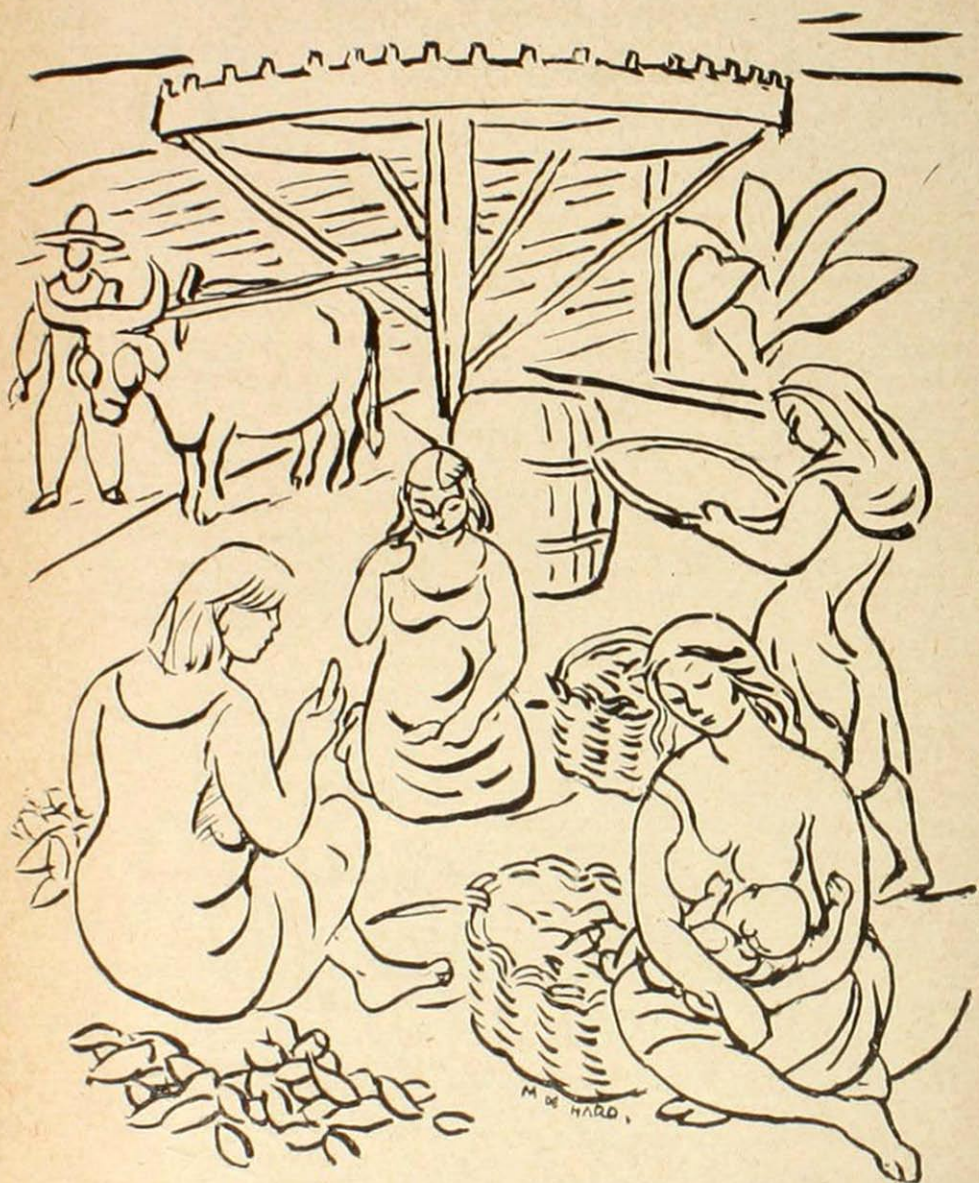
Supl. Lit. "Letras e Artes", Jornal "A Manhã", direção de Jorge Lacerda — Rio, 5-9-1948.

Agrada-me sobretudo a coragem desses grupinhos heróicos que, resolvendo fazer literatura na província, saem a campo. E, vencendo mil obstáculos, mostram que existem. As vezes que magníficas revelações nos aparecem!

Gevaldino Ferreira — "A Hora" — P. Alegre, 1/4/1956.

**ENSAIOS, ARTIGOS, DEPOIMENTOS**





Farinhada — desenho de Martinho de Haro



## DESENVOLVIMENTO LITERÁRIO EM SANTA CATARINA NO SÉCULO XX

(Do livro a sair "Introdução à História da Literatura Catarinense").

### UM PANORAMA FRIO

As duas primeiras décadas do Século XX passaram melancolicamente em branco na vida intelectual do Estado. Fenômeno comum para o Brasil, teve aqui determinantes especiais.

Primeiramente os resultados negativos das revoluções dos últimos anos do século anterior: Centenas de criaturas das mais representativas mortas em combates ou assassinadas no período Floriano-Moreira César. Depois, a anarquia econômica característica desses períodos. A imprensa, quando não andou amordaçada, esteve a serviço da politicalha dominante. Desapareceram as colunas literárias. Mesmo nos lugares de alguma tradição intelectual, quase não se editou, nem houve preocupações com livros. As ricas regiões do Norte e Oeste passaram a ser terra de ninguém. Disputaram-nas durante longos anos o Paraná e Santa-Catarina. Nesse interim foi-se desenvolvendo ali um foco de facínoras e bandoleiros da pior espécie, resultando, para aquelas populações, um período de intranqüilidade e pavor, que funestas consequências tiveram. Enquanto isso, grande parte do orçamento público era empregada na manutenção de forças policiais. Depois veio a guerra contra os fanáticos. A epopéia do Canudos revivia em quadros não menos tétricos e impressionantes nas terras contestadas. A guerra internacional de 1914-1918 encontrou os catarinenses em violentas lutas internas. Como se não bastasse, apareceu a "espanhola". A peste grassou, a princípio em casos isolados, depois com fúria voraz e mais algumas centenas de lares se enlutaram. Problemas administrativos, sem encontrarem solução racional nem técnicos que os entendessem, avolumavam-se, enquanto que o desenvolvimento da rede escolar se ia processando com incrível lentidão. Basta lembrar que até o fim do 1º quartel do século presente, o Estado não contava com uma só escola de ensino superior e apenas uma dúzia de estabelecimento de ensino secundário deveria atender os moços que desejassem algum conhecimento humanístico. Dessa maneira, arrastando-se, Santa Catarina chegou a 1920. Já, então, a não serem as disputas políticas, nada vinha seriamente perturbar o progresso vegetativo da população, dos seus hábitos e de sua cultura. Ressurgia a imprensa em vários municípios. Em Florianópolis, São Francisco do Sul, Laguna e em outras cidades formava-se uma pequena elite preocupada com problemas ligados à arte. Na capital, já alguns moços sobressaiam nas letras e talentos promissores estavam à espera de orientação

literária que jamais viria por faltar quem a pudesse oferecer. Apenas José Boiteux — que mau grado sua cultura barrôca, se tornara um idealista e um líder — pensou em agrupar aquêles escritores que surgiam como cactus verdejantes em meio àquele deserto intelectual. Veio daí a idéia de fundar uma agremiação literária de vulto. E a 14 de novembro de 1921, lia-se em O Estado:

#### SURGE A SOCIEDADE CATARINENSE DE LETRAS

“Amanhã, às vinte horas, no Palácio do Congresso Estadual, será solenemente instalada a Sociedade Catarinense de Letras. Por nosso intermédio ficam convidados a comparecer à dita os Srs. sócios fundadores: Alfredo Luz, Altino Flôres, Barreiros Filho, Heitor Luz, Henrique Fontes, Horácio de Carvalho, Ivo d’Aquino, José Boiteux, João Crespo, Joe Collaço, Lucas Boiteux, Laércio Caldeira, Mâncio Costa e Othon d’Eça. Igualmente convidados ficam os sócios eleitos mas ainda não empossados: Henrique Valga, Osvaldo Melo, Ogê Manneback, Oscar Rosas, Fernando Caldeira, Edgar Schutel, Gustavo Neves, Santos Lostada, Tito Carvalho e Firmino Costa — para os quais se reservam lugares especiais na assembléa ... (etc. etc.).

A reunião foi realizada com o êxito esperado pelo seu patrocinador. E assim se instalava, definitivamente, o cenáculo que, por alguns anos, reuniria alguns dos mais representativos vultos intelectuais do Estado. Daquele grupo, mais tarde surgiram grandes polífticos, oradores, professores, mas, exceção de dois ou três, mesmo assim por trabalhos versando assuntos científicos, ninguém se projetaria nas letras nacionais. Quase todos fariam nome na terra, alguns até se constituiriam sérios tabus, mas de sua obra literária não se tomaria conhecimento lá fora. E a razão disso talvez possa ser explicada por duas circunstâncias: Primeiramente, ficaram quase todos sem qualquer trabalho posto em volume. Suas produções foram de pequena tiragem e de quase nenhuma circulação. Em segundo há que considerar o anacronismo em que sempre viveram os nossos acadêmicos. Bastará lembrar que, por ocasião dos acontecimentos literários de 1922, os quais profundas modificações trariam para o panorama da literatura nacional, não se ouviu por aqui uma só voz pronunciando-se a respeito. Não houve opiniões nem para concordar nem para discordar. Simplesmente estavam todos alheios ao que se passava lá fora.

Em estudo individual, muita coisa haveria a dizer da obra dos que integraram a Academia Catarinense de letras. Entretanto pretendi evitar o rumo de uma bibliografia crítica dos autores mais recentes, preferindo rascunhar de longe um desenho do cenário todo. Sabe-se que um autor vivo é uma obra inconcluída. Assim, fugindo a qualquer análise, procurarei registrar os dois grandes movimentos literários que se realizaram por aqui no século presente.

Nem todos os que ocuparam as quarenta cadeiras da Academia

fizeram da literatura uma ocupação habitual. Muitos só escreveram por acidente. Parece que a escolha era feita com base nos méritos intelectuais dos candidatos que eram buscados nas cátedras, na advocacia, na oratória, na política, não importando que toda sua obra se resumisse num discurso ou numa dúzia de colaborações na imprensa periódica. Entre estes, quase todos tribunos, políticos e jornalistas, estão: Clementino Fausto B. de Brito, Alfredo Felipe da Luz, Luiz Gualberto, Dinis Junior, Edmundo da Luz Pinto, Heitor Pinto da Luz, Edmundo Acácio Moreira, Fúlvio Aducci, Joe Colaço, Adolfo Konder, Gil Costa, Haroldo Calado e Silva, José Dinis e Marcos Konder.

Outros, embora jamais reunissem em volume as suas produções em prosa ou em verso, quer pela dedicação mais ou menos constante com as letras, quer pelo apuro de seus escritos, têm sido considerados expoentes literários de sua geração. Estão neste caso Altino Flôres (história, crítica, jornalismo); Barreiros Filho (poesia, crítica, conferências); Gustavo Neves (ensaios, crítica, jornalismo); Mâncio Costa (poesia, estudos científicos); Ogê Mannebach (poesia satírica); Carlos Correia (poesia); Laércio Caldeira de Andrade (literatura religiosa, jornalismo, história); Manfredo Leite (literatura religiosa, crítica); João Batista Crespo (poesia); Maura de Senna Pereira (poesia);

Possuem obra publicada fora das colunas dos periódicos, apenas os seguintes: Oswaldo R. Cabral (história, antropologia, folclore, crítica, ficção); Tito Carvalho (ficção); Oswaldo Melo (ensaios sobre metapsíquica, ficção); Othon da Gama d'Eça (ficção, crônica, discursos); Henrique da Silva Fontes (filologia, crítica, história, trabalhos didáticos); José Boiteux (história); Arnaldo de S. Thiago (poesia, história), Arnaldo de S. Thiago (poesia, história, crítica, filosofia e religião); Lucas Boiteux (história); Ivo d'Aquino (direito); Nereu Ramos (discurso);

Pecaremos nessa visão de conjunto, se não lembrarmos que é muito desigual, quer no valor artístico, quer na linguagem, na escola ou nos conceitos, essa obra apresentada pelas duas gerações que antecederam o movimento modernista. Muitos tiveram seus ídolos e com eles marcaram sua obra. Alguns buscaram um estilo próprio e o conseguiram. Houve os românticos, os parnasianos, os realistas. Do simbolismo não ficaram traços fortes. De modernismo nem se falou.

Fora da Academia, mas pertencendo às duas gerações nela representadas, houve quem se dedicasse a escrever. Entre eles devem ser registrados: Carlos da Costa Pereira (história, filologia, crítica, traduções); Ildefonso Juvenal (ficção, história); Custódio Campos (história, folclore, traduções); Joaquim Madeira Neves (ensaios científicos); Henrique Boiteux (história); Trajano Margarida (poesia); Vitor Peluso (geografia, folclore); Saul Ulyssea (história); Lupércio Lopes (história); Renato Barbosa (direito, jornalismo); Castorina Lobo de S. Thiago (poesia); Antonieta de Barros (crônica); Carlos Buchele Junior (geografia); Juvenal Melquiades de Souza (ficção, poesia); Heitor Luz Filho (ficção, jornalismo); e outros. Exclusivamente no jornalismo, se des-

tacaram: Rubens de Arruda Ramos, Martinho Callado, Hermínio Millis, Rubem Ullysea e outros que, por todo o Estado, têm feito das atividades jornalísticas não só uma ocupação constante, bem como até um sacerdócio.

### OUTRA VEZ O MARASMO

O que se chamou de movimento modernista, no Brasil, foi uma atitude tomada até agora por intelectuais de duas gerações, em dois movimentos distintos. O primeiro que ocorreu em torno da semana de arte moderna, de 1922. O outro que teve caráter mais amplo em todo o país, aquele que se expandiu por volta de 1945. Embora não haja datas uniformes para fixarem essa segunda manifestação literária dos modernistas, poderemos tomar o período 45-48 como o mais significativo.

O primeiro movimento modernista não teve representantes em Santa Catarina. Os acontecimentos de São Paulo, as pregações de Mário de Andrade e Graça Aranha, a "nacionalização" de processos estéticos há muito em voga na Europa, nada disso despertou sequer a curiosidade em terras catarinenses. Passaram por aqui de avião, vindos do norte, e foram ecoar no Rio G. do Sul. O parnasianismo extemporâneo e as descrições de por de sol estavam ainda em moda e para muitos significavam toda a literatura. A Academia, que de qualquer forma movimentara os beletristas, paralizou com poucos anos de vida. Brigavam os acadêmicos entre si. Havia os que não toleravam que escapasse numa poesia uma silepse afoita, um pleonasma discutível ou um galicismo ansioso por naturalizar-se. À maneira de Rui, punham-se pela imprensa a desancar o pobre poeta que, se ainda não ganhara maturidade, escondia-se e não mais aparecia. Após uma grande interrupção nas suas atividades, a casa de José Boiteux voltou a reunir-se em 1938, para a recepção de quem, pela linguagem ou pelas atitudes literárias, foi o menos acadêmico dos seus membros, o lagunense Osvaldo Rodrigues Cabral que, quando estudante em Curitiba, por volta de 1925, inclusive integrou um movimento "antropofagista". Depois paralizaria novamente o cenáculo catarinense até os dias presentes, quando Othon d'Eça tenta reanimá-lo, talvez para imprimir-lhe feições novas e menos imortalizantes. De 1938 a 1946 as coisas pouco mudaram no cenário artístico do Estado. Muitos abandonaram as atividades literárias, outros passaram a produzir menos, raros continuaram a criar mais e melhor. E a natural absorção dos grandes centros continuava inexoravelmente a levar para fora do Estado vários dos seus valores intelectuais.

Por volta de 1946, o ambiente literário e artístico era dos mais desanimadores. Uma frieza mortificante pairava na atmosfera intelectual. Na música, apenas três pequenas orquestras lutavam em Florianópolis, Blumenau e Joinville para a divulgação de músicas românticas. Na pintura, meia dúzia de ultra-acadêmicos, com suas cabeças de velho, nas quais se poderiam contar os fios de cabelo da direita e da

esquerda, eram a nota alta do contemporanismo. Teatro não existia. Há vinte anos atrás, Mâncio Costa, Alvaro Ramos e outros haviam obtido êxito com revistas musicais. Delas ainda se falava, pois não se fazia mais nada a não ser pecinhas de chanchada ou dramalhões nos quais o vilão morria com balaços da cabeça aos pés. Na literatura, salvo sempre uma que outra honrosa exceção, pouca coisa melhor. Os jornalistas raramente iam além dos seus comentários políticos-partidários. Publicavam-se versos, alguns bonitos, bem metrificados, mas numa técnica desgastada que se prendia aos fins do século anterior. Mantinham alguma atividade o Instituto Histórico e Geográfico, e o Centro de Intercâmbio Cultural, órgão de estudantes. E quase só.

### UM SÓPRO RENOVADOR

Foi nesse ambiente e contra êle que surgiu em 1947 um movimento de largas repercussões, a princípio indeciso e que mais tarde ganharia extraordinário vigor, vindo mesmo a influenciar poderosamente na criação de um novo cenário.

Cinco escritores novos iniciaram êsse movimento: Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Eglê Malheiros, Salim Miguel e Antônio Paladino, aos quais logo depois se juntaram Êlio Ballstaedt, Walmor Cardoso da Silva, Archibaldo C. Neves, Pedro Taulois, Hamilton Ferreira, Claudio B. Vieira e outros. Êsses moços (alguns menos pela idade que pelo espírito) sabiam que certas manifestações artísticas aqui olhadas com tanta reserva e desprezo eram coisas velhas lá fora. Sentiam mesmo que o mais importante não era aceitá-las ou recusá-las, mas sim tomarem conhecimento delas. Pelo contacto que mantiveram com os escritores que de assalto assumiram o domínio das letras em todo o País, inteiraram-se dos novos rumos da literatura brasileira e não mais puderam conformar-se com a situação das letras na terra. Urgia fazer qualquer coisa capaz de sacudir os intelectuais para um despertar artístico. E foi o que se tentou fazer. A princípio, uns artigos pelos jornais; logo a seguir, o teatro. Ody Fraga adapta um conto de Sartre, que é encenado. O Círculo de Arte Moderna (como se chamava o grupo) organiza o seu Teatro Experimental e, pela primeira vez em Santa Catarina, vão ao palco Pirandello, Sartre, Casona, Tchecoov, Martin du Gard, Shaw, Garcia Lorca, em bons espetáculos dirigidos por Armando Carreirão, João Paulo S. de Souza, Hugo Mund Jr., Ody Fraga e Salvo de Oliveira, êste, mais tarde, já com o Teatro Catarinense de Comédia.

Ainda Ody Fraga, com **Pinóquio**, inaugura o teatro infantil no Estado. Em janeiro de 1948 aparece o primeiro número de SUL que, no decorrer dos anos se tornaria vigoroso veículo dos escritores novos. Em 1950 o escritor Marques Rebelo, a convite do Círculo, vem a Florianópolis com uma série de reproduções e originais assinados por pintores contemporâneos. Inaugura a exposição com uma série de conferências que, se causaram grandes choques, não os causaram menos que os quadros

expostos. Cubistas, surrealistas, expressionistas, e até abstracionistas assaltaram de cores e formas novas as paredes do Colégio Estadual, atraindo verdadeira multidão que vinha para rir e chacotear, ou meditar e aprender. Novamente não se pedia que o público concordasse com aquela arte, mas êle era convidado a tomar conhecimento do que havia pelo mundo.

Logo depois chega a vez da música. Edino Krieger e Koelreutter oferecem no Teatro Álvaro de Carvalho um concêrto de música atonal, precedido das necessárias explicações. E até Schoenberg foi ouvido na romântica Florianópolis. Chegou a fase das conferências, dos debates e das polêmicas. Várias circunstâncias haviam criado ambiente que propiciava debates literários. A propósito de uma publicação comemorativa ao bi-centenário de Goethe, tivemos a mais dura e longa de tôdas as questões literárias. Tudo partiu de um artigo de Élio Ballstaedt intitulado *Goethe e Os Novos*. Lembrava o autor ponto de vista já acaciano de que os gênios caracterizaram-se pela independência de criação, reagindo sempre contra os convencionalismos da época. Logo adiante citava o próprio Goethe como um exemplo, fazendo paralelos entre certas dificuldades literárias de sua mocidade com outras que eram presentes aos jovens de então. A contra-argumentação veio a seguir por uma das mais expressivas penas da Academia. Altino Flôres, representando o que havia de mais conservador em nossa literatura, encontrou atrevimento e demasiada audácia em conceitos expedidos pelo autor do artigo, principalmente no que se referia a "novos e velhos", e replicou o articulista. Não tardou a tréplica e por longos meses o leitor comum muito poderia aprender pela polêmica que se desenvolvia. Só porém o leitor. Porque os polemistas, como sempre acontece, continuaram intransigentes nos seus pontos de vista muita vez extremos e apaixonados. E até hoje não sabemos de duas gerações literárias que se entendessem tão pouco como aquelas duas representadas na célebre polêmica a que êles mesmos intitularam "Novos e Velhos".

#### O GRUPO DE SUL

Desde que seu primeiro número saiu à luz, em janeiro de 1948, a Revista Sul começou a desempenhar uma importante missão: levar a outros Estados brasileiros e mesmo a outros povos a mensagem literária de uma geração. Até então, revistas e jornais que, de qualquer forma, se haviam ocupado de literatura, mal ganhavam algumas cidades vizinhas àquelas de onde houvessem saído. Sul arvorou-se em embaixatriz da literatura nova de Santa Catarina e o conseguiu. Não discuto aqui o mérito ou a qualidade de tôda essa heterogênea matéria publicada nos vários números, em quase dez anos. Mas quero registrar que em Portugal com suas colônias, São Paulo e Rio, houve mais leitores do que mesmo em Santa Catarina. Se por ela os "novos" catarinenses se vão tornando conhecidos no exterior, do mesmo modo muitos escri-

tores de fora, até então desconhecidos aqui, têm sido divulgados em Santa Catarina. Artigos e ensaios versando sobre cinema, folclore, teatro, música, pintura, escultura, crítica, foram assinados por grandes expressões das letras portuguesas, brasileiras e hispano-americanas. Mas as atividades da Revista não pararam aí. Com o apóio de homens ilustres que têm estado à frente de governos, promoveu o lançamento de livros e cadernos, revelando vários escritores até então completamente inéditos. Até hoje foram publicados, nas edições Sul, os seguintes volumes: A Velhice e Outros Contos (Salim Miguel); A Ponte (prosa e verso, Antônio Paladino); Piá (contos, Guido Sassi); Contistas Novos de Santa Catarina (A. Boos Jr., Aníbal Nunes Pires, Antônio Paladino, Carlos A. Vieira, Guido Sassi, Hugo Mund Jr., José Tito Silva, Marcos de Farias, O. F. de Melo (filho), Osvaldo de Oliveira, Salim Miguel, Silveira da Penha, Silveira de Souza); Idade 21 (poemas, Walmor Cardoso da Silva); Réde (romance, Salim Miguel); Teodora & Cia (contos, A. Boos Jr.); Mauhá (poemas, Eglê Malheiros); A Morte de Damião (farsa em um ato, Ody F. e Silva); Macaco Prego (novela, Mathews Maria Guadalupe); Terra Fraca, (poemas, Aníbal Nunes Pires);

Da geração modernista cu dela próximos, mas sem se terem integrado aos movimentos de renovação, temos a registrar os seguintes escritores: Walter Piazza (história e folclore); Zedar Perfeito da Silva (história e ficção); Nereu Corrêa (crítica); Aiga Deeke Barreto (poesia); Lidio Martinho Callado (poesia e jornalismo); Eugênio Doin Vieira (poesia e crônica); Almiro Caldeira de Andrada (ficção e crítica); e outros.

#### PERSPECTIVAS

A respeito do que Santa Catarina possa apresentar num futuro próximo como contribuição ao patrimônio cultural brasileiro, creio que poderemos ser otimistas. Em todo o Estado processa-se um surto de desenvolvimento econômico — e nisso acompanhamos um fenômeno natural para todo o País — que oferecerá, sem dúvida, as bases materiais sobre as quais se erguerão mais escolas, mais bibliotecas, revistas e jornais. Outrossim já bem longe vão os tempos dos barcos à vela e as longas esperas de uma publicação enviada da Côrte. É possível aos intelectuais de hoje acompanharem de perto o que se faz lá fora e assim apresentarem uma literatura que se integre a um mundo presente, sempre presente. Em várias cidades do Estado processam-se animadores surtos de desenvolvimento artístico. Imprimem-se livros sérios, mau grado a fatura de pseudo-literatos que enxameiam por aí. A crítica, que deve ser a promotora dessa massa de leitores, está se desenvolvendo, criteriosa e oportuna, e por ela chegaremos a um grau de maturidade literária muito alvissareiro. Já diminui a migração de nossos intelectuais para o sumidouro do Rio de Janeiro. À medida que novas possibilidades econômicas surjam no Estado e, principalmente, a

exemplo do saudoso Gama Rosá, os nossos governantes entendam que é necessário ampararem os intelectuais, aproveitando-os na direção de vários setores de atividades no próprio Estado, substituindo as inoperantes nomeações partidários, então teremos aqui uma elite trabalhando tranqüila, para um futuro artístico melhor.

No mais, é esperar que as deficiências naturais de um povo adolescente sejam aos poucos sanadas. E um dia fatalmente teremos uma literatura bastante expressiva. Será quando todos nós nos integrarmos, com convicção, no verdadeiro espírito de uma cultura nacional — o que não impedirá a necessária participação nos problemas universais, parte de uma só humanidade que somos — e então, leitores e escritores, conscientes de nossas funções, possamos nos intercomunicarmos com a segurança das vozes úteis e dos ouvidos abertos.

Oswaldo Ferreira de Melo (filho)



## DEPOIMENTO DE ARMINDO PEREIRA



O romancista Armindo Pereira  
num traço de Celso Pinheiro

Um caso bem raro na literatura brasileira nos parece o de Armindo Pereira. É que, num país onde com vinte anos e um livresco publicado todo mundo já se julga gênio, este nortista que ama um bom bate papo, que possui dois livros de real importância no nosso cenário literário, não apenas começou tarde, como também declara que não se preocupa muito com publicar. Ora, isto que entre nós pode parecer bem estranho, é na verdade muito certo. Trabalhando calmamente sua obra, construindo-a pouca a pouco, vendo-a e revendo-a sempre, nunca se satisfazendo mas procurando atingir um nível mais e mais alto, Armindo Pereira se projeta hoje como um dos nossos mais importantes romancistas. Com somente dois livros publicados já possui o seu lugar marcado na literatura moderna brasileira.

Não basta, em literatura, ter o que contar. É preciso saber contar. É preciso que forma e conteúdo se entrossem de uma tal maneira que o leitor não perceba estarem ali forma e conteúdo, mas uma coisa única e acabada de tão coesa.

A nosso ver em literatura não há tema esgotado. No entanto durante um certo tempo se convencionou que literatura regional, mais especificamente ainda literatura do nordeste era um tema liquidado, que já se havia tirado d'ele o possível, nada mais podendo oferecer como contribuição quer para a literatura, quer para o estudo de um meio social.

Armindo Pereira não acreditando em tabús, renovou o tema, recriou-o dentro de uma linguagem própria; apropriando-se de uma temática tida ou por esgotada ou por exclusiva de determinados escritores, mostrou que não existem escritores "donos" de temas como também não existem temas ultrapassados. O que existe é maneira de tratar o tema, e a capacidade ou incapacidade do escritor de dominá-lo. Desde que um escritor, com visão pessoal do problema, com possibilidade de realização, com capacidade de transmitir ao leitor o que deseja, saiba como transmitir, ele pode construir sua obra com o material que se julga "ultrapassado".

Em seus dois romances, Armindo Pereira tomou de dois temas conhecidos; e com eles fez obra pessoal. Sua contribuição para a renovação do romance no Brasil é inegável. Com uma visão particular dos problemas, não titubeou em fazer da lenda tão conhecida da "Nega Fulo" tema para o seu segundo livro. Mas isto é o de menos. O que importa é o tratamento. E este ele soube fazer.

Aproveitando o lançamento pela Editora "O Cruzeiro" da segunda edição de "Flagelo", revista e ilustrada, procuramos Armindo Pereira para um depoimento. O que ele nos declarou — e que nos parece da maior importância — aí está na íntegra.

S. M.

Sou sergipano. Nasci em Aracajú, capital do Estado. A paisagem da infância é sempre a mesma: o riozinho banhando a cidade, as casas e as véses as próprias almas... No começo Aracajú não escapou a essa infância comum: o banho e o embalo das águas. Lá me criei.

Em Aracajú fui um dos diretores do jornal "Símbolo", que seguia a orientação do Dom Casmurro, daqui do Rio. Jornalzinho bêsta, que lançou um concurso literário com repercussão em vários Estados. E.

Deu-se a ares. E o pior é que mesmo assim foi o melhor órgão literário que já se fez em Aracajú, segundo a opinião das más línguas. Raymundo Souza Dantas foi um dos seus redatores.

No ano de 1941 me transferi para o Rio. Vim fazer o curso de Direito, e trabalhar para viver. Bacharelei-me pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, que não sei se ainda tem um nome tão pedante. Assim, enquanto estudava trabalhava para ganhar o pão de cada dia pois em verdade a vida nunca me foi fácil. E meu trabalho continuou a ser na imprensa. Trabalhei em revistas e jornais de vida efêmera: Vida Nova, Unidade, Fôlha do Dia, Comércio de Notícias, etc. Colaborei em revistas literárias, entre elas "Leitura", que reaparece agora.

Em 1944, quando Vinicius de Moraes dirigia o Suplemento do "O Jornal", tive dois contos selecionados e publicados no mesmo. Tal seleção era tida como um prêmio aos "novos" de então. No ano de 1945, quando Marques Rebêlo dirigia a seção literária do "Rio Magazine" tive igualmente um conto selecionado e publicado com bela ilustração de Percy Lau. Em 1950 concorri ao Concurso Literário do Jornal de Letras-concurso de contos — tendo sido premiado apenas pelo voto do mesmo Marques Rebêlo.

Mas em 1944 eu acabara de escrever meu primeiro romance, "Flagelo". Relendo-o, compreendi que não estava concluído. Deveria trabalhar mais. Havia muita imperfeição. Eu o escrevera de um jato. Porém não encontrando em mim nenhuma necessidade interior de voltar ao livro no momento, deixei-o de lado por algum tempo. De quando em quando fazia uma releitura e descobria novas imperfeições: o tema me parecia bom, mas a forma estava imperfeita. Até que consegui dar ao tema uma forma que me pareceu definitiva. Estava terminada a tarefa. Só então, em 1953, levei o livro ao editor. E nos comêços de 1954 era entregue ao público.

Sempre foi do meu feitio evitar aparecer como autor a todo transe. Só me interessava vir a público com alguma coisa que me satisfizesse. Sou contrário a pressa nesses assuntos. Qualquer que seja o gênero — conto, novela ou romance — acho que se deve meditar longamente antes de entregar uma obra ao público. Só depois de bem concluída ela merece a nossa decisão terminante. Cumpre ao escritor aguardar pacientemente o amadurecimento natural do seu trabalho concluído de um primeiro fôlego. A consciência de sua mensagem começa e depende desta decisão. Vã é qualquer pressa neste sentido.

Quando nós éramos crianças, todo fim de ano meu pai levava a filharada para veranear nas cidadezinhas do interior. Depois, a permanência como Juiz de Direito em algumas dessas cidadezinhas obrigou-o a se fixar em muitas delas, temporariamente. E então a criança passou a conviver na intimidade daquelas gentes humildes, em contacto diário com seus usos, costumes e sentimentos.

Numa dessas cidadezinhas — Vila Nova, às margens do São Francisco — hoje com o horrendo nome de Neópolis — é que se passa a história de "Flagelo". Vivi tão intensamente aquelas passagens, e convivi tão intimamente com aquêles bichos, pessoas e coisas que tive de fazer um terrível esforço de contenção pra não incidir num derramamento de pitoresco em prejuízo do essencial.

Fiquei satisfeito com minha estréia em livro pela "Organização Simões". Na batalha do livro no Brasil meu querido e denodado Simões é um autêntico herói.

Venho trabalhando nesta nova edição de "Flagelo" há dois anos. Revi-o amplamente. Melhorei e corrigi certas coisas que não me sa-

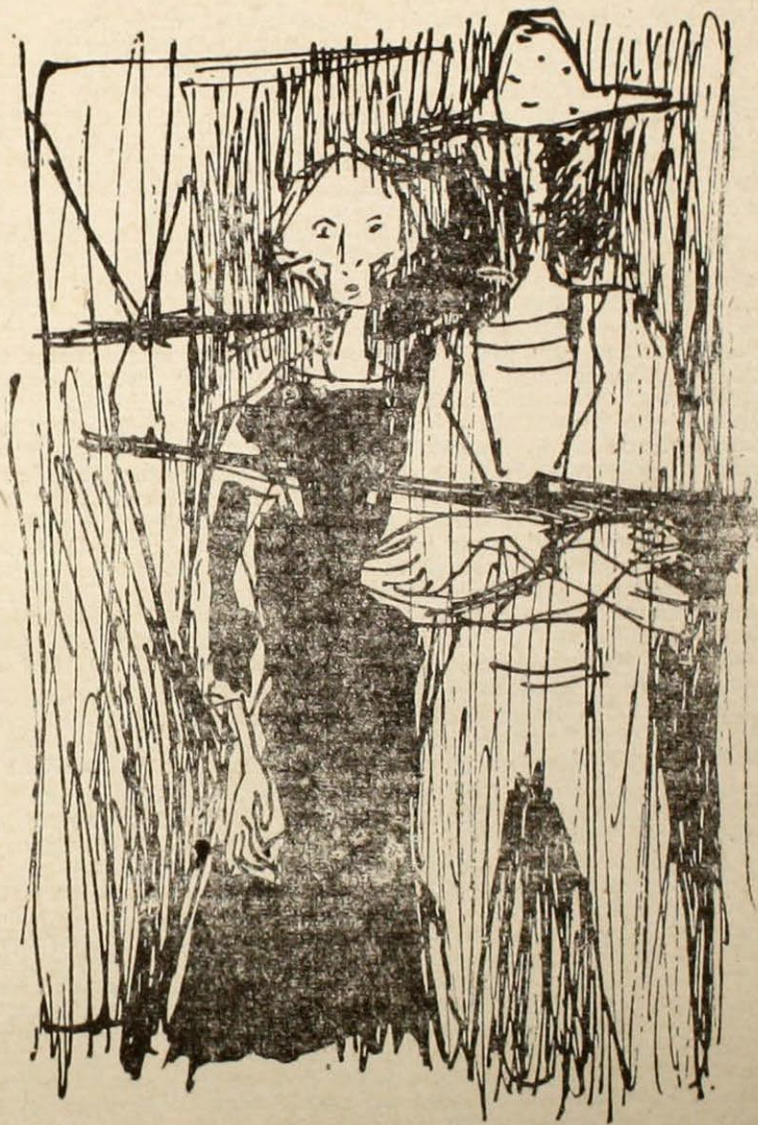


Ilustração de Darel para a segunda edição de *Flagelo*, romance de Ar  
mino Pereira.

tisfaziam mais no livro. Ampliei certa parte, principalmente a partir do capítulo Nove. Procurei retirar quanto me lembrasse as chamadas "influências literárias". Resultado é que o romance, que tinha 25 capítulos, passou a ter 34. É bem verdade que na sua maior parte ele permaneceu íntegro, com a forma e substância da primeira edição.

Quanto à apresentação gráfica do livro, pela editora "O Cruzeiro" — produto do arrôjo editorial de Herberto Sales — achei a melhor possível. Trata-se de uma edição com excelentes características gráficas e prefaciada por Brito Broca, o primeiro crítico a escrever sobre "Flagelo", quando do seu aparecimento, fazendo-lhe as melhores referências. Eu não ambicionava tanto, pois a obrinha é fraca e desmeçada.

Em outra daquelas cidadezinhas — Itabaiana, próxima à serra do mesmo nome — se passam as cenas de "Açoite", história que tem como pretexto da fabulação o mito da "negra fulô". Apesar de suas raízes no mito, é fácil ver como as passagens mais fortes do livro se cingem à realidade mais crua. "Açoite" era um pequeno conto, há alguns anos. Posteriormente avultou em minha imaginação, me exigiu maior densidade — desdobramento dos temas, da ação e da psicologia dos personagens — e tratamento mais apurado e mais penoso. Um processo de criação muito semelhante ao usado por Eça de Queiroz na transformação do conto "Civilização" no romance "A Cidade e As Serras". Terminando-o, em 1955, levei-o ao romancista Herberto Sales que o incluiu na "Coleção Contemporânea" da editora O Cruzeiro", em 1956.

Escrevo pouco. No gênero ficção, em 1944 escrevi dois contos. Em 1945 só consegui escrever um conto. De 1945 a 1949 procurei ler mais do que vinha lendo, e neste último ano escrevi "Flagelo". Em 1950, ainda trabalhando em "Flagelo", escrevi o conto com que concorri ao Concurso Literário do Jornal de Letras. Nos comêços de 1953 entreguei "Flagelo" ao editor e no comêço de 1954 estreitava com êle. Assim, somente três anos depois — do comêço de 1953 ao fim de 1955 — é que conclui meu segundo romance, "Açoite". Mas em verdade, desde 1945 que me vinha amadurecendo a idéia da transposição da história do conto "negra Fulô" para o âmbito do romance que afinal se chamou "Açoite" — pois o tema se prestava a isso. Como vê, pois, um lento e complicado processo de criação, difícil de explicar. Conto êsses fatos sem idéia de vaidade ou exibicionismo — e aí está para comprovar a verdade o número de Fevereiro de 1945 da revista "Rio Magazine", onde saiu originariamente a história de "Açoite". E se conto tudo isso é inclusive para me aclarar a mim próprio sobre o porque da criação literária.

Escrevo pouco, com dificuldade e penosamente. E por uma irresistível necessidade interior. E só quando sinto tal necessidade. Isso que todos conhecem: a catarse: — purgação ou purificação dos sentimentos e das paixões — como queiram chamar. Porém não gosto do que escrevo. Estou sempre descontente daquilo que acabei de escrever. Em verdade acho meus livros fracos. E não é que descreia da crítica, que tão bem os recebeu: tenho pela crítica o maior respeito. É que vejo em tão boa acolhida um grande gesto de bondade.

Não tenho nenhum plano para o futuro: só penso em fazer nova tentativa depois que vejo e sinto os resultados da última...

E concluindo, talvez extra literariamente, para mim a maior glória e grandeza que pode ambicionar um homem da nossa época, é a glória e a grandeza de ter descoberto a cura do cancer.

## GUIDO SASSI E "AMIGO VELHO"

Quando os jornais e suplementos literários dos centros maiores do Brasil se preocupam em revelar os trabalhos dos escritores dos Estados, como ocorre atualmente; quando esta preocupação se manifesta principalmente no gênero conto e quando Graciliano Ramos revoluciona entre nós as antologias de contos, mostrando o que ele pode captar nas Regiões brasileiras, dando-nos, portanto, uma visão global do assunto, acredito que se pode desde já abandonar o antigo critério de valorização local, usado nas críticas deste gênero, no tempo em que éramos ainda pequenas ilhas que se bastavam a si mesmas. Podemos dizer que o contista regional morreu. E regional não tem aqui o sentido de regionalista. Chamamos regional o contista que publicava seus trabalhos na Capital do seu Estado, era desconhecido fora e considerado "o maior" na terra natal. Geralmente, não possuía visão de conjunto ou visão total; estava alheio à realidade artística, social e política de seu país e desenvolvia, de preferência, histórias ditadas pelo individualismo da sua imaginação ou dos seus sentimentos.

O grande benefício que nos trouxe o que chamaremos "a descoberta dos Estados", além de alargamentos de perspectivas de muitos escritores, foi a preocupação pela técnica. Pouco a pouco, diluiu-se o diletantismo literário e nasceu, em contraposição, aquele sentido de que o escritor tem uma missão a cumprir, uma tarefa social, que se deve transfigurar artisticamente. Então, o esforço do escritor dos Estados para, afundando-se em problemas embora de âmbito local — que são a sua realidade — transportá-lo e amoldá-lo num clima de participação de totalidade, que, achamos nós, só é possível através do estudo e da técnica.

Os escritores dos Estados, portanto, são vistos hoje de outro prisma, isto é, são parcela indispensável e atuante para a compreensão de um pensamento nacional. E, quando Guido Wilmar Sassi, escritor catarinense, nascido em Lajes, que é conhecido já dos intelectuais brasileiros e tem contos transcritos em quase todos os jornais literários brasileiros, publica o seu segundo livro de contos, é preciso que um de nós, seus amigos e conterrâneos, diga alguma coisa a respeito.

"Amigo Velho" (1) não suporta, sinto-o dizer, uma comparação com "PIÁ", do mesmo autor. O primeiro livro de Guido Sassi, publica-

"PIÁ", do mesmo autor. O primeiro livro de Guido Sassi, publicado em 53, foi, na minha opinião, o melhor livro de contos das "Edições SUL", pela humanidade das histórias, pela emoção que os contos nos transmitem, pelo tema que desenvolve, realmente fascinante, qual seja, o da infância abandonada. E vale dizer aqui a injustiça cometida pela comissão julgadora do Prêmio Fábio Prado, a que concorreu "PIÁ" dando o prêmio a um livro de nível artístico indiscutivelmente inferior... Entretanto, os efeitos literários que o Autor conseguiu tirar em "PIÁ", a despeito da linguagem descuidada e das repetições excessivas, não apareceram na maioria dos contos de "Amigo Velho". Há até um acentuado desnível de qualidade das histórias, que não existiu no outro livro, surgindo um NOITE, conto excelentemente realizado, o melhor do volume e um dos melhores do Autor, e logo em seguida "PRECE DE CRIANÇA", em que o Autor descaí para uma narração chôcha e sentimentalóide, coroada pelo mau gosto da prece final.

(1) "AMIGO VELHO" — GUIDO WILMAR SASSI — Edições SUL — 1957 — Florianópolis.

O pinheiro é personagem constante do livro. Em torno dele, movimentam-se os seres humanos, vivendo os seus dramas diários, construindo os seus sonhos, que acabam em desilusões. O pinheiro é trabalho e alimento. Está ligado à existência dos homens, "podia ser considerado um membro da família". É companheiro de infância, transforma-se em amigo velho.

Mas, que sucede, quando um dia, pessoas estranhas surgem e corram e carregam, insensivelmente, esse nosso amigo de toda a vida?

"AMIGO VELHO" é o conto de abertura do volume. Desperta interesse até certa parte, pois a figura de João Onofre é delineada com firmeza. Há períodos, no entanto, em que o autor descamba para as figuras comuns, como o dizer, por exemplo, se o personagem fôsse pintor ou poeta, imortalizaria o seu amigo pinheiro em telas e versos... E o final, que pretende ser poético, é apenas, a meu ver, de um sentimentalismo bastante superficial, da mesma forma como em "Prece de Criança".

Em "CERRAÇÃO", Guido Sassi volta a ser o contista que sempre conhecemos. Bom trabalho, técnica mais apurada, tendo apenas como senão o já mencionado por Assis Brasil (e estou de acordo) no suplemento literário do Jornal do Brasil (pois o conto pertenceu ao volume "Contistas Novos de Santa Catarina".) Trata-se daquela comparação da névoa com o suor de todo o mundo (pág. 24), "o suor dos felás do Egito, dos párias da Índia, do cule chinês, etc", que cheira um pouquinho a demagogia. Este senão, no entanto, não prejudica o efeito a que se propõe o Autor na história, integralmente realizado.

"UMA HISTÓRIA DOS OUTROS" é uma experiência curiosa. "SER-RAGEM" descreve com força e realismo um acidente de serraria e neste conto, sim, Guido Sassi tinha campo para explorar o poético, intenção evidente do Autor em alguns trabalhos do volume. Há ainda a repetição em excesso do monte de serragem aumentando, aumentando...

O que mais admiro em Guido Wilmar Sassi, da mesma forma que em todos os contistas das "Edições SUL", é a descoberta e a exploração de um problema de coletividade humana; a compreensão de que os tormentozinhos individuais pouco valem e que a grandeza de uma obra se revela no que ela traga de elucidação ao trabalho e à vida dos homens. Se "Amigo Velho" não é um grande livro no plano estético (trata-se do segundo livro de um jovem, que vive num meio difícil, onde ser escritor é temeridade...) o é na sua contribuição para um conhecimento da realidade brasileira. Em Guido Sassi se percebe o homem atuante, que observa e compreende e, sobretudo, trabalha, para que algum dia sejam solucionados os dramas vividos por esta coletividade, que forma uma parte do sul catarinense.

Silveira de Sousa

## AMIGO VELHO

Guido Wilmar Sassi — Edições Sul — Florianópolis — 1957

— 77 páginas

Os defeitos e as qualidades andam paralelos neste livro de contos de Guido Wilmar Sassi. O autor catarinense, que deve ser jovem, tem uma temática impressionante em sua ficção, fruto sem dúvida de observações pessoais ou de experiências vividas. É certo mesmo que o escritor se preocupa em contar os seus casos o mais próximo possível da realidade, e aí é onde entra o primeiro grande defeito do ficcionista. Um dos trabalhos do volume, "Uma História do Outros", tema dos mais incisivos, não passa de uma história amarela, arrumada arbitrariamente, perdendo assim o seu interesse. Nesse conto, as referências às cartas, às publicações dos jornais, as alusões ao fato de um fulano-escritor estar escrevendo um romance baseado no mesmo tema que motivou a história, poderiam ser aproveitados de outra maneira se o autor não procurasse ser fiel à realidade o máximo possível.

E o que observamos em todo o livro de Guido Wilmar Sassi. O autor tem as suas vivências, fortes, impressionantes, temas dos mais cruéis e por isso mesmo de grande valor para a ficção, mas ainda falta apurar o seu instrumento, trabalhar a sua linguagem, limpar o seu estilo de coisas sem importâncias para a narrativa.

O autor de "Amigo Velho" explora os temas regionais, a derrubada dos pinheiros, a industrialização da madeira, cingindo-se no entanto ao drama dos homens que vivem naquela quadra de terra. "... o faminto, o pálido, o cadavérico, o esquelético, o raquítico, o sub-nutrido, o tísico..." O homem injustiçado, vítima do próprio homem. O forte romantismo de Guido Wilmar faz com que o ficcionista desapareça e tome o seu lugar o panfletista, o revoltado social.

Seu conto "Cerração", já comentado quando analisamos há algum tempo o volume "Contistas Novos de Santa Catarina", e que continua a ser o melhor trabalho que já lemos do autor, ainda traz uma certa "apologia" do suor humano, que o escritor teima em conservar na sua história. O mesmo acontece com o conto "Vagão", onde há um paralelo extraficção entre a escravidão do negro do passado e do presente. Em "Prece de Criança", há coisas assim: "Quando Melita voltar para casa, a verminose vai se instalar de novo nela. Virá a tosse, outra vez; virá a desnutrição, a miséria, os coices da vida..." "Tudo isso eu contava para Melita, sem nenhuma intenção de fazer literatura..."

O conto "Serragem" sem as duas primeiras páginas jornalísticas sobre a serragem, seria um ótimo trabalho. Em "Noite" há maior equilíbrio entre a concepção e a narrativa, salvo algumas observações de mau-gosto: "A casca não oferecia anfratuosidades capazes de lhe permitir o apoio dos pés". "Lá ficou, alguns instantes, a pensar ainda — imagem grotesca de Cristo esfarrapado e tísico, preso às avessas no madeiro".

"Amigo Velho", que dá título ao livro, é o mais romântico dos trabalhos do volume. Um velho que amava um pinheiro, e se "fôsse poeta, haveria de compor um poema dedicado ao seu pinheiro, immortalizando-o em versos. Mas êle não conhecia os mistérios da métrica nem os segredos da rima? O pinheiro é abatido, o velho se desgosta, sofre, adoence, acaba morrendo. Um carpinteiro tomou uns pedaços de madeira e fêz uma cruz para o pobre homem. "AQUI JAZ JÃO ONOFRE, e plantou-a na sepultura do tio. Porém o que nem Dico nem ninguém nunca soube foi que, por bondade ou capricho da sorte, os pedaços de madeira pertenciam ao pinheiro que alimentara João Onofre e sua família. Coincidência? Acaso? Destino? Sei lá o que..."

No seu livro, Guido Wilmar incorre noutro êrro grave e antigo. Não trabalha literariamente a sua linguagem regional. A fala do trabalhador nos é impingida fonética e gráficamente errada, justamente por querer o autor copiá-la do real. Esta é uma atitude ultrapassada na novelística. Há uma maneira de estilizar e valorizar artisticamente os vocábulos regionais.

Guido Wilmar Sassi deve ficar sabendo que há uma arte de narrar e que a simples transposição de fatos e pessoas reais para o papel não lhe confere o direito de pensar que está fazendo obra de fiscião. Esta é recriação, é reestruturação de linguagem e estilo comuns, tôda uma gama de situações apenas sugeridas pela realidade. O fator **sugestão** no conto é o que empresta ao mesmo uma qualidade artística; o não dito, o apenas esboçado (que os apelos à justiça e à moral sejam apenas lembrados ou configurados) é como o pano de fundo do conto moderno Completam o todo dramático e evitam pormenores sem importância na narrativa.

**Assis Brasil**

Suplemento Literário do Jornal do Brasil — Rio, 20-10-1957



## VIANDANTE NOVO (E EXÓTICO) EM CAMINHOS VELHOS (E SUPERADOS)

O público brasileiro foi surpreendido, em 1956, com o aparecimento de um livro saudado unanimemente pelos noticiaristas especializados do Rio como sendo um novo marco de nossa literatura: "**Grande Sertão: Veredas**", do escritor mineiro João Guimarães Rosa. Com excelente capa de Poty, bom aspecto gráfico e revisão esmerada, o romance conseguiu, em pouco tempo, o que muitos não logram alcançar em anos e anos de vida: um prêmio (em dinheiro), de cem mil cruzeiros dado pelo Instituto Nacional do livro), e um acirrado debate em torno de suas qualidades e defeitos.

Não houve, no país inteiro, um só crítico que deixasse de dar opinião sobre "**Grande Sertão: Veredas**". De uma maneira geral, os enaltecedores da obra de Guimarães Rosa apontam o ineditismo da linguagem e a técnica de narração, — que consiste na ausência absoluta de qualquer técnica, — como os pontos altos do romance. Por outro lado, há os que consideram intragável o livro e afirmam ser impossível chegar à página cinquenta sem ingerir duas dúzias de comprimidos digestivos, — tão maçante, cansativa e monótona é a sua leitura.

Efetivamente, "**Grande Sertão: Veredas**" é difícil de ler. Não pelos problemas que aborda (que são corriqueiros), nem pela complexidade psicológica dos personagens (que são primários). Mas pelo próprio estilo do autor. Maugrado o prestígio que desfruta, — mercê de dois livros anteriores, considerados como sendo muito bons, pelos que os leram, — Guimarães Rosa não conseguiu, nesse seu mais recente romance, ultrapassar os limites antes atingidos pelos que o precederam no tortuoso e áspero caminho da literatura regionalista.

Tivemos, no Nordeste, muitas experiências desse tipo. No Rio Grande do Sul, também. E em São Paulo, várias, por ocasião do movimento modernista. Poucas deram bons frutos. É que tôdas, ou quase tôdas, partiam de uma base falsa.

No Rio Grande do Sul, houve um contista admirável: J. Simões Lopes Neto. Reproduzindo, no papel, o linguajar da gente gaúcha, fixando-lhe todos os cacoetes verbais, e narrando histórias que tinham por base as peripécias da vida aventureira na campanha e na fronteira, — estruturou e realizou magníficas obras de arte. À faina do gaúcho, que consistia em montar e desmontar cavalos, e cuidar do gado, Simões Lopes Neto deu tratamento e dimensão artísticas, atingindo por vèzes a epopéia e o drama.

Foi mal compreendido, porém, pelos que lhe seguiram os passos. Autores mais novos do Rio Grande, de menos talento e menor capacidade artesanal, fazem contos e mais contos, poemas e mais poemas,

numa linguagem complicada, ininteligível, até mesmo para os próprios gaúchos. A coisa chegou a tal ponto, que há quem pense, seriamente, em preparar um dicionário gauchesco. Chamam a isso tradicionalismo. E acrescentam à sub-literatura nacional incontáveis produtos, todos advindos da má compreensão do problema, que consiste, na verdade, em aproveitar os dados da realidade social-regional para, trabalhando-os artisticamente, chegar à universalidade, — única condição em que a obra de arte é válida. Noutra situação, o romance, o conto, o poema, — serão meros repositórios de um linguajar falsamente característico, que ninguém usa, e de que ninguém sabe exatamente o significado, certo. Poder-se-ia, com muito boa vontade, dizer que se salva a intenção. Mas intenção, na arte, como na vida, não vale como dado para aferição de valor.

Há, naturalmente, mesmo no Rio Grande do Sul, as exceções. Érico Veríssimo, com o primeiro volume de *"O Tempo e o Vento"*. Ivan Pedro de Martins, com *"Caminhos do Sul"*. E mais recentemente, Heitor Saldanha, com os seus admiráveis poemas sobre os mineiros, e Manoel Walter, com o seu ainda inédito *"Continente de São Pedro"*.

Esse fenômeno, como já disse, ocorreu, em proporção maior ou menor, em vários Estados. E agora, infelizmente, associando-se a esse equívoco, aparece Guimarães Rosa, com *"Grande Sertão: Veredas"*.

Que é, em síntese, esse romance? A história de um jagunço (Riobaldo) percorrendo com o seu bando o interior de Minas e regiões circunvizinhas, matando aqui, amando acolá, ao léu da sorte e do infortúnio, — tendo como pano de fundo as suas incertezas e desvarios sobre as vantagens ou desvantagens de fazer ou não um pacto com o demônio. E no meio de tudo, presente em tudo, o amor de Riobaldo por um companheiro (Diadorin), que ele, nas páginas finais do romance, descobre que não é exatamente um companheiro: tratava-se de uma mulher vestida de homem e fazendo às vezes de um cangaceiro.

Esse enredo das mil e uma noites é desenvolvido em quase seiscentas páginas maciças, sem nem ao menos a divisão em capítulos, e até mesmo com a omissão de parágrafos, — que serviriam, em certas passagens, para quando mais não fôsse, para que o leitor pudesse tomar fôlego e prosseguir na leitura.

Narrado na primeira pessoa, indo e vindo, na mais completa desordem, na falta de estruturação romanesca a mais absurda, *"Grande Sertão: Veredas"* leva ao sono qualquer leitor menos corajoso, por mais boa vontade que este tenha. O prêmio de cem mil cruzeiros atribuído ao autor do livro foi injusto. Muito mais certo, muito mais humano, seria dá-lo ao leitor que conseguisse chegar ao fim de suas quase seiscentas páginas.

Aceita-se, no romance, qualquer técnica, qualquer estruturação, qualquer concepção estético-formal. O que não se aceita, porém, é

a técnica levada ao exagero, às suas últimas consequências. A técnica, **como técnica**, no romance, nada vale. É apenas um meio. Uma maneira de valorizar situações anedóticas ou psicológicas. Um recurso de que o romancista lança mão para chegar mais facilmente ao leitor.

Afinal, o que pode pretender o artista, na realização de sua obra? — Comunicação. A obra de arte, para ser autêntica, deve ter em vista transmitir algo a quem lhe sofre o impacto. Para chegar a êsse resultado, é que surge a técnica. Como **meio**, porém. Nunca como **fim**. Caso contrário, há malabarismo. Há exibicionismo. Há empulhação. E quando se quer ver malabarismo vai-se ao circo: compra-se um lugar bem próximo ao picadeiro.

Está havendo, aliás, em certos meios intelectuais, uma deturpação, uma tremenda falsa visão, sobre o valor real dos meios de expressão. Uma nova frisante disso (como evidência) é a crítica recebida pelo sr. Antônio Olinto ("O Globo"), de um leitor. A fim de aproximar leitores e autores, aquele jornalista criou, dentro do espaço que lhe é destinado diariamente para falar sobre literatura, uma sub-seção intitulada "A Crítica do Leitor". Do sr. Carlos de Menezes, residente à rua das Laranjeiras, 210, apto. 1304, são os conceitos abaixo, a propósito de "**Grande Sertão: Veredas**".

"... não é um livro comum, e isso salta aos olhos desde as primeiras páginas. Há nêle notável força criadora, muito mais expressiva do que a própria linguagem. Tudo ali, — a sinonímia com matizes diferentes e, em particular, a toponímia excelente e pitoresca, e o meio social e humano — se nos apresenta como algo inédito dentro de nossa moderna ficção; e é justamente êsse ineditismo, aparecendo ali como força criadora, que envolve o leitor e o leva ao mais maravilhoso passeio através de suas 594 páginas..."

Mais adiante:

"Usando uma terminologia popular, ressuscitando e dando novo significado a velhos vocábulos portugueses, ou mesmo fazendo uso de neologismos, dando novas formas a grande número de verbos, substantivos e adjetivos, pelo processo de prefixação, e lançando mão de expressões inteiras até então desconhecidas, o sr. Guimarães Rosa nos apresenta uma linguagem que tem foros de moderna, mas com raízes no português de muitos séculos atrás."

Como se vê, está acontecendo na literatura brasileira uma estranha volta ao passado, aos bons tempos parnasianos: autores e leitores, de uma certa categoria, ao enunciar juízos críticos, insistem por demais na valorização do aspecto formal, deixando de lado todo e qualquer esforço de análise e interpretação do conteúdo dos inúmeros romances e novelas que se publicam. Esquecem-se de que forma e conteúdo constituem (ou devem constituir) um todo uniforme, — e que justamente nessa adequação entre forma e conteúdo é que reside o maior valor de uma obra de arte, considerando-a pelo prisma estético, essencialmente.

O movimento modernista de 22, reinvidicando temas brasileiros para a nossa literatura, chegando por vèzes ao exagero de pretender criar uma linguagem brasileira, parece ter sido mal compreendido. "**Grande Sertão: Veredas**" é bem um exemplo dessa má compreensão. Guimarães Rosa foi além da experiência de Mário de Andrade: quis não só criar uma linguagem brasileira, como também uma linguagem mineira, — uma linguagem difícil que nem mesmo os mineiros entendem. Mas como a vez parece ser dos mineiros, aproveitou bem a maré. E o seu livro está sendo lido, ou melhor, vendido aos montões.

Outra ressalva que ninguém fez ao romance de J. G. R. — tratando de tema bem brasileiro, focalizando a figura lendária de um jagunço e suas andanças, o romancista mineiro ateve-se ao verbalismo estéril, nenhuma importância dando às implicâncias sociais que o tema **cangaço** por si só suscitaria. É pena que isso tenha acontecido. A literatura brasileira, com "**Grande Sertão: Veredas**" não tem, infelizmente, novos caminhos abertos diante de si, como tanto foi apregoado. O que se viu apenas foi o palmilhar repetido, monótono e esterilizante de um caminho superado há muito: o do regionalismo estreito e sem perspectivas maiores.

(x) "**GRANDE SERTÃO: VEREDAS**", romance, João Guimarães Rosa, 594 páginas, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1956, capa de Poty.

— Correspondência: Praia do Botafogo, 154 — Apto. 705 — Rio D F.

Esdras do Nascimento

## POSIÇÃO

### I

O encontro entre o homem e a terra traz, por vèzes, resultantes típicas de criação intelectual, como nos casos do poeta Raul Bopp e do romancista João Guimarães Rosa. Um e outro descobrem o meio ambiente e o homem de sua maneira específica, não através das relações diretas com a vida ou com a imaginação, mas antes pelas linhas orientadoras insufladas no folclore, do qual um processo técnico de expressão pessoal. Resulta desse fenômeno que o Brasil é apresentado dum modo todo realístico-imaginário na sua concepção primitiva, dada a chave de interpretação mágica usada. Daí, ainda, a força da linguagem do pensamento fabuloso do povo se desdobrar, se vivificar intensa e fundamente, com a comunicação do impulso primário. Já com Mário de Andrade (uma das figuras mais surpreendentes da literatura brasileira) se procurara insuflar a integração da literatura no mundo folclórico das massas humanas rurais, se procurara encaminhar a criação para o vasto campo telúrico dos mitos populares e da sua fantasia estranha, mas por isso não menos humna; assim, "Macunaíma" é uma espécie de roteiro do simbolismo da gente humilde do campo (que no Brasil deu a mistura de mil e um povos) e donde se pronunciou um renovamento de tipos míticos fundidos no amalgamento da literatura oral africana com a européia. Raul Bopp, com "Cobra Morato", lança na poesia moderna o apropriado registo emocional do folclore, conduzindo uma exponentização rítmica surpreendente. Agora, nos nossos dias, João Guimarães Rosa parte igualmente do folclore para concretizar as suas "estórias" — "Sagarana" e "Grande sertão: veredas", enquadrando-as nos exatos limites do seu espaço ecológico e regional, dum animismo densamente penetrante, colorido. E o largamento conceptual que apresenta realiza a transfiguração da terra e do espanto humano nas suas duplas realidades: a interior e a exterior.

### II

O homem desceu do bonde num esforço desesperado, como se naquela breve paragem estivesse a salvação do mundo. Carregava uma pasta ainda mais velha que o terno coçado, aquela roupa que não via ferro de passar desde esquecidos anos. Cabelo ao vento, olhos espantados de quem se julga perseguido, atravessou a rua por entre os carros, àquela hora apinhado tôdas as vias. E dobrando as costas, deixando os braços ao longo do corpo, entrou na quitanda. O dono olhou-o, fazendo cara de pau.

— Que há, moço ?

— Uma salada e meia de bananas, — respondeu-lhe o homem. Mudou a pasta de mão para procurar o dinheiro nos bolsos. Colocou no balcão uma nota de vinte, inconcebivelmente nova. Havia uma tremura nas faces, enquanto os olhos se mantinham estranhamente secos. Meteu a alface e as bananas dentro da pasta, quase esmagando tudo lá dentro para caber, e dirigiu-se para a porta.

— Eh, o troco! — gritou-lhe o quitandeiro. E enquanto êle voltava a traz, agucou-o — Ora, ora, velho: isso da mulher nos abandonar, doi...

— Que experiência a sua! — replicou-lhe. Meteu o trôco nos bolsos, num semear dinheiro miúdo, descendo na rua. O pensamento, enquanto caminhava, era como um fantasma perseguindo-lhe os ouvidos, atordoando-o: "a mulher deixara-o, levando os filhos com ela. A pequena casa terrea, nos fundos, parecia-lhe um enorme mundo vazio, gelado, sem a quentura dos seus. **Sim, doía, doía.** Era o mesmo que sentir-se uma pessoa perdida no sertão, fora do mundo, gritando para todos os lados sem ter resposta. E o rumor que soava nos ouvidos era sem significado, desconhecido. Apavorava. Nada havia que fizesse encher de novo a sua casa, nenhum calor humano a poderia aquecer. **Sim, doía...**"

No passeio, aos passos soavam frouxos e indecisos. Dobrou pelo portão dando para os fundos onde morava, parou junto da segunda porta da primeira casa e bateu. Lá dentro, os ferrolhos correram, e uma pequena cabeça loura assomou, curiosa.

— Olá, ti Bernardo!

— A tua mãe está?

— Ainda não.

— Bem, então dá-lhe isso. É tudo o que tu gosta. Salsicha, bolacha, chá, queijo, salada e banana. Tu hoje vai sonhar comigo, sim?

— Vou, vou! mas depois de comer!

O homem sorriu de ternura. Sorriu pela primeira vez, e os olhos choraram. Disfarçou, voltando as costas à criança que agarrava sofregamente na pasta, puchando-a para dentro. Mas o homem não viu, seguindo por donde viera, até se perder na noite. Foi preciso, dias passados, arrombar a porta da pequena casa onde morara, depois de esperarem em vão que voltasse...

### III

Nunca me importa de cantar  
com meu sangue e minha bôca,  
nada impede que nos braços  
te erga símbolo verdadeiro  
do mundo onde me quero!

Sinto no fogo das veias  
tôdas as tuas lutas — ai, vida!  
sinto nos braços a força

A paizagem está nestes olhos,  
as promessas nas minhas mãos.  
E na bandeira que desfraldo,  
o pendão das mil insitânsias  
que o homem abriu no peito.

Para que cantar velhas lutas  
e rememorar o sangue perdido,  
se une o livre me tens, vida-?  
Ah, o que importa é êsse ser  
mesmo que o fim seja brève.

#### IV

O ângulo nordeste da América do Sul, projetado até à África Ocidental, divide o Oceano Atlântico em duas conchas bem definidas: a setentrional e a meridional. A sua relação com o continente Africano é, dentro da disposição geográfica do nosso planeta, de especto funcional, dado que as duas grandes massas de terra comportam em si uma conjugação de particularidades. Mesmo na linha costeira essa semelhança é flagrante, o que explica os fenómenos que obrigaram as civilizações locais e um estacionamento em reduzidos meios, devido à dificuldade de comunicação marítima. Por terra, as correntes imigratórias, quer dum quer de outro continente, foram lentíssimas; além de grandes cursos de água, florestas tropicais e outras barreiras, só espeçadamente deixavam escoar os homens pelas suas difíceis veredas. A tendência natural era, tanto em África como na América do Sul, para a fixação para a simples, e não para a aventura da descoberta de outras terras (como no caso da Europa e da África, onde a conquista de novos espaços aparecia como um aceno de movimento das massas humanas). Os homens só se deslocavam por impelimento — desavenças, expulsão ou esgotamento das fontes naturais de abastecimento (caça, pesca e cultura agrícola). Daí, por conseguinte, o espírito militar ter sido sempre, em África e na América do Sul, de valor rudimentaríssimo.

#### V

O sentido da eternidade está no existir do próprio homem, não como aspecto de si mesmo, mas como confiança da sua perenidade através das gerações futuras.

**Augusto dos Santos Abranches**

## OSÉ LINS DO REGO

Com a morte de José Lins do Rego perde a literatura brasileira uma de suas figuras mais importantes. Principalmente o José Lins do ciclo da cana de açúcar, o José Lins memorialista, que nos dá um vasto painel de um determinado período da vida brasileira no nordeste. Figura humana impressionante, não sabemos qual o mais importante, no caso de uma dissociação, se o Zé Lins escritor ou o Zé Lins Pessoa.

A recordação que nós da "SUL" temos dele é das mais simpáticas. Foi em 1950, quando uma turma da revista fez uma visita de um mês ao Rio a convite desta outra admirável figura que é Paschoal Carlos Magno.

Muitos visitavam o Rio pela primeira vez — e com esta curiosidade de todos provinciano, desejavam conhecer o maior número de pessoas. Uma visita a Zé Lins era imprescindível.

Depois da visita, um convite para almoço. Levamô-lo ao Restaurante da Casa do Estudante do Brasil, no Largo da Carioca. Tínhamos resolvido fazer-lhe uma surpresa. José Lins do Rego recebeu a sua ficha, entrou na fila como todos nós, aceitou a coisa esportivamente, tivemos uma longa conversa, êle, com uma incrível boa vontade, escutava nossa interminável narração da viagem até o Rio, dos planos, dos sonhos. Não se fazia de escritor famoso, não posava de intelectual de renome — mas aceitava tudo naturalmente, conversamos como pessoas iguais, não uns desconhecidos com um dos nomes mais em evidência nas letras do Brasil.

Nos despedimos e dias depois fomos ver na coluna que êle mantinha no "O Jornal" a crônica abaixo:



## HOMENS, COISAS E LETRAS OS "BROTINHOS" DO SUL

José Lins do Rego

Os rapazes da "Revista Sul", de Florianópolis, deram-me um almoço, na Casa do Estudante, e para o balzaqueano foi uma honra e um encanto o convívio de gente tão cheia de vida e entusiasmo pelas letras. Compareceu também a comida um broto de Cataguazes, e todos estivemos numa conversa, a princípio, desconfiada, para depois chegarmos à melhor camaradagem possível. Os rapazes vieram ao Rio a passeio, e a bordo dum mínimo navio catarinense que, de tanto jogo, quase que matou o magro e ruivo companheiro de cabelos de fogo. As peripecias da viagem passaram como em film de aventura, onde entrou um D. Juan, o menor do grupo, que se deu a conquistas faceis, entre alegres senhoras que mudavam de pouso.

Senti-me rapaz, estudante de Recife, na convivência dos moços do Sul. O mineiro de Cataguazes, como todo bom mineiro, mesmo mineiro de verdes anos, sorria, ao modo da gente montanhosa. O ruivo Archibaldo Neves, o moreno Salim Miguel, o pequenino D. Juan, o alto e simpático que se sentou à cabeceira da mesa, todos me deram a impressão melhor que poderia ter. São todos naturezas possuídas pelo alto e superior gosto das letras e só aspiram as glórias das artes. Ouví-los e com eles entrar em debate sobre literatura é estar na intimidade dos que não se sujaram com as mesquinhas das competições espúrias. O mineiro levava o seu livro de poemas de estréia, "O Centauro", com uma dedicatória a caráter: "Para Zé Lins do Rego, lendo ou não lendo, esta homenagem". Deixei-os, na Avenida, e vendo-me cercado de tanta gente moça, o balzaqueano Jayme Adour da Camara, babado de inveja, gritou: "Cultivando a nova geração, seu José Lins?"

Não estava cultivando, no sentido da malícia do Jayme, homem de tantas malícias, estava honrado com as homenagens. E era muito.

"O Jornal" — Rio, 20-1-1950.

## MOVIMENTO CULTURAL DA BAHIA

Esteve em Florianópolis, participando da "Semana Jurídica", o jovem escritor Nemésio Leal Andrade Salles, secretário de cultura do centro acadêmico Ruy Barbosa da F.D.U.B. e pertencente ao grupo da revista MAPA, que se edita em Salvador. Tendo entrado em contacto com Nemésio, procuramos saber dele algumas informações a respeito do movimento cultural em Salvador e mais especialmente dos grupos de novos. Damos mais abaixo o depoimento que nos prestou ele, por onde se pode notar que o pessoal da Bahia não para e está sempre reagindo "ao culto passivo dos medalhões".

### Movimento cultural na Bahia

Observa-se atualmente, na Bahia, uma reação dos moços ao culto passivo dos medalhões. A gente nova da Bahia se volta para coisas novas. O marasmo intelectual, que vinha ali dominando, tende a desaparecer, desde que um grupo de jovens, estudantes dos cursos secundário e superior tomou a cargo um movimento sério de recuperação, e, sobretudo, de vivência com nossa realidade cultural.

### COMO SE TRADUZ ESTE MOVIMENTO

Partiu-se da JOGRALESCA. Poesia encenada, mas isso não exprime tudo. Tentou-se unir o recitativo ao cenário, estabelecer uma ambiência particular para cada um dos poemas utilizados. A Jogralesca, que começou sem grande estardalhaço, repercute agora em todo o país, como um dos movimentos culturais de maior relêvo dos últimos tempos. A 4ª Jogralesca contou com poemas de Vinícius, Paulo Mendes Campos, Murilo Mendes, Cecília Meireles, todos com excelente encenação de Calazans Neto. Houve ainda um fragmento do Narciso de Juana Inez de la Cruz, em tradução de Bandeira, que despertou grande admiração entre críticos e escritores presentes. Próximamente será levada a 5ª Jogralesca, que está sendo aguardada com ansiedade. A frente dessa realização encontram-se os jovens Glauber Rocha, Paulo Gil, Fernando Péres e Calazans Neto.

A revista "MAPA", que surgiu agora, é também uma faceta desse movimento. Seu primeiro número revela valores novos. Os números subsequentes trarão também muita coisa boa (o 2º acha-se no prelo). Há colaboração de Anísio Melhor, Glauber Rocha, poemas de Lina Gadelha, Albérico Motta (que se vem revelando também como crítico de cinema, publicando constantemente no "Semanário"), Paulo Gil, Zilmérico Rocha e outros.

"ÂNGULOS", a revista do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito, procura renovar-se, despojando-se do caráter um tanto cadêmico que vinha assumindo. Seu próximo número 12 revelará uma grande modificação, não só no seu conteúdo, como em sua apresentação gráfica.

### POETAS NOVOS DA BAHIA

Acabou-se de editar o livro "Samba de Roda" de Frederico J. de Souza Castro, com ilustrações em xilogravura de Calazans Neto. Dotado de um admirável ritmo, a poesia de Frederico exprime, nos sambas de roda, as alegrias e tristezas do carnaval, e a esperança do raio "que venha rasgar a neblina dos olhos da gente do massapé." Filho

## UM ESCRITOR PORTUGUÊS

Antônio Simões Jr. é um escritor português radicado na Argentina. Colaborando constantemente em jornais e revistas, Antônio Simões Jr. já se tornou um nome conhecido não só pelas suas colaborações, mas também pela honestidade que é como que uma marca da sua literatura. Publicando contos e ensaios, quer na recriação de sua terra natal, quer na análise de autores e obras, o tom dominante de Antônio Simões Jr. é a autenticidade. Uma autenticidade que se manifesta através de tudo que lhe sai da pena; uma autenticidade que é uma constante de sua obra.

É de grande importância o trabalho de divulgação que Antônio Simões Jr. vem fazendo. Divulgando, em notas e artigos, autores

---

de Santo Amaro, Frederico traduz, em poesia de alto conteúdo social, a vida dos grandes canaviais.

Ao lado de Frederico, está Florisvaldo Mattos. Embora só possua poemas publicados em revistas e jornais, Florisvaldo vem-se destacando como um dos melhores poetas da nova geração baiana, através de poemas como "Reforma Agrária", "Permanência do Aroma", "composição de Ferrovia" e outros.

Rocha Péres, um dos diretores da Jogralesca, inicia-se de maneira bastante feliz, através de curtos poemas, que apanham a realidade da vida comum e a transformam em poesia.

### TEATRO

O movimento teatral na Bahia é fraco. Esforços esporádicos não conseguem dar o resultado que seria de esperar, no sentido de uma união de bons atores para salvar o amadorismo ali existente. O teatro da Universidade, apesar da propaganda oficial, até o momento nada produziu. Espera-se que o sr. Martim Gonçalves, que se encontra à frente do mesmo, consiga dar ao público baiano algo satisfatório, no futuro.

### CINEMA

Na difusão do bom cinema, exerce papel de grande relêvo o Clube de Cinema, com apresentação constante de grandes obras. Tivemos em 57, apesar de crise verificada, filmes como "Hiroshima", "Salka Valka", "Les vacances de M. Hulot", de Jacques Tati, "Muerte de un ciclista" e outros.

Florianópolis, setembro de 1957.

**Nemésio Leal Andrade Salles**

brasileiros e portugueses, publicando trabalhos em revistas argentinas ou do Brasil e Portugal a respeito de escritores dos mais variados pontos da América.

Nunca será demais frisar que pouco ou nada nos conhecemos. Quem seria capaz de desconfiar que perto de nós há uma literatura viva, atuante, integrada ao homem e ao meio, de fundas raízes na terra?

Conhecemos muito melhor a literatura da Europa ou da América do Norte, do que a literatura Argentina ou Uruguaia. No entanto, também nestes países existem autores de real importância — e que por estarem mais perto de nós necessitaríamos conhecer.

Mesmo de Portugal, a não ser excepcionalmente, pouco ou nada se conhece depois da geração de Eça. Os que se consideram mais sabidos citam um Fernando Pessoa ou um Ferreira de Castro. Quantos conhecerão os novos autores, quantos conhecerão as novas gerações, com uma literatura de real importância, pesquisando, buscando novos caminhos, contribuindo — e em que condições! — para um melhor conhecimento da gente e terra portuguesa.

Embora na Argentina, Antônio Simões Jr. é um destes autores. Os dois livros que lançou, escritos em espanhol, são no entanto portugueses. Portugêses pela visão que o A tem das coisas, pelos temas que aborda, pelo clima que lhes é característico. Portugêses mesmo em espanhol.

Embora distante, nota-se que Antônio Simões Jr. é um saudoso de sua gente, profundamente enraizado na sua terra, infeliz não só por viver fora, mais ainda pelas condições difíceis que atravessam os seus. Neste sentido, "Vieja cronica de Olhão" é um grito de alarme. Antônio Simões Jr. capta com precisão e simplicidade o viver daquela gente, a sua psicologia própria, os seus costumes. Emociona-se e sente com eles, se alegra e se entristece com eles. Mais do que romance, é na verdade uma crônica, onde com olhar amigo e bom, compreensivo e terno, o A. vai contando, quase no tom dos velhos trovadores, o rimance de sua gente e sua terra. As figuras que atravessam o livro são plenas de humanidade, saídas da vida para o livro. Embora típicas, características de um determinado local, com seus modismos e costumes próprios, são encontradas em qualquer parte do globo. Daí esta característica universal num livro de tonalidade regional. Profundamente social, a obra está plena de simpatia e compreensão humana.

Se há algo a recriminar é principalmente o ter sido publicada em espanhol, o que lhe dá um tom um tanto forçado. Parece-nos que a obra necessitaria da linguagem original, a transplantação lhe tendo prejudicado a contestura artística.

"Pequenos burgueses", o outro volume, enfeixa uma série de contos. Aqui nos parece que a preocupação estilística é um tanto maior do que no livro precedente. Mas de novo ficamos no mesmo impasse, já que a obra, publicada em espanhol, deixa sempre algo prendendo, tolhendo-nos os movimentos para uma análise mais demorada.

De qualquer maneira é impossível negar ou ignorar a contribuição de Antônio Simões Jr. para a renovação da ficção... portuguesa, se nos é dado falar assim.

S. M.

## HISTÓRIA DE UM FILME

Na fase heróica dos Clubes de Cinema, quando o entusiasmo pelo cine-clubismo atingia seu "climax", um grupo de cine-clubistas porto-alegrenses — não satisfeitos com o que obtinham dentro do Clube de Cinema — entravam, após as sessões do mesmo, pela madrugada a dentro, discutindo, planejando um apostolado (essa a palavra exata usada no grupo) do bom cinema. Como esse grupo não poderia ser perfeitamente compreendido dentro dos moldes clássicos de um Clube de Cinema (embora dos mais eficientes, como o de Porto Alegre) paulatinamente foi formando um círculo de estudos cinematográficos dentro do próprio clube de cinema.

A princípio, as discussões só se operavam ao término das sessões cine-clubísticas, mas, em pouco tempo, o grupo já se reunia a qualquer hora, após as exhibições em cinemas comerciais de películas dignas de serem discutidas. Como para os iniciantes na arte cinematográfica muitas são as obras dignas de apreciação, o grupo passou a reunir-se diuturnamente, em uma obsessão sempre crescente de penetrar nos fascinantes meandros da sétima arte. Além de fugir sempre de terrenos onde seria impossível qualquer acôrdo, nenhum membro do grupo procurava ser mais brilhante que o outro, acontecendo cada um ensinar aos demais o que sabia (ou julgava saber) para ser alcançado o objetivo desejado: a formação de uma equipe de tal modo homogênea que capaz de assinar um trabalho cinematográfico com os méritos e deméritos do mesmo distribuídos igualmente por todos os seus membros.

O espírito de apostolado chegou a um paroxismo tal que se tornou impossível não se passar da teoria à prática, pois teoricamente ninguém faz apostolado mas sim candidatos a apóstolos (pois apóstolos de fato só o serão depois da ação). Foram ensaiados então os primeiros "cursos de cinema" realizados no sul. Com um programa preparado por E. Santos, assistido pelo entusiasmo e dinamismo de José Mauro Gomes de Mattos, o curso de cinema foi apresentado em uma ou outra entidade cultural, apoiado em projeções de filmes adequados, alguns verdadeiras raridades, descobertos aqui ou ali. Apenas um ou outro ficou na filмотeca do Clube. A grande maioria foi devolvida a seus legítimos donos, não havendo possibilidades financeiras para compra ou contra-tipagem. Mas as folhas mimeografadas ficaram e ainda hoje valem como programa de curso de cinema destinado a gente completamente leiga no assunto, formando um público heterogêneo e com limitado interesse. O caso era mesmo "de apostolado".

Outros ensaios foram feitos. Por exemplo: uma tentativa de expansão do cine-clubismo no sul, com o apóio aos grupos já formados ou a organização de núcleos onde houvesse gente interessada em mantê-los, seja no Rio Grande do Sul (Pelotas, Bagé, Canoas, Santa Maria, Cruz Alta, Rio Grande) ou em Santa Catarina (Florianópolis, Lajes, Laguna). Faltou a organização de uma federação ou de um centro de cine-clubes para impedir que os núcleos mais fracos desaparecessem.

Nessa época fez E. M. Santos uma primeira tentativa de unir cinema não-comercial e cinema-amador com o cinema de linha comercial. Havendo elementos no grupo que faziam filmes "particulares" mas com pretensões estéticas, entendeu Santos de colocá-los em contato com cine-amadores e formar equipes a fim de libertar uns e outros dos vícios do individualismo. Não havia ainda foto-cine clubes no sul e, ademais, era obrigação estatutária do Clube "estimular o cine-amadorismo". Foram assim reunidos elementos como Otto Stupakof,

(1) Hamilton Amábilie, J. Rheingantz, Gomes de Mattos, Glauco Rodrigues Corrêa, Nereu Góss, N. Nadruz, J. Leite, Nilton Nascimento, Irineu Tonon, Luiz Radomsky. Enquanto os demais encaravam as filmagens sob um ponto de vista amadorístico ou de cine-clubistas, Nilton Nascimento (2) pretendia fazer dessas atividades a sua profissão e, assim, tornou-se obrigatoriamente a figura mais realista e objetiva de todo o grupo. Para começar, organizou uma firma comercial ("Guaíba Filmes") e, contando com alguns elementos do grupo, foi ao interior do Estado filmar "Negrinho do Pastoreio" (3).

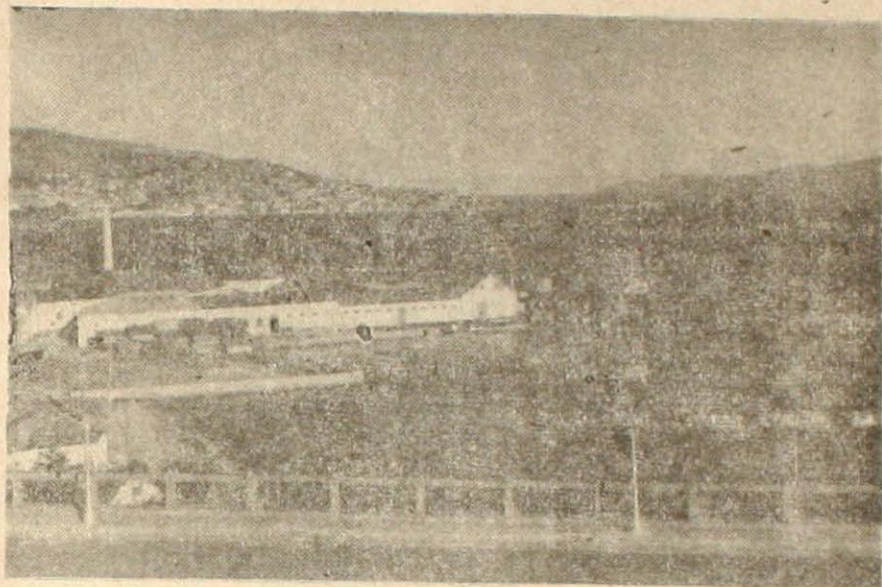
O primeiro filme consumiu todos os parcos recursos mobilizados. Foi aí que um elemento outro do grupo se aliou à "Guaíba Filmes": — Joaquim Rheingantz. De inteligência superior, sempre em dia com a literatura cinematográfica, muito beneficiou o grupo com sua assistência constante. Trazia de Pelotas o cinema no sangue, pois, rapazinho ainda, já havia feito experiências cinematográficas em sua cidade natal, que viu no mesmo reviver com brilho a tradição pioneira dos realizadores de "Crime dos Banhados", primeiro longa-metragem gaúcho, dirigido por Francisco Santos em 1913.

Embora recebendo a influência e o estímulo do grupo, J. Rheingantz fez de "O Porque" uma obra toda pessoal, bem sucedida sob todos os aspectos, menos o financeiro.

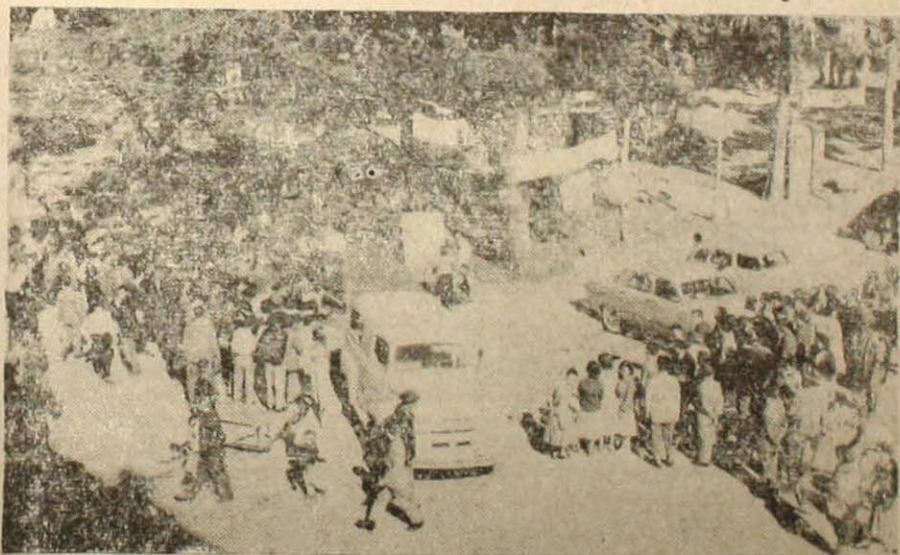
Contrastando com a categoria de "O Parque", fazia Nilton Nascimento filmes-publicitários e cine-jornais de má qualidade. A "Guaíba Filmes" marcava passo. Polarizara todo o grupo em um certo momento, mas ele praticamente ia deixando de existir. Um por um, iam os elementos mais ativos deixando Pôrto Alegre. Quando chegou a vez de E. M. Santos voltar ao Rio (4), voltou-se à situação antiga: de um lado Nilton Nascimento (e a "Guaíba Filmes") de outro lado os cine-clubistas. Ia a "Guaíba Filmes" iniciar uma nova fase — mais próspera — na qual, porém, só haveria de produzir filmes-publicitários e cine-jornais. E acabaria dispensando os serviços de Nilton Nascimento...

Paralelamente ao grupo que em Pôrto Alegre se entregava de corpo e alma ao cinema, um outro não menos entusiasmado se dedicava à literatura, nascendo como fruto do grupo literário, da gente moça e idealista catarinense, a revista "Sul". Os dois grupos não tardariam a se encontrar, mas só existiu uma colaboração mais íntima quando, radicado em Florianópolis, Gomes de Mattos constituiu-se em ponte com os cine-clubistas gaúchos. Renasceu então o Clube de Cinema de Florianópolis que, amparado por "Sul", cresceu e, com ele, um cine-clubista perfeitamente identificado com os que, em Pôrto Alegre, queriam que os clubes de cinema tivessem uma atuação mais direta, que fossem mais objetivos no "apostolado" do bom cinema: Armando Sívio Carreirão.

Aqui convém lembrar a influência exercida nos meios cineclubísticos locais por Glauco Rodrigues Corrêa que, radican-do-se em Florianópolis e recebendo todo o estímulo e apóio de Salim Miguel e do grupo de "Sul", reorganizou o Clube de Cinema e apresentou Nilton Nascimento e a "Guaíba Filmes" ao grupo de Santa Catarina. (5) Assim, quando da objetividade de Armando S. Carreirão nasceu a idéia de os elementos do Clube de Cinema de Florianópolis promoverem (inclusive com financiamento) a realização de um longa-metragem em Florianópolis, pensou-se logo em E. M. Santos para a orientação artística e em Nilton Nascimento para a orientação comercial e produção do filme. Por essas alturas estavam os dois radicados em São Paulo, após tentarem inútilmente mobilizar recursos para a filmagem de "O Contrabandista", argumento que E. M. Santos escreveu baseado em original de Simões Lopes Netto.



Vista do porto de Florianópolis.



Equipe Cinematográfica Alberto Cavalcanti em filmagem.

Registrado em São Paulo como produtor independente, estava Nilton Nascimento indeciso entre rodar um documentário no interior com E. M. Santos ou ficar na Paulicéia fazendo cine-jornais. Mas, já que Armando Carreirão oferecia as bases materiais e os recursos financeiros solicitados por Nilton Nascimento (mais tarde verificar-se-ia que eram insuficientes e Armando Carreirão teve de mobilizar o triplo do que lhe foi pedido) não foi difícil formar-se a "Equipe Cinematográfica Alberto Cavalcanti", empresa paulista, mas nascida — como se vê — sobre a base oferecida pelos cine-clubistas de Florianópolis.

A organização da "Equipe Cinematográfica Alberto Cavalcanti" provou na prática a possibilidade de cooperação entre cine-clubistas (representados por Armando Carreirão e o Clube de Cinema de Florianópolis) e a produção comercial (representada pela produtora paulista de Nilton Nascimento). E se é verdade que para atender aos interesses da produtora paulista (embora dirigida por um elemento com velhas ligações cine-clubistas) "O Preço da Ilusão", que é o título (por sinal excelente para atrair público de novelas — na opinião de meu amigo Lini, diretor de uma distribuidora comercial: a Acaíaca Filmes) da primeira realização da "Equipe Alberto Cavalcanti", tomou um sentido mais comercial que artístico, não é menos verdade que provou a possibilidade de perfeita harmonia entre técnicos, atores profissionais do cinema e cineclubistas, além de despertar um invulgar interesse pelo cinema nacional em Santa Catarina.

Muitos poderão alegar, com inteira razão, ter-se perdido a oportunidade de fazer "O Preço da Ilusão" uma experiência cine-clubista. Mas nunca o poderia ser com interesses comerciais em meio a interesses artísticos enfeixados em mãos de Nilton Nascimento, dirigindo também — como já foi dito — uma produtora paulista. Quantos ficaram a defender o espírito cine-clubístico (da cooperação sem limites, do debate franco e livre, da luta pelo "mais artístico") contra o espírito comercial? Creio que só E. M. Santos (e nem sempre). (6) Assim sendo, o resultado obtido por "O Preço da Ilusão" pode ser considerado bom.

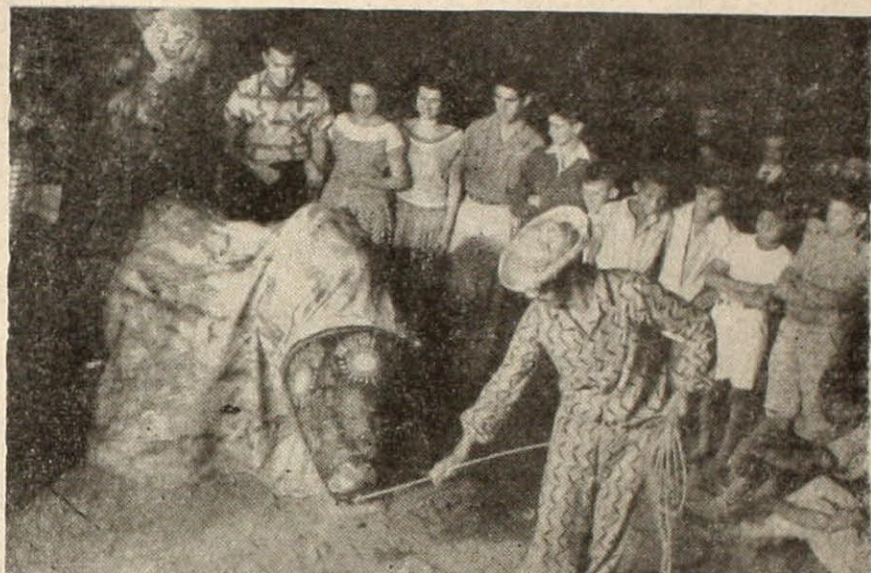
Mas, se "O Preço da Ilusão" não é o produto que se esperaria de um espírito cine-clubista, vem abrir caminhos para futuras experiências, bem como novos horizontes econômicos para o nosso cinema. Além disso, está muito acima do baixo nível de certas produções que envergonham o cinema brasileiro, não sendo mesmo de surpreender que venha a alcançar resultados artísticos dignos de nota.

Não deve ser esquecido que "O Preço da Ilusão" resulta da combinação dos mais variados elementos humanos. Profissionais do cinema como Nilton Nascimento, Elizeo Fernandes (diretor de fotografia), Alberto Cunha (maquiador), José Vedovato (diretor de produção e também ator) e Celso Borges (ator). Cine-clubistas como Armando Carreirão (produtor), Eglê Malheiros (argumentista), Salim Miguel (argumentista e dialoguista), E. M. Santos (roteirista e diretor artístico — único dos cineclubistas com experiências práticas de filmagens). Alguns elementos "prata da casa" improvisados em técnicos como J. Jorge, Eny Souza, Catulo Moraes, Carlos Vieira, Lia Nascimento, Paulo Dutra e José "Juca" Matos com algumas "revelações", notadamente a do último como eficiente homem de câmera. E, para terminar, uma legião de atores estreados, a maioria sem qualquer experiência artística, inteiramente calouros.

(Domingos de Gusmão)



(1) Elemento objetivo, Otto Stupakof organizara a "Miniatura Filmes", tendo feito um curioso filme posado, em bitola sub-standard, com a colaboração de Hamilton Amábile. Aliou-se à "Guaíba Filmes" para a realização de um projeto ambicioso, que ficou mesmo em projeto, por ter êle viajado para a Califórnia, onde fez um curso de fotografia, profissão que abraçou com sucesso artístico após seu regresso. Hamilton

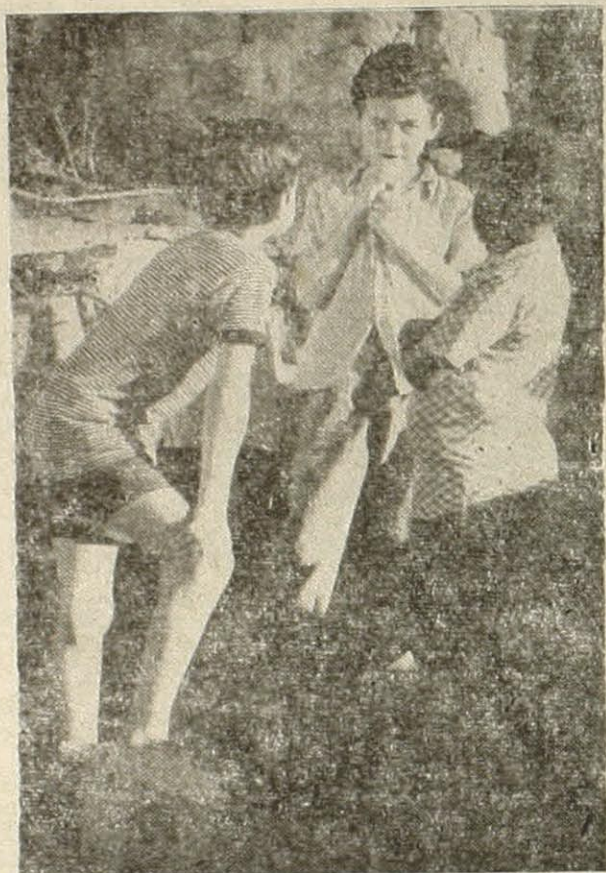


Bernúncia, uma das figuras mais originais e características do "Boi de Mamão", auto popular catarinense, semelhante ao "Bumba meu Boi" do nordeste.

Amábile foi dos raros a não deixar Pôrto Alegre, mas trocou o cine-clubismo por atividades teatrais. Há um projeto seu, desenhado com carinho e bom gosto por sua noiva, que desejo venha ainda a ser filmado.

(2) Assistente de Salomão Selhar em "Vento Norte", Nilton Nascimento se tomou de amores pelo cinema. Arrumou uma precária câmara cinematográfica e iniciou a filmagem de "Pôrto Alegre, Diário de uma Cidade" (?) filme que não chegou a concluir, embora se tratasse de curta-metragem. Como só pouco poderia fazer, procurou contatos, inclusive com o movimento cine-clubista. Escreveu-me E. M. Santos, em correspondência: "Eu já o conhecia de antes, mas foi nessa ocasião que nos tornamos amigos. Falou-me então de seus planos, sôbre o que desejava fazer em cinema, tudo me parecendo perfeitamente ajustado à realidade do ambiente porto-alegrense e gaúcho. Coisas perfeitamente viáveis e que coincidiam com os planos de meia dúzia de elementos entre os recrutados no quadro social do único clube de cinema que então existia em Pôrto Alegre. Soube então que Nilton iniciara um documentário, um trabalho sôbre um dia de vida da cidade de Pôrto Alegre. Tratei logo de incluir a projeção do copião na programação do Clube de Cinema, então a meu carro. Esperava que alguém se interessasse em terminar o filme ou em dar ajuda ao Nilton. Mais tarde fiquei sabendo

que aquêle copião é tudo o que resta do filme, pois os negativos foram perdidos num laboratório do Rio. Esse copião, mesmo sendo copião e incompleto, nos faz adivinhar que Nascimento, mesmo partindo do mesmo ponto que os autores de "Rien que les heures", "Berlin" ou "São Paulo" (filmes que seguramente êle nunca havia visto), ia fazer algo diferente, embora certamente inferior".



Três dos garotos que participam do filme "O preço da Ilusão". Ao centro, Emanuel Miranda, que faz um dos papeis principais.

(3) E. M. Santos preparou um roteiro sôbre a conhecida lenda. Nilton Nascimento levou-o para Cavalcanti ler. Cavalcanti leu e opinou (estava recém chegando ao Brasil e opinava a três por dois, o que lhe acarretou muitas antipatias): "O roteiro está ótimo, mas duvido que Você o possa realizar". Nilton na ocasião se ofendeu, talvez pensando que Cavalcanti pensava era em termos de dinheiro. E acertou plenamente, pois "Negrinho do Pastoreiro" terminou sendo supervisionado por um produtor de cine-jornais alheio ao grupo. É claro que o roteiro foi deixado à margem ...

(4) Mas não antes de rodar um filme que se chamaria "Eva e o Esporte". Impelido pelo entusiasmo de Gomes de Mattos, E. M. Santos concebeu e filmou um trabalho curioso. Mas regressou ao Rio antes de montá-lo e, assim, o filme foi feito em pedaços por Nilton Nascimento e Hamilton Amábile e transformado em cine-jornal. Foi pena, pois nunca se tinha feito no país, nem ainda se fez, algo parecido sobre um assunto esportivo.

(5) E. M. Santos, seja por seus escritos na imprensa, seja por suas atividades cine-clubísticas, já era conhecido pelo grupo de "SUL". Já estivera em Florianópolis, em "andanças cine-clubísticas", mas levado também pela amizade pessoal que muito cedo o uniu a Archibaldo Neves e Salim Miguel.

(6) Salim Miguel afastou-se da equipe (ao ver a realização tomar rumos que não eram exatamente os pré-estabelecidos), enquanto José Mauro Gomes de Mattos nem sequer chegou a integrar a mesma, incompatibilizando-se desde o início com a atmosfera comercial vinda, limitando-se a dar sua colaboração como ator.

## O PREÇO DA ILUSÃO

### Indicações Técnicas

EQUIPE CINEMATOGRAFICA ALBERTO CAVALCANTI

#### Ficha Técnica:

Produção: Armando Carreirão

Diretor de Produção: José Vedovato

Direção: Nilton Nascimento

Assistente de Direção: Domingos de Gusmão Santos

Direção Artística: E. M. Santos

Diretor de Fotografia e Câmera: Eliseo Fernandes

Assistentes de Câmera: José Matos e C. Paulo Dutra

Eletricistas: Mário Moraes e Osmar Silva

Maquinistas: Carlos Vieira e Catulo Moraes

Assistentes de Produção: Eny Souza e J. Jorge

Maquiagem: Alberto Cunha

Continuidade: Lia Nascimento e Luis Gorga

Título do filme: "O Preço da Ilusão"

Argumento: Eglê Malheiros e Salim Miguel

Dialogos: Salim Miguel

Roteiro: E. M. Santos

Canções (sobre temas folclóricos): Osvaldo F. Melo (filho)

Local de filmagem: Florianópolis. Época: atual.

#### Ficha Artística (elenco)

Lilium Bassanesi	como	Maria da Graça
Emanuel Miranda	"	Maninho da Silva
Celso Borges	"	Dr. João Castro
José Vedovato	"	Assis
Imar Carvalho	"	Edmundo Souza
Adélcio da Costa	"	Paulo
Sinova Wanderley	"	Lúcia
Muriço Martins	"	Roberto
Sileide Costa	"	Celeste
José Mauro	"	Ferreira
Miro Moraes	"	Miro Moraes
Felix Kleis	"	Cel. Flores
Lourdes Silva	"	Dona Olga
Mário Moraes	"	Mário
Claudionor Lisboa	"	Sr. Auto

## “O PREÇO DA ILUSÃO” — PELÍCULA CATARINENSE

O cinema é a arte do nosso tempo. Não só a arte do nosso tempo, mas também uma arte que atrai multidões, nenhuma outra antes dela tendo atingido camadas tão amplas de população. Sendo arte e sendo ao mesmo tempo indústria, o cinema por isto mesmo é uma arte mais complexa, mais difícil, que muito embora se valendo para se completar de todas as demais artes, possui uma linguagem específica, própria, que lhe é particular: a imagem.

Nenhuma outra arte exerce um tal fascínio quer sobre o espectador quer sobre o realizador. E a bem verdade deve-se dizer que não há um realizador no cinema. Só em casos excepcionais, como num Chaplin, realizando ele mesmo tudo, até a música. Ai sim poder-se-ia falar num realizador, num “dono” de filme. Nos demais casos há como que uma complementação, uma simbiose dos elementos os mais diversos e heterogeneos. Começando pelo argumentista, passando para o adaptador ou roteirista, chegando ao diretor e fotógrafo, para não falar no produtor, nos atores e em mil outros elementos que participam e que contribuem com uma parcela maior ou menor para aquilo que se chama de película, o cinema possui como nenhuma outra arte esta propriedade de ser multidão, de ser comum, não uno. E dessa composição de elementos diversos, contraditariamente, deve sair a sua unidade.

Atraindo como atrai, o cinema tem interessado a todo mundo, nos mais diversos países, possibilitando o aparecimento de obras primas não só em países de grande produção, como os Estados Unidos, a União Soviética, a França, a Inglaterra, a Itália ou ainda a Alemanha da fase do expressionismo, mas até mesmo, se bem que esporadicamente, em países onde a indústria vive a custa de sacrifícios e de teimosias. Assim vemos um México ao lado de seus dramalhões medonhos, nos dar algumas obras de arte com Fernandes e Figueroa; vemos a Espanha nos apresentar as obras de um Bardem; vemos países de grandes produções mas inteiramente desconhecidos para nós (como o Japão e a Índia) levantarem os primeiros prêmios em festivais de Veneza e Cannes.

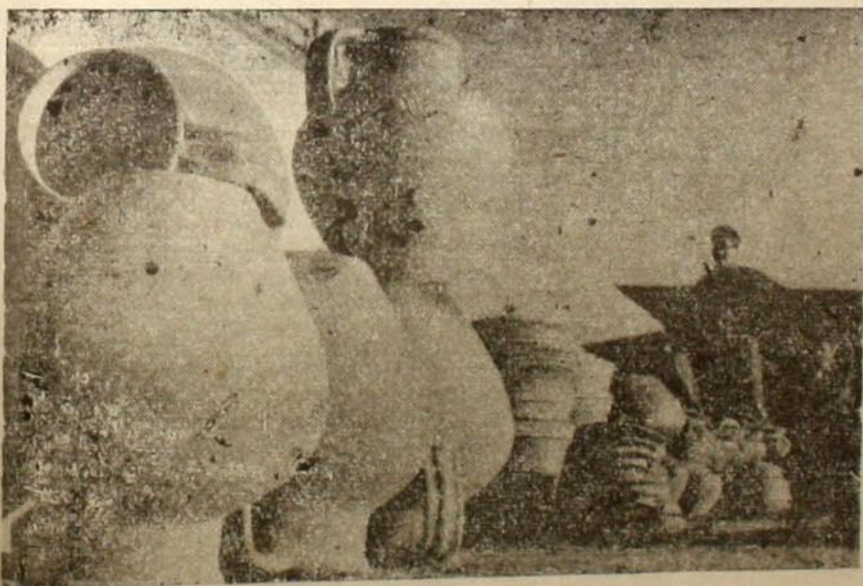
No Brasil o cinema começou cedo, mas até hoje não se tornou uma indústria estável nem possibilitou o aparecimento de grandes filmes. Ainda assim contam-se alguns filmes de nível regular e pelo um filme, considerado por todos que o viram, como um clássico do cinema. Trata-se de “Limite”, o famoso filme de Mário Peixoto, tão comentado e tão pouco visto.

Existem outras experiências curiosas de pessoas inteligentes. Mas já se disse, nunca sendo demais repetir, que o cinema é arte e é indústria. Sendo assim, enquanto não se estabelecer uma indústria fílmica em bases sólidas no país, dificilmente se sairá das tentativas, das coisas curiosas, das experiências de pessoas inteligentes e de bom gosto.

Com a vinda de Cavalcanti, a Vera Cruz quase chegou a ser mais do que uma experiência. Infelizmente isto não aconteceu. Em lugar de se realizar filmes de orçamento pequeno, para um mercado pequeno e limitado, procurou-se logo as super-produções, os filmes fautosos (mas não bons). E foi o que se viu. A Vera Cruz que poderia ter sido o marco para este cinema em bases industriais sólidas, não resistiu e encerrou suas portas. Com ela, outras produtoras que se iniciaram, também se foram. Atrás de tudo isto existiam, como é



"O Boi de Mamão", numa cena do filme.



Cerâmica catarinense numa cena do filme "O preço da Ilusão", película que pretende ser ao mesmo tempo crónica e painel da vida numa capital do interior.

lógico, interesses outros não desejando que o Brasil possuísse a sua indústria. Até hoje se vem lutando por um INC que codificará o cinema, que defenderá os interesses dos lutadores pelo cinema do Brasil.

Fonte de propaganda além de fonte de renda, o cinema não se vende, como também vende. E não deixa de ser uma maneira de penetração. Usos, costumes, tradições, novidades, tudo vem com o cinema.

Depois da Vera Cruz houve como que uma parada. O número de filmes por ano, que havia atingido um nível promissor, decresceu. Depois começou outra vez lentamente. Pequenas produtoras em São Paulo, os indefectíveis carnavalescos no Rio, um que outro produtor independente, tentativas nos Estados.

No Rio, Nelson Pereira dos Santos, com o seu "Rio, 40 graus", lança um filme em novas bases, levantando capital através de quotas, fazendo um filme fascinante sob certos aspectos, saindo dos estúdios para captar nas ruas a gente que passa. Realizado com sacrifícios inauditos, o filme, tanto pelo seu valor como por uma questão com a censura, teve grande repercussão.

Enquanto isto, nos Clubes de Cinema, ia-se teorizando, estudando, vendo os primitivos, os clássicos; formando enfim, ou procurando formar, uma nova mentalidade entre os espectadores, na maioria viciados por um cinema deturpador.

Mas os clubes de cinema limitavam-se a esta teorização, ninguém se aventurando a pôr em prática o que estudava e via.

Foi aqui em Florianópolis que se fez a primeira experiência. Que se não foi essencialmente uma experiência eminentemente cineclubística, teve algumas das características que, se aprofundadas, o tornariam nisto e o levariam a ser um filme diferente adentro das realizações já tentadas no Brasil.

Unindo teóricos e práticos numa mesma equipe, tomando de uma história ligada ao meio, entregando a sua adaptação a um elemento de proa do cineclubismo brasileiro e a sua direção a um outro elemento que já tinha experiência vasta no terreno da curta metragem, o produtor (e Presidente do Clube de Cinema de Florianópolis), tentava assim uma inovação no campo do cinema nacional. Se os resultados foram positivos ou não, é o que se verá dentro de breve, pois o filme já está na sua fase final, devendo ser concluído em meados do ano e logo em seguida lançado.

Que outros filmes idênticos surjam, enquanto não se consegue no país uma indústria estável, é de se desejar. Em centros maiores é mesmo possível não ficar-se apenas nas intensões e boas vontades, mas realizar-se um filme de sentido eminentemente cineclubístico, isto, se possível ou cabível, sem se perder de vista o aspecto comercial.

"O preço da Ilusão", primeira película rodada em Santa Catarina, serviu, além do mais, para interessar uma mais ampla camada nos problemas do cinema, dela já tendo até mesmo surgido uma pequena produtora (a "SUL CINE PRODUÇÕES") que está realizando uma série de jornais e documentários e que bem logo deverá se lançar no terreno da longa metragem, tendo já em preparo o primeiro filme. Como se pode ver, de qualquer maneira os resultados foram positivos.

## STANLEY KUBRICK E A NOVA GERAÇÃO DE HOLLYWOOD

Stanley Kubrick revelou-se ao Brasil através de "The Killing" (O Grande Golpe), seu terceiro filme de longa metragem e o primeiro realizado em bases, mais ou menos, industriais, embora com pequeno orçamento. A seguir tivemos a exibição de sua segunda realização de longa metragem "Killer's Kiss" (A morte passou por perto). Antes disso havia realizado "Fear and Desire" e alguns ensaios em curta-metragem, tais "Day of the flight", "Flyng Padre", etc., todos desconhecidos no Brasil. Todavia a amostra que tivemos já dá bem uma visão da personalidade do jovem realizador.

A revelação de sua arte nos chegou, de início, através de "O Grande Golpe", cuja importância foi realçada mais ainda pelo próprio fato, de ser o primeiro contado com o cineasta.

Desde logo, não se podia fugir às comparações, que se, de certo modo, impróprias ou injustas, não deixavam a obra de Kubrick diminuída, pelo contrário. Comparações devidas à influência, sem dúvida recebida, de cineastas que admirava, tais J. Dossin e J. Huston, e, a obras dêsses realizadoras às quais de certo modo e sob certos aspectos sua fita se aproximava — "Asphalt Jungle" (O segredo das jóias) e "Rififi". Não significa entretanto que "The Killing" seja inspirado em qualquer dessas obras, o que, no caso de "Rififi", seria até impossível, significa antes uma certa afinidade entre os filmes, que todavia, deve ser bem distinguida. Não significa também uma equiparação às fitas de Huston e Dassin, o que seria despropositado.

Sem dúvida a influência de Huston e Dossin se faz sentir, e não são raras as cenas inspiradas em passagens de filmes daquêles, e, bem assim, sente-se a influência do cinema sueco, em especial de J. Bergman (de quem, aliás, se confessa admirador, em entrevista recente), tais os episódios vividos por Elisba Cook Jr., o marido pusilânime e apaxionado, e Marie Windsor, sua mulher, insatisfeita e cruel, porém, se trata de influência benéfica e legítima, que nada tem de imitação.

Se há, entretanto, conforma o dito, inegável afinidade entre "The Killing", "Rififi" e "Asphalt Jungle", há também consideráveis distinções que urge assinalar. A aproximação é devida, de início, em vista da própria concentração da história em torno de um assalto, e a consequente fabulação estabelecida em três fases: planejamento, execução e destruição final dos integrantes das "gangs"; e mais ainda, pelo próprio sentido das fitas, integradas tôdas no mesmo processo de humanização do gangster, como personagem cinematográfico. No entanto há que distinguir diferenciações fundamentais, já na própria construção das obras. O filme de Dassin é marcado por um estilo musical, sinfônico, em que as variações individuais na exposição primeira do tema e as frases em surdina, contrapontuadas, dialogais, desenvolvem-se e aglutinam-se, para então atacar em conjunto, uníssono, e, a seguir, dispersarem-se num jôgo musical que se assemelharia a uma fuga; enquanto a fita de Huston, aparenta antes um bom romanesco, a fabulação evoluindo através do estudo minucioso e em profundidade das personagens, que são analisadas como um romancista as analisaria; em troca, o estilo entremostrado em "The Killing" é essencialmente jornalístico, vibrante e sêco feito

uma reportagem, todavia, se se pudesse dizer, de uma "reportagem artística"; a própria narrativa, marcada por sucessivas voltas no tempo, a fabulação desenvolvendo-se, sucessivamente, até determinado ponto, através do acompanhamento de cada uma das personagens, a seguir levando-os, em conjunto, a uma nova fase, para logo repetir o processo anterior, obrigando a câmara a um constante esforço para seguir e acompanhar as personagens individualmente, e assim em diante, até a destruição final de todos, num incansável ir e vir, não despedido de originalidade e interêsse, bastante curioso, pois êsse mesmo método de narrativa — dizíamos — é que lhe infere o caráter jornalístico. Entretanto seria equívoco imaginar que tal estilo vem prejudicar ou diminuir a fita, antes, até mesmo, é o que confere personalidade e lhe dá força, e, por isso mesmo que ultrapassa o jornalismo puro e simples. O estilo sêco, enxuto, agudo e elíptico singularizam a obra dentro do gênero, já por demais explorado e batido. Podia-se, ademais, acrescentar algo, que todavia não altera o antes dito, e por outro lado, mais aproximada a obra de Kubrick à de Huston; isto é, que "The Killing" não se caracteriza tão somente pelo bom jornalístico mas revela também, em Kubrick, o estilo e a marca de um contista, seja pela riqueza de episódios com que dotou a fita, sem contudo dispersar-se, seja pelo poder de sugestão que confere às imagens, seja pelo tratamento ágil e agudo com que marca as personagens e desenvolve a narrativa, ao contrário de Huston, que se demora no estudo das personagens, e cuja fabulação apresenta-se minuciosa, detalhada, rica em temas e assuntos vários, por vêzes grandiosa, e cujas idéias são desenvolvidas longamente, a modos de um romance, de fato. E mesmo nos episódios (já citado) do casal (Elisla Cook Jr. e Marie Windson), que pareceria, talvez, dispersão e alongamento desnecessário e inútil, tal não se dá, pois tôdas as cenas em que o tema é tratado achou-se de tal forma entrosadas na fabulação, e de tal sorte são precisas e exatas, que a menor supressão seria sentida e notada como uma falta, da mesma forma que uma frase suprimida faria falta a um conto de Tchecov ou Machado de Assis. Aliás o estilo de contista de S. Kubrick já se fizera notar em sua fita anterior "A morte passou por perto", onde a narrativa direta, a vivacidade da fabulação e o tratamento incisivo esboçado das personagens, a parte outras qualidades de cineasta autêntico, já prenunciavam a marca de sua personalidade.

Mas dizíamos, além, que "O grande golpe" ligava-se ao "O segredo das jóias" e "Rififi", pelo próprio sentido e espírito de que estavam imbuidas as obras, isto é pela humanização do gangster cinematográfico, pelo esforço de compreender, se não de explicar, o gangster como uma figura humana; porém, ainda aqui, há distinções fundamentais a assinalar. Na fita de Dassin, por exemplo, há uma tentativa de mostrar que o gangster não difere dos outros homens, uma preocupação em distinguir gangsters bons e mais, e todos envolvidos por problemas idênticos aos de todo mundo, como se Dassin quizesse dizer: "vejam o gangster é um homem". Em Huston o pensamento é bem outro, não se trata de mostrar que o gangster é igual aos outros homens, mas, ao contrário, que os outros homens é que são iguais ao gangster, o que é bem diverso, se bem pesado; e bem representativo dêsse aspecto é a apresentação e o estudo psicológico das duas personagens centrais do filme, o advogado falido e decadente (Louis Calhern) e o cerebral e cartesiano chefe dos gangsters e planejador do assalto (Sam Jaffe). Stanley Kubrick val ainda mais longe, e pretende sublinhar a superioridade do gangster sobre o



homem comum, pensamento êste, desnecessariamente ali expresso nas falas de uma das personagens (o lutador profissional), por sinal o mais falso e mais desequilibrado dos tipos presentes no filme. A única personagem segura de si, consciente de sua situação e de sua atitude, decidido, forte, é o gangster (Sderling Hayden), cuja personalidade ressalta e contrasta vivamente com as figuras amorfas, amendrotadas ou corrompidas, incoerentes, inconscientes ou covardes — cuja fraqueza constituía a maior afinidade — dos demais integrantes do bando, "simples homens comuns", conforme as palavras do próprio "gangster" à sua noiva.

—x0x—

Eis pois que "O grande golpe" nos põe frente a um cineasta, cuja personalidade artística não pode deixar ninguém indiferente, e cujo vigor e ousadia aliados a um cuidado extremo no uso da linguagem cinematográfica, na busca e na afirmação de um estilo penetrante, envolvente e pessoal, sugerem-nos a crença de que estamos diante da mais importante revelação do cinema americano, nos últimos anos. Se é compreensível considerar "Killer's Kiss" apenas como uma demonstração de talento, e, uma amostra de quanto um cineasta inteligente, sensível, e bem intencionado, pode realizar, mesmo trabalhando em condições de puro artesanato, de semi-amadorismo, aglutinado as funções de argumentista, cenarista, fotografia, montagem, direção e produção (e sob êsse aspecto, aliás, é um exemplo a ser considerado pelos cineastas brasileiros), se pode ser encarado apenas sob êsse prisma, já "The Killiny", entretanto, é um filme acabado, realizado, que vale por si e que já não pode ser subestimado ou ignorado por ninguém.

Seu próximo filme, recentemente terminado, "Paths of glory", já realizado em condições normais de trabalho, graças ao apôio financiamento da United Artists e da Kirk Douglas Prod., atraídas pelo sucesso de "The Killing", prevê-se como uma demonstração definitiva de seu talento e de seu valor, e, sem dúvida, o elevará ao primeiro time dos realizadores de Hollywood, ganhando assim, a nova geração, mais um importante elemento, na luta que levou pela renovação do cinema americano; geração esta, aliás, que se anuncia ainda mais promissora que aquela do após-guerra, de cujos talentos (E. DDumyck, J. Huston, T. Tetzalff, R. Wise, e mais W. Robson, F. Zimemam, J. Dassin, A. Mann, J. Losep, J. Berrp, J. Sturges, R. Rossen, N. Ray e tantos outros) não se podia duvidar, porém, que tiveram suas carreiras interrompidas, comercializadas, quando menos afetadas, algumas, não poucos, afastados de Hollywood, pela perseguição política e a incompreensão dos proslutores, e, que assim, não puderam cumprir cabalmente o papel que lhes estava reservado. A nova geração surgiu em bem melhores condições, quando a pressão "macartista" já se atemeava, e a política dos produtores, talvez como um dos meios de enfrentar a crise que os abalou, já se mostrava bem mais liberal, os diretores gozando de maior liberdade de trabalho, aceitando pacificamente, se não incentivando, a proliferação dos pequenos produtores independentes, abrindo as portas de Hollywood a novos elementos e possibilitando assim, uma incessante renovação de valores, nessas condições esta nova geração bem podido melhor desenvolver-se e vem prometendo, se não efetuando, numa verdadeira revolução no cinema Jankee, de uns dois ou três anos para cá; e ademais, auxiliados nessa empresa, pelos realizadores do apôsa-

guerra, ainda ativos e alguns no apogeu; e mais, pelos próprios veteranos, quando nada, por aqueles que ainda não se esgotaram.

São muitos os nomes a mencionar-se nesta geração, e cujas carreiras podem assumir altitudes ainda não suspeitadas. Antes de mais, Robert Aldrich, que ao lado de Kubrick, constitui a mais importante aquisição de Hollywood, nos últimos anos, e cuja contribuição a linguagem cinematográfica já o coloca ao lado daqueles cineastas, cujo poder inventivo, criador e imaginação artística, desenvolveram e enriqueceram o cinema como meio de expressão; e mais, não se pode deixar de citar nomes, como os de um Joshua Logan, cujas duas fitas ("Vicnic" e "Bus Stop") revelam um cineasta de sensibilidade, interessado em dominar os meios próprios do cinema, embora ainda prêsso a certas convenções teatrais e influenciado por uma das personalidades mais malélicas e perniciosas de Hollywood — Elia Kazan — diretor que jamais foi e provavelmente jamais será um cineasta, e, não se sabe bem porque, admirado por todos os jovens e iniciantes realizadores americanos, porém a inteligência, a ousadia e o poder inventivo de J. Logan, fazem-nos, mesmo assim, crer em seu futuro; e cimo êle, Richard Fleischer, S. Fuller, Phillip Dunne, G. Oswald, cujos talentos já se comprovaram em olhos fecentes, que se não atingiram grandes altitudes, mostraram-se, entretanto, reveladoras de personalidades artísticas, nas quais se pode confiar; e, entre os inúmeros atores que se transformaram em diretores, no mínimo dois nomes são de guardar-se, Burt Lancaster e Charles Langhton, o primeiro com um filme singelo porém original e expontâneo "The Kentuckian" (Homem até o fim), e o segundo com uma fita (em que pese as restrições que se façam) impressionantemente bela ("Mensajeiro do Diabo") e para a qual, Langhton contou com a colaboração (cenário) do crítico e poeta James Agee, quem, sem dúvida, o filme deve muito de sua poesia e de sua atmosfera.

Para citar-se apenas alguns nomes, pois muitos são os outros, talentosos e promissores, porém já suficientes para revelar a extraordinária vitalidade do cinema americano atual.

Marcos Farias

JEAN VIGO — P. E. SALES GOMES — ED. DU SEWIL —  
PARIS — 1957

Eis um livro pesquisado, estudado, pensado e escrito com critério, cuidado e inteligência. E não podia ser de outra forma, pois seu autor Paulo Emílio Sales Gomes é homem competente no seu ofício, conhecedor de seu métier, um caso mesmo excepcional no precário meio de nossa crítica de cinema; sua coluna no suplemento literário de "O Estado de São Paulo" é acompanhada, lida e considerada por todos que se interessam pelo cinema como fato cultural e como arte; e mais, sua atividade como fundador e diretor da filмотeca do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, hoje Cinemateca Brasileira, já granjeou renome internacional e admiração de todos, seja pelas atividades de conservação de filmes, seja pela de programação e divulgação; e ainda, como integrante da Comissão Nacional de Cinema seu nome é uma garantia em motivo para confiança.

E pois, sendo Paulo Emílio Sales Gomes quem é, este seu livro não poderia ser diverso do que é, obra excelente, de interesse amplo e imprescindível para os que estudam e acompanham o desenvolvimento da arte cinematográfica. O livro nasceu do amor e o respeito pela obra de Jean Vigo, com a qual o autor travou conhecimento, gostou, apaixonou-se e passou a estudar, durante os diversos anos que viveu em Paris. A edição é francesa, por isso que, naturalmente, o interesse pela personalidade de J. Vigo é bem maior na Europa do que poderia ser entre nós, e depois, porque mesmo é demasiado restrita a preocupação pelo cinema no Brasil, haja vista a reduzidíssima literatura cinematográfica editada por estas bandas.

O livro é antes de tudo um trabalho de pesquisa paciente e cuidadoso, mas que se apóia numa interpretação da obra e da personalidade do cineasta. O ensaio nasceu mesmo dessa interpretação e mais do esforço de bem compreender a realização artística de J. Vigo, visivelmente incompreendido e mal interpretado na época em que produziu. O cineasta era olhado como uma "jovem esperança", um "talento promissor", etc., etc., e toda a "crítica oficial" francesa — para usar as palavras do autor — lamentava haver o cineasta morrido tão jovem, antes de poder "realizar sua obra"; e somente no após-guerra, é que sua obra passou a ser olhada e considerada de um novo ponto de vista, não mais como uma "promessa" mas como um valor, como uma realização válida em si e por si; com este propósito — mostrar, demonstrar e compreender a obra de Vigo como uma das mais importantes realizações artísticas do cinema — é que se encaminha e se propõe o ensaio.

Embora dividido em cinco capítulos e um apêndice, a bem ver, o livro se compõe de três partes fundamentais. A primeira, biográfica, inicia com um breve mas interessante capítulo sobre Almereyda — pai de J. V. — cuja vida atribulada é relembrada em traços gerais mas agudos, desde seus comêços como anarquista militante,

vida de miséria e prisões constantes, mais tarde líder radical famoso e jornalista celebrado, diretor de jornais, meio um tanto aburguesado, até sua prisão, ocorrida em vista de escandalosos e celeberrimo processo, onde era acusado de traição à França e conspiração com o alto-comando alemão (1917), e sua morte, envolvida em certo mistério, na cadeia, e com toda probabilidade de haver sido assassinado pela polícia, capítulo este que, por contrapartida, indiretamente sugere a infância do cineasta, até os 12 anos, quando morre Almereyda; a seguir um longo capítulo sobre a adolescência e juventude doentia e atribulada de J. Vigo, sua passagem por internatos de colégios provincianos, sua vida vivida em casos de parentes, suas frágeis relações com sua mãe, seus estudos, sua doença, posteriormente seu casamento, seus primeiros passos no cinema, sua carreira, e ainda um capítulo sobre sua morte; e assim, bem situada a personalidade do cineasta, melhor se compreenderia sua obra, tema da segunda parte do livro, constituída por dois capítulos dedicados, respectivamente a "Zéro de Conduite" e "L'Atalante", e longos trechos de outros capítulos, concernentes a "A Propos de Nice" e "Paris", parte propriamente interpretativa, onde é estudado e acompanhado, minuciosamente, o processo de criação e de realização dos filmes, e bem assim, a carreira dos mesmos na França e na Europa em geral. Enfim a terceira parte, constituída pelo apêndice, estuda a carreira da obra de Jean Vigo, desde seus maus inícios na década 1930/40, até a nova tomada de contato com a obra, no após-guerra, e desde então, a conquista lenta mas entusiasmada da crítica e do público, através dos diversos países da Europa e da América, carreira de cujo sucesso definitivo este livro é complemento ativo e atuante.

Eis pois o livro, malmente resumido, cuja leitura mostra-se indispensável a quem quer que pretenda travar conhecimento com a obra do extraordinário cineasta, e bem assim, compreender o papel e o lugar de sua obra no cinema francês. Objeto de não pequeno interesse, pois conforme bem escreve o autor (pg. 267). "O lugar de Vigo no cinema francês é considerável. A relação dos cineastas franceses cujas obras, a parte sua significação momentânea ou interesse histórico, têm, por seu valor permanente, constituído uma contribuição à cultura cinematográfica Méliès, Cohl, Linder, Gance, Clair, Renoir e Vigo) é pequena e poderia ainda, a rigor, ser reduzida. Se, com rigorexagerado, se reduzisse esta relação a quatro nomes, o de Vigo não seria eliminado. A obra principal de Vigo, situada no tempo por "Le Million" e "La Règle du Jen", domina com a de Renoir e a de Clair, o cinema francês moderno, isto é, aquêles dos anos trinta".

Marcos Farias

## UMA EXPOSIÇÃO DE DESENHOS

Não é crítica, não é nada. Apenas ligeiras impressões sobre o trabalho de dois jovens artistas, Hiedy de Assis Corrêa e Ernesto Meyer Filho, que assisti calmamente ali no Instituto Brasil-Estados Unidos enquanto dois americanos batiam papo na sala ao lado. um bate-papo complicado, borbulhante, dando a impressão que deixavam escapar bolinhas de sabão pela bôca.

Embora nascido em Curitiba, Assis Corrêa, como artista, é catari-nense. Florianópolis nunca foi tão bem retratada como naquela série de aguarelas, óleos e nanquins expostos no Instituto. O fato, entretanto, de transpor em desenhos motivos de uma cidade, seja ela Florianópolis ou Passárgada, pouca importância apresenta. Interessa, isto sim, o modo como o artista explorou os seus temas, a solução plástica que transmitiu à êles, impondo ao expectador, diante de cada quadro, um momento de beleza sensorial. Senão vejamos, por exemplo, a sequência de aguarelas de Assis Corrêa. Não é o fato de vermos ali flagrantes conhecidos por todos nós, tais quais o "Morro", a "Igreja São Francisco", o "Circo" ou a Escola de Samba", que dá valor aos trabalhos. Impressionou-nos antes de tudo a originalidade, a firmeza no uso das cores, admirável num auto-didata, o arrôjo nas concepções formais e a faculdade de extrair beleza e poesia de temas aparentemente vulgares, fazendo dêsses quadros obras de verdadeira criação. Sômente aí encontramos o mérito de todo artista: o poder de criação. Estas as razões que me levaram a julgar a exposição de Assis Corrêa a melhor dos últimos tempos, desde, talvez, a última exposição de Martinho de Haro, assim como estas foram as razões que me levaram a julgar a exposição de Zumblick demasiado fria e convencional e a de Acary Margarida sem nenhuma significação plástica.



Desenho de E. MEYER

Acontece, porém, que Assis Corrêa, ao seu talento e à sua personalidade na representação pictórica, aliou esta outra virtude: a busca dos temas populares. E vemos então desfilar, em impressionante riqueza de cores, os vendedores de torrãozinho e jornais, as rendeiras, o boi de mamão, o pau de fita, o engraxate, o ponto de carrinhos de cavalos, os meninos que trocam figurinhas, o verdureiro, etc... Motivos que estão à nossa frente, que nos tocam de perto e que se nos apresentam agora transmutados em arte. Não os sonhos surrealistas, não as fugas dos abstratos, que cheiram mais à decoração. Sim o mergulho inteligente na fonte inesgotável das grandes criações: o povo.

Assim Corrêa, acredito, iniciou no caminho certo. Não crie fórmulas, não se agarre aos primeiros sucessos, pesquise e trabalhe sempre e não tardará em se tornar um dos maiores valores da pintura catarinense.

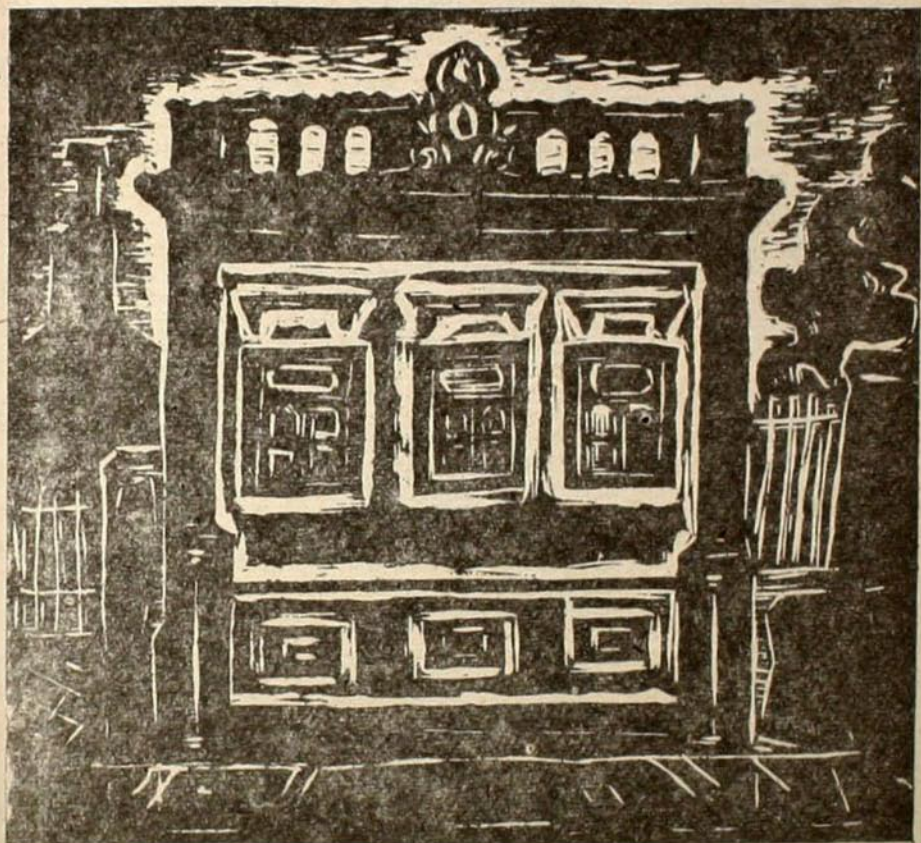
#### Meyer Filho

Meyer Filho apresenta uma série de nanquins e bicos de pena. Nascido em Itajaí, iniciou seus estudos de desenho em 1944, através de livros. Como a grande maioria dos artistas brasileiros, portanto, um auto-didata.

Os vinte trabalhos de Meyer Filho não trazem uma unidade de temas a exemplo de Assis Corrêa. Este fato, todavia, não impede de enxergarmos nele grandes possibilidades e talento. Apenas achei que o artista ainda está indeciso, insatisfeito consigo mesmo e, conseqüentemente, se lança nas experiências mais contraditórias. O rumo definitivo, o princípio de estrada a ser percorrida, não foi ainda encontrado, e então as tentativas, os experimentos. Claro que isto não é um mal pelo contrário. Creio até de grande utilidade para eles, e uma lição para nós, a exposição de trabalhos dessa fase de dúvidas, de procura de soluções, de ansia da realização em que se debatem os artistas. Assim, Meyer Filho nos dá uma série admirável do "Boi de Mamão", apresenta interessantes tipos populares e, em seguida, mudando o próprio estilo formal, traz-nos uma "paisagem sideral" e se envereda em seguida para o humorismo com um "Idílio Fantástico". Aliás, já notei, não de agora, uma tendência muito grande de Meyer Filho para humour. Não, é evidente, para o humor anedótico, piadístico, mas na sua forma mais elevada, perfeitamente cabível em arte. Outra impressão que tive, que me saltou de seus trabalhos, é que Meyer poderia tentar com sucesso a gravura. E por que não experimenta ele transpor a série "Boi de Mamão" para a gravura? Não valerá a pena a tentativa?

A exposição desses dois jovens artistas vem provar que a arte não estagnou em Florianópolis. Iniciados na revista SUL, que tantos valores formou entre nós, percebem-se neles o entusiasmo, o dinamismo, o arrôjo e, acima de tudo, a honestidade, a consciência artística dos seus trabalhos. Não tivessem outros méritos, estes só confortariam a todos nós.

S. de S.



Casa — xilogravura de Hugo Mund Jr.

## MARCIER EXPÓS EM FLORIANÓPOLIS

Afinal, depois de tão longo tempo, temos a satisfação de dizer que Florianópolis voltou a ter uma exposição de pintura. Da autêntica, da pintura que é pintura não por que assim a denominem, mas porque é mesmo pintura, que vive por si, pelo seu valor próprio, não por exterioridades, mas por uma coisa que lhe é íntima e particular.

Houve uma época, a uns anos atrás, em que Florianópolis parecia que se ia tornar um centro cultural — ou de interesse cultural. Foi criado o Museu de Arte Moderna, que em pouco já possuía um acervo mais do que regular, paralelamente aos originais ia-se organizando um outro acervo de reproduções de valor, que mais tarde viriam a dar um panorama geral da pintura e de sua evolução. Isto tudo parecia caminhar muito bem — até que de repente começou a desandar. Atualmente o Museu está praticamente abandonado, seu último diretor tendo pedido demissão, (o mesmo já havia acontecido com o anterior, o pintor Martinho de Haro) inconformado com o caminho que as coisas iam tomando. Em lugar de trabalhos de real valor, ia-se adquirindo obras de Barros o Mulato e outros que tais, com o que não poderia mesmo concordar Maurício dos Reis.

Eis que agora, modestamente, sem qualquer alarde, expôs entre nós um dos mais significativos pintores do Brasil. Queremos nos referir a Emeric Marcier. Sua exposição nos colocou de novo em contacto com a verdadeira pintura, aquela que é trabalhada não só por um homem que conhece o seu metier, mas por um criador, que com poucos traços nos recria uma paisagem em toda a sua pureza. Simples e precisa, toda ela autêntica, de uma autenticidade que às vezes chega a doer, a pintura de Marcier nos vem num impacto.

Sóbria — poderíamos dizer que por vezes também sombria — jogando com poucas cores, e quase sempre tons escuros, ela reflete uma personalidade, nos transmite toda uma vida, a vida de uma pessoa fechada mas sincera, preocupada com sua arte, com a realização de uma obra que já se pode considerar das mais importantes do país.

Os poucos óleos que expôs, os desenhos, são uma lição para ser meditada por aqueles que se interessam pela pintura. Não usando nunca de truques, Marcier não quer impressionar o espectador. Quer fazê-lo pensar; quer fazê-lo analisar e se auto-analisar. A emoção primeira vem, como já dissemos, num impacto. Mas depois começamos a refletir, a estudar, a procurar naquele mundo o que é que nos levou àquele impacto. Não é uma pintura de exteriorizações; não é uma pintura de cores violentas (tanto assim que existem dois quadros, muito bons também, mas que são anti-Marcier, ou Marcier de um momento raro de eufória); não é uma pintura para salinhas bonitinhas e burguesas.

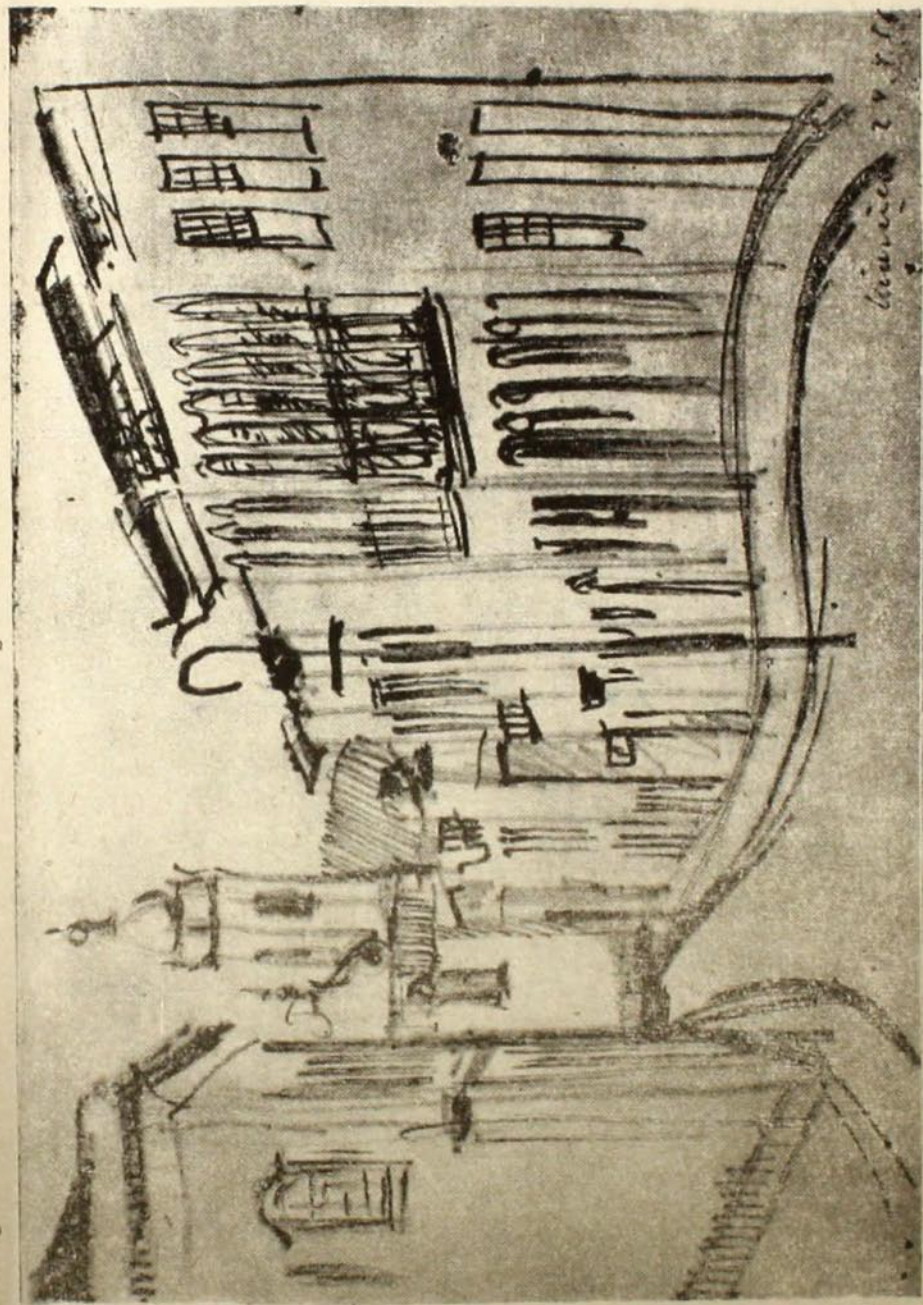
É uma pintura sombria, repetimô-lo, dramática, que sabe captar com precisão o ambiente, o "tonus", mas vendo-o através do pintor, do seu temperamento, da sua personalidade.

Os desenhos, na sua espontaneidade, possuem uma técnica apurada, de quem conhece a fundo o material que trabalha. Com poucas e precisas linhas, num trabalho de simplificação todo pessoal, ele arma todo um conjunto, faz chegar até nós toda uma paisagem que o sugestionou.

Infelizmente Florianópolis não recebeu como merecia a exposição de Marcier. Mas Marcier pouco ou nada perdeu com isto. Florianópolis, sim, perdeu e muito. Perdeu a oportunidade tão rara por estas plagas de ver um pintor autêntico.

S. M.





São João del Rei — desenho de Emeric Marcier.

## EDIÇÕES "S U L"

- 1 — Velhice e outros contos — Salim Miguel
- 2 — A Ponte (prosa e verso) — Antonio Paladino
- 3 — Alguma Gente (histórias) — Salim Miguel
- 4 — Piá — contos — Guido Wilmar Sassi
- 5 — Contistas Novos de Santa Catarina — Introdução de Nereu Corrêa — Edição ilustrada por artísticas plásticas catarinenses
- 6 — Rede — romance — Salim Miguel
- 7 — Teodora & Cia — contos — A. Boos Junior
- 8 — Amigo Velho — contos — Guido Wilmar Sassi

### Cadernos "SUL"

- 1 — Idade 21 — poemas — Walmor Cardoso da Silva
- 2 — Manhã — poemas — Eglê Malheiros
- 3 — A morte de Damião — farsa em 1 ato — Ody Fraga
- 4 — Macaco-Prego (lembrança sul-americana) — Mateus-Maria Guadalupe
- 5 — Terra Fraca — poemas — Anibal Nunes Pires
- 6 — Marques Rebêlo, poeta Morto — ensaio — Hélio Alves de Araújo
- 7 — A Fuga das Horas — poemas — Lília de Ornellas

### Dentro de breve, nas edições SUL

- 9 — Introdução à literatura catarinense — ensaio — Osvaldo de Melo filho

### nos cadernos "SUL"

- 8 — Praça da angústia — teatro — Antônio Simões Jr.

### Em preparo nas edições SUL

- 10 — Província — contos — J. P. Silveira de Sousa
- 11 — Bartolomeu — romance — Arnaldo Brandão
- 12 — Arte Primitiva — ensaios — Edmond Jorge
- 13 — Teatro — peças em 1 ato — Augusto dos Santos Abranches
- 14 — Véspera — novela — Eglê Malheiros
- 15 — Cinema e Educação de Base — ensaios — Ody Fraga
- 16 — Lendo e Anotando (apontamentos críticos) — S. M.
- 17 — Histórias do Sertão — contos — Osvaldo de Oliveira

### nos cadernos "SUL"

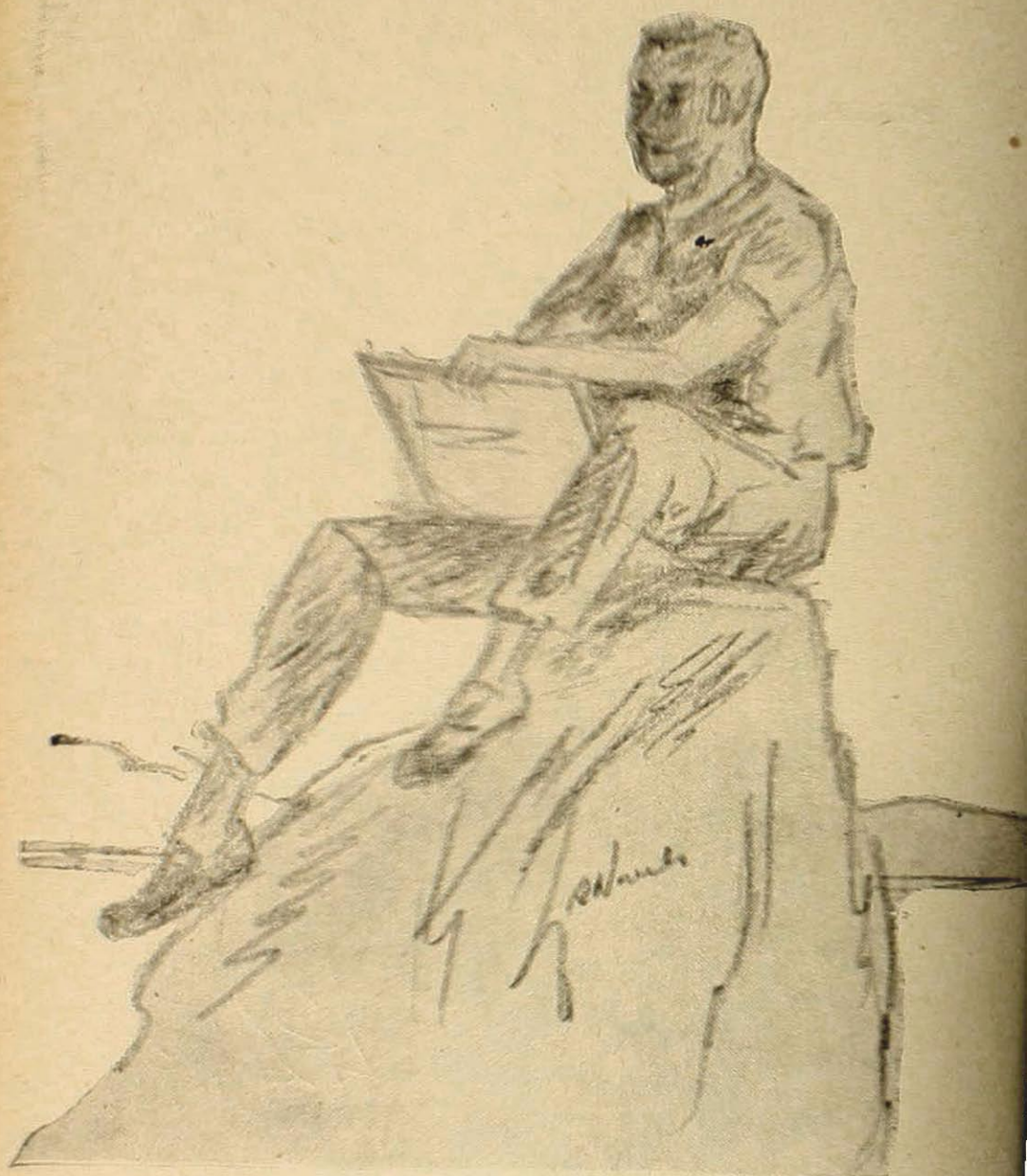
- 9 — Poemas — Walmor Cardoso da Silva
- 10 — Fortunato Barbosa, escuritário padrão F. — novela — Osvaldo R. Cabral
- 11 — Ensaio Geral — ensaios de teatro — Ody Fraga
- 12 — Mito e Religião — ensaio — Edmond Jorge
- 13 — Primavera Roubada — poemas — Fernando Correia da Silva

### Revista e Edições "SUL"

Praça XV — Nº 27 — Caixa Postal, 384  
Florianópolis — Sta. Catarina — Brasil

**POESIA**





Pedro rabiscando — desenho de Aldo Nunes.

## PRIMAVERIL

Eglê Malheiros

Um jeito tão particular em tudo  
Que o estado de poesia é compulsório,  
Antes fôsse compulsória a dádiva da expressão.

Como gravar aqui, neste papel,  
Em que meu filho exercitou sua analfabeta datilografia,  
A graça dêsse gesto  
E o encanto dêste dia ?

## TRÊS POEMAS DE

### POEMA DE OUTUBRO

Já outubro nasce de imediato  
como se fôra qualquer outro mês.  
Não fosse a primavera entrante,  
seria qualquer mês, mesmo janeiro,  
mesmo início. De ano  
para ano correm os meses,  
mas não são os meses, é a vida  
a correr em nossas vidas. Os meses  
vão e voltam, mas não voltamos,  
não volta a nossa vida. Começar  
todos os dias, lema imposição é,  
será nosso itinerário sempre.  
Somos outubro acaso, porventura  
seremos diferentes de abril,  
julho? Nossa aparência  
permanece dezembro sol a pino.  
Importam os nossos olhos imutáveis  
vivendo intensamente todo o ano.

### NUVEM, CÉU, POESIA: ESTRELA

Ressonância de mim mesmo ante  
a folha em branco impressa. Poema  
escrito, por outras mãos, outros  
sentimentos, outras vozes profundas.  
Poema outro, no entanto, que mistérios,  
elos que me ligam o teu mistério  
poeta: sou de mãos dadas e ouço tua  
voz em minha garganta.  
Mais uma vez, no entanto, não sei  
falar. Tua voz clara, tuas palavras  
unissonas, dizem meu dizer.  
Tua poesia sólida, me ampara,  
convida o mundo ao sonho.  
Sou uma estrela em teu céu.

Walmor Cardoso da Silva

FUNDAÇÃO DA NOITE

Fundo a noite  
entre as dimensões dos teus olhos.  
Prèviamente  
os sonhos são distribuidos para  
os amigos, amadas  
e transeuntes distraídos:  
Passeio a bruma sôbre os telhados,  
as luzes dos postes flutuam enroladas  
em gase.  
Aragem cheirando a mar  
voa cabelos coloridos.  
A noite não tem limites.  
Sons de pianos, mistura  
de vozes presentidas,  
os passos levando mãos enlaçadas  
e o rio, rolando, rolando.  
A noite cresce  
— a noite tem vida —  
a noite cresce  
e morre. É o sono  
anunciando o dia.

## O PÉGASO BRANCO

Lilia de Ornellas

O pégaso branco  
De olhos de sól  
Com azas de aurora  
Pousou na manhã.  
Seu peito de sombra  
Guardou o segrédo  
Da musica estranha  
De sonhos sem rumo.  
Seus labios de ambar  
Calaram a angústia  
Dos passaros mudos.  
E o pégaso branco  
Um dia partiu.  
Seus dentes de neve  
Haviam trincado  
Os nardos azuis.  
Seu canto de bronze  
Quebrou de repente  
Silencios de luz.  
E cravos de sol  
Tombaram no mar.  
O pégaso branco  
de cascos de vidro  
Fugiu da manhã.  
Levou no seu vôo  
Palavras de lua  
E o riso de estrélas  
Que tinha na bôca.



## POEMA DAS ÁGUAS IMPOSSÍVEIS

C. Ronald Schmidt

Eu poderia mudar o curso de minhas águas  
e o de tuas águas também!...  
mas não mudarei. Não afluirei às tuas águas  
nem deixarei que as tuas águas afluam a mim.

Continuaremos a nossa existência paralelamente  
como até agora fomos...  
sentindo-nos mutuamente através da terra comum a nós  
e atraindo-nos mutuamente.

Mas não nos uniremos ! porque nos diferenciariamos extre-  
[mamente  
e nossas águas seriam diferentes  
e talvez até nosso leito seria diferente  
e correríamos entre outras paisagens mais agressivas  
e quem sabe se a terra em que hoje despreocupados corremos,  
não nos transmudaria em águas precipitadas,  
loucas, despencando-se em abismos insondáveis  
por cima de rochedos afiados ?

Continuaremos separados minha companheira,  
carregando em nossas entranhas êste desejo  
que talvez atrás dáquele promontório, se realize.

Não nos precipitemos, minha amiga ! Se assim não acontecer...  
agazalharemos, em nosso âmago, a irrelutavel certeza que,  
nosso fim será no mesmo fim;  
e lá nos uniremos finalmente !

### RELANCE

Os sinos badalaram tristes  
no instante que eu sorria...  
e eu me senti tão passageiro...

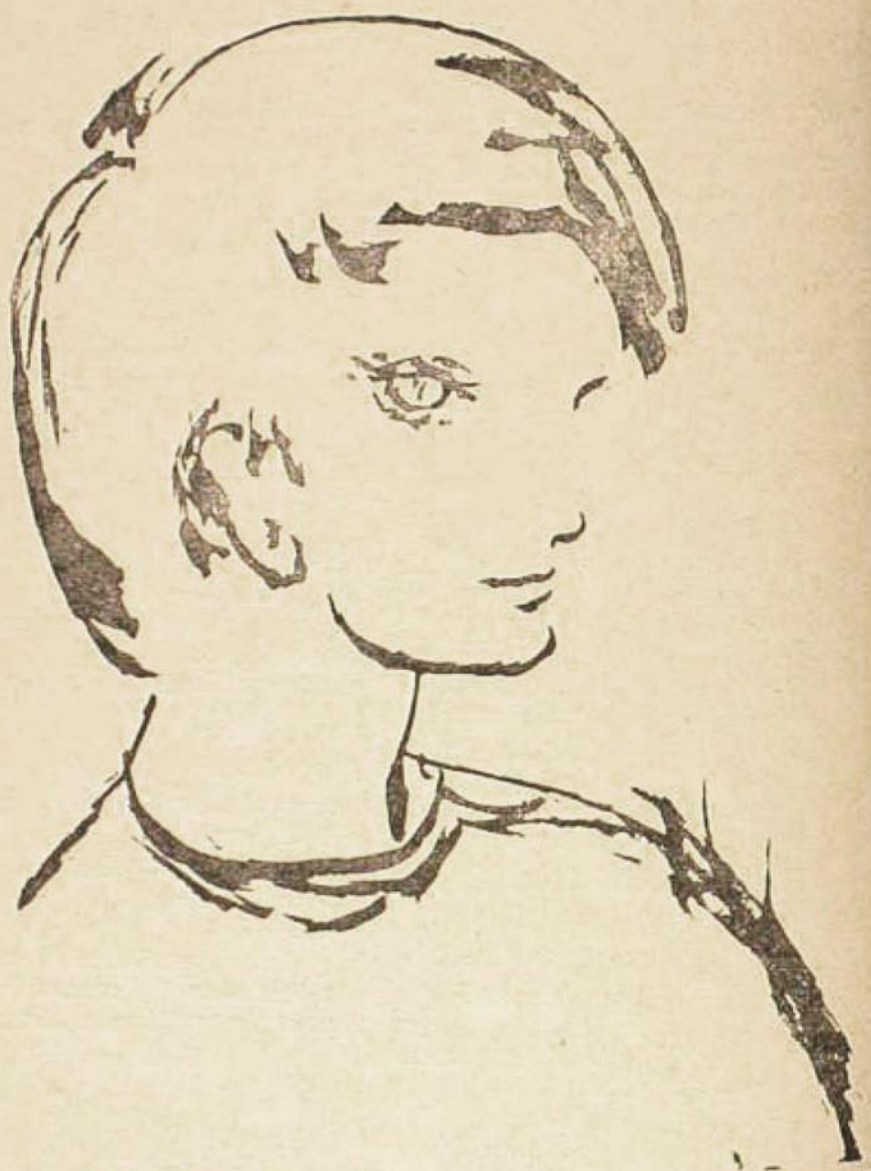


Ilustração de Rodrigo de Haro para um poema de Miro Morais.

## INFANCIA

Miro Morais

Minha infância de espinhos  
ficou lá atrás, defunta,  
sem um punhado de terra por cima;  
ficou morta,  
exposta ao sol de junho,  
recoberta de lembranças quentes,  
de beijos de mãe  
e maldições de pai.

Minha infância foi música erudita  
ensinada por leigos.  
Vi desde o começo  
minha estrada de sangue  
e minha alma branca,  
alimentada avaramente.

Minha infância foi um anjo estrangulado,  
abandonado,  
no começo da estrada vermelha.  
É por isso  
que meu sorriso se envergonha  
de aparecer ao mundo

o poema acima pertence ao volume "O ANJO BEBEDO", que marcará a estreia do autor nas letras e que deverá ser lançado em começos de 1958. Edição do próprio autor, terá 2 partes distintas, uma da fase romântica, a outra já com uma procura não só de temas novos como também serão formalmente mais modernos. O volume trará capa e ilustrações do jovem pintor Rodrigo de Haro, que com este volume estreia no campo da ilustração de livros.

## C O N F U S Ã O

Alvim Barbosa

Eu sou eu e sou teu e não sou  
não sei.

Sei que não há sentido  
no sentido que existe  
incertamente.

Talvez alcance a essência  
quando fôr essencial.

Mas não sei. Tudo parece  
desfeito

o que devia durar.

Agora rasgo silêncios

Faço bonecos mal feitos

traço linhas paralelas

porque tudo está desfeito.

E é triste

no sentido que existe

e persiste.

Como um ponto no horizonte

o nosso amor desfeito.

## POEMA DURO

Reynaldo Bairão

Impotência da rosa  
ante o desejo insofrido.  
Perplexidade em lua e areia,  
agora que desce a noite  
anunciada pelo último labirinto  
das vozes que não se pronunciam.  
Imponência de coisa nenhuma,  
mergulho em pó, cal e tempo,  
sombra que se afasta  
e que permanece para sempre inerte,  
estrêla invisível  
que leva a lugar algum.  
Impaciência do lirismo que redime.  
A inclinação da palavra que destroi,  
o abismo que não importa evitar.  
Saturação da cidade morta,  
lembrança que se esquece  
sobre a neblina da madrugada fria  
(ansiosa de atingir o imponderável).  
Mistura de bem e mal.  
Negação de tóda e qualquer verdade.  
Rehabilitação de todos os conceitos arcáicos  
e reabilitação, principalmente,  
de tudo que foi proibido.  
O diabo dança.  
A flor se esfarela  
e se transforma, ainda uma vez, em pó.

## BALADA AO QUE NASCEU MORTO

Clovis Moura

Entre o nascer e o não ser  
paraste: não sei porque!  
Não chegaste a cartilagem,  
mas, somente, sangue e carne,  
desfeito, desfeito em morte.  
Simples feto, simples feto,  
fugiste do meu afeto?  
Se não querias viver  
por não saber, não saber  
como se vencem os escolhos  
da vida, por que paraste  
antes da vida viver?  
Estouraste, não nasceste!  
Ficaste, planta de carne,  
imundo, inerte; nem campa,  
nem lousa fria tiveste.  
Violentaste meus sonhos  
e entre cólera e fraqueza  
atingiste a natureza  
no seu âmago mais fundo.  
Então ficaste: sem forma,  
sem membros, sem bôca e sexo,  
entulhado entre os abortos,  
perdido nos negros portos  
dos que se esquivam da vida.

Paraste, não sei porque  
entre o nascer e o não ser.  
Tuas veias, tuas carnes  
tenras, frias, decompostas,  
matéria que não servia  
para objeto de posses,  
eram meu fruto, meu filho,  
destruído como lama  
num abcesso de carnes  
inertes, flácidas, frias...  
Inda eras peixe... não homem!  
Imóvel dentro da triste  
redoma que te envolvia  
com película de estrias,

pele rósea da plascenta.  
Paraste, paraste frio  
entre o nascer e o não ser.  
Mas, não atino, não penso,  
não posso saber porque.  
Feto estirado no nada,  
sem vida, sem densidade,  
sem vibração, sem remorso,  
sem amor, sem outra coisa  
que o nada, que um nada  
[imenso  
como abóboda de um templo  
que envolvesse em sua cúpula  
os hemisférios e os mundos.  
Tombaste, não sei porque,  
pois no teu pouco universo  
de um ventre mórno de mãe,  
apezar do escuro nada  
da treva que te envolvia,  
como a vida não devia  
deixar na tenra matéria  
sua marca condensada...]

Deliberaste parar  
na escala fria do nada,  
saído daquele estágio  
em que a matéria sensível  
se desenvolve e concentra.  
E foste, em marcha sem olhos,  
rumo à cegueira total.  
Paraste, não sei porque.  
Entre o viver e o não ser  
escreveste um testamento  
que rasgo, não quero ler!  
Paraste, planta sem nome  
(pois nem meu nome quizeste),  
planta humana desfolhada,  
desfeita em pó, sem lamento,  
sem a balada do vento  
batendo nos teus cabelos,

## O CÃO E A ROSA

Ruy Apocalypse

O cão uivou vendo a rosa

bailar na tarde azulada.

Seu corpo ficou solene.

Suas patas encantadas.

O cão uivou vendo a rosa

bailar na tarde azulada:

Instinto de prata, aceso

sôbre uma infância calada...

---

sem um seio em tua bôca  
jorrando o leite fecundo  
que te iria transformar  
de criança imaculada  
em homem ! Não sei porque  
paraste nêste não ser  
que tudo envolve e é mais  
[denso  
mais grosso, mais sem fron-  
[teiras  
do que a morte que terei.

Pois levarei nas retinas  
— quando a morte me encon-  
[trar —  
no meu corpo, nos meus braços,  
nos meus cabelos grisalhos,  
a marca espessa da vida  
sofrida, mas sem vergar.  
Porisso não sei porque  
meu filho que nasceu morto  
parou na porta entreaberta  
entre o nascer e o não ser.

## A MOÇA

Manuel Lopes

Em tórno de ti  
cresce a ave do amor  
e plantados olhos  
além do teu corpo.

Árvore, te queimas  
em mil pensamentos.  
És úmida e breve  
— bailarina ou peixe? —

Teu mundo é maior  
que todos os mundos.  
Moça, que oceanos  
te magoam os olhos  
e as finas varandas  
de enxutos cabelos  
de macias ranjas?

Por que mãos estranhas  
do oitão solitário  
se enchem de encanto  
tão simples, tão vário,

e a janela lírica  
arde em tua ausência,  
e teus doces olhos  
recriam a ternura  
da longe criança?

Os medrosos gestos  
de noiva assustada  
quando estás sôzinha  
por que são tão meus?  
Quem teus pés ensina  
se te chamam à fonte?

— mansa e humilde moça,  
se te chamam à fonte? —

O mundo se esconde  
nas tuas pestanas  
de zebra e gazela

(moça ou morte bela? —

Repara no sono  
de tuas orelhas  
as doces palavras  
partidas de mim.

Ai! de mim, de mim.

Do livro em preparo "Fome  
e Palavra", a sair pela Pongetti



## O ENTERRAMENTO DE UM ANJO

H. Dobal

Para os domínios da morte  
levam-no agora afinal,  
Levam seu corpo que  
de longe imagino negro  
já liberto da alma extinta  
se nesta idade tinha alma.

O caixão azul com estrêlas brancas  
avança aberto sob o sol  
enquanto o grupo e as suas sombras  
(não vão pensando na morte)  
cortam a poeira que de seus pés  
castiga a tarde de novembro.

Anjo morto, poupado à  
vida e à pena de crescer,  
sem memória, sem lembranças,  
demonstração da morte absoluta,  
e este cortejo só de crianças  
com um leve riso reprimido  
anula o medo de morrer.

## CANTIGA DE NINAR

Rosa Pessôa

Canção dos mares  
das águas verdes  
sêde suave  
para os ouvidos  
do meu menino.

Areia branca  
fina e macia  
sêde amorosa  
com o lindo corpo  
do meu menino.

Vento praieiro  
gostoso e ameno  
soprai de leve  
velando o sono  
do meu menino.

Dorme pois menininho  
enquanto três deuses velam  
— o mar, o vento, as areias  
tu sonhas menininho,  
tu sonhas e eu sou feliz.

(do volume a aparecer "Passaporte para um Rei").

## H O M E N A G E M

Manuel Agra

Os que sonharam

Os que a flor increada  
recrearam

Os que deram tudo  
na certeza  
de nada ser em vão

Os que viram tão longe  
que só pelos nossos dedos  
o sonho tocarão

## CADA HOMBRE

Esta tarde de lluvia  
me separé de mí.  
Sobre la tierra sola  
caminaba despacio,  
volviendo la cabeza  
para verme en el banco  
donde había quedado  
yo mirandome ir.  
Iba andando despacio  
y me paré de pronto  
para dejarme solo.  
Desde el banco me ví  
y me dejé sentado  
en él para marchar  
a la ciudad con lluvia.  
Allí me separé  
de nuevo, y en el parque,  
y en la ciudad sin lluvia  
a donde luego fui,  
y en todas las ciudades  
del mundo me separo  
todavía de mí.

Cada hombre del mundo  
soy yo. Cada palabra  
es mía. Cada risa  
es mía. Cada llanto,  
humillación, dolor,  
lo estoy sintiendo ahora  
yo, que soy cada hombre.

PEQUENA ODA AL TRANVIA

Qué viejo racimo eres,  
tranvia, de uvas humanas.  
Cuántas veces  
te granas y te desgranas.

Vas doblado y se te cae  
el azul y el amarillo,  
y el metal te suena a llanto  
por los perdidos tornillos.

Pobre madera la tuya,  
tranvia.  
Crujes, se te sale el trole,  
pero andas sobre la via.

Sobre la vía conduces  
hombres y sudor honrado.  
Qué bien, tranvía, se adapten  
los cuerpos que han trabajado.

Sobre la vía, encojido,  
nadie podrá detenerte.  
La carga que tu transportas  
es la más fuerte.

Tu los aprietas y haces  
más potentes todavía.  
El sudor une a los hombres  
que viajan en tranvia.

Darás tus uvas un vino,  
tranvia, racimo eterno,  
que hará más corto el camino  
y menos frio el invierno.

Jesus Lopes Pacheco é um jovem poeta espanhol que terminou recentemente seu curso de filosofia e letras. Numa época apenasmente formalista, êle se destaca por sua intenção humanística e simples. Conseguiu já alguns prêmios poéticos e escreve também novelas, nas quais a nota dominante é igualmente o humano. Seu temperamento e sua formação permitem esperar que será êle um dos escritores representativos de uma Espanha renovada.

**PROCURE E ADQUIRA**

na sua Livraria

**A M I G O V E L H O**

contos de

**Guido Wilmar Sassi**

**Edição "SUL" — 8**

e

**A F U G A D A S H O R A S**

poemas de

**Lilia de Ornellas**

**Caderno "SUL" — 7**

Caso não encontre estes livros em sua cidade, faça seu pedido diretamente à Revista e Edições "SUL" — Praça XV de Novembro 27 — Caixa Postal 384 — Florianópolis — Santa Catarina

FICÇÃO



NEWTON CAVALCANTI

Retirantes — xilogravura de Newton Cavalcanti.





## AMADEU RODRIGUES, JORNALISTA

### ODY FRAGA

Tip-top !  
Tip-top !  
Tip-top !

Geme a impressora antiquada, remendada, dolorida, imprimindo A VOZ DE CRUZ DAS ALMAS — **hebdomadário social e noticioso**. Amadeu Rodrigues, proprietário, diretor, principal redator, tipógrafo, paginador, impressor e entregador do jornal, termina a edição domingueira.

Tip-top !  
Tip-top !  
Tip-top !

O último exemplar sai da máquina... Duas horas da madrugada... Dentro de pouco começa a entrega... Amadeu atravessa a porta no tabique que separa a oficina da redação e se estira na primeira poltrona. Apesar do longo tempo de vigília está sem sono. Examina as paredes, ficando perplexo ante àquela decoração velha e sem estílo. Retratos de homens putativamente ilustres. Folhinhas em quantidade. Quadros sacros. Sôbre a cômoda, onde guarda relíquias pessoais, isto é, velharias sem utilidade, o pequeno oratório com a imagem de N. S. Aparecida. Junto à santa os instrumentos de fé que pertenceram à mãe. Rosários, livros de missa, medalhas, fitas de ordem religiosas. Um mundo. Um mundo acabado ainda lhe falando intimamente. Um breve tremor lhe percorre o corpo. Até quando? — Pensa sem saber exatamente até — quando o quê? — Até sempre!

Amanhece o domingo. O dia se anuncia belo como compete a um domingo de primavera. Carroças atravessam a cidade, trazendo produtos para feira do mercado... Amadeu, de porta em porta, com a angústia de quem enjeita um filho, vai colocando os exemplares da edição da semana, candentes de ideal e de péssima gramática. Termina a entrega da Vila Barão, bairro alto de Cruz das Almas. Do outro lado o sol pôs a caraça de fora. Um calorzinho gostoso penetra-o até os ossos. Olha a cidade. A pequena cidade. A inútil cidade. É o seu universo e prisão. Há vinte anos que não ultrapassa as fronteiras do município. Vem descendo a ladeira lentamente, num jogar de pernas bambas. O sono vai aparecendo de man-

sinho... Ah! Dormir... Dormir profundamente... Perto da séde do Tiro de Guerra vê enorme buraco. Preciso meter o pau na Prefeitura. Sente no buraco mazelas, incúrias, incapacidade administrativa. Dormir... Dormir... Terminou outra semana de exaustivo trabalho. O resultado? — Um jornal pequeno de oito páginas, que será lido em quinze minutos e jogado fora... Talvez o cortem em pedaços quadradinhos pequenos pendurando-o na... Não completa o pensamento ruborizado que fica só em imaginar tal coisa. Dormir... Cama branca e gostosa... Dormir...

oOo

Segunda-feira. As sete começa a distribuição. Amadeu e os dois garotos aprendizes vão demanchando as páginas. Caixa alta... Caixa baixa... Caixa baixa... Caixa baixa... Serviço rápido, nervoso. Caixa baixa... duplicata... Caixa alta... Se não pagar ficará sem papel. Caixa baixa... Uma resolução. Senta à mesa começando a extrair contas.

— Pedro!

— Senhor?

— Dá uma volta na cidade e vê se me traz algum dinheiro.

O garoto sai com as contas.

A duplicata.

Caixa baixa... Caixa baixa...

— Bom dia!

— Entra!

— Como vai?!?

— Bem.

— Eu vim aqui prá pedir o favor de uma notícia.

Amadeu pega caneta e papel.

— Fui nomeado terceiro escrivário, da quinta seção, do segundo departamento, da oitava divisão geral da Secretaria da Fazenda. Letra E.

— Para béns!

— Obrigado! Você não esquece?

— Domingo sai.

— Obrigado! Passe bem!

— Apareça.

A duplicata.

Olha o oratório. Vai tentar balbuciar uma prece, mas nota a curiosidade irônica do aprendiz. Abandona a idéia com um bater lento de palpebras. Pega composição no granel continuando a distribuir. Caixa baixa... Caixa alta... A duplicata...

Terça-feira. Começa a redigir o jornal. Vence a duplicata. Escreve em bem cuidada letra — GENTE NOVA — sublinha com caprichoso traço.

“A cegonha visitou, dia 10 último, o solar dos nossos amigos sr. e sra. Gabriel Vieira, entregando-lhes um lindo pimpolho, que na Pia Bastimal receberá o nome do feliz papá. Parabens ao ilustre casal”.

A duplicata.

— Agora que você aparece ?

— Andei feito um burro ontem, geme o garoto, pondo sobre a mesa uma nota de quinhentos cruzeiros e o resto dos recibos.

— Só isso ?

— Só !

— Como vai ser ?

O garoto dá de ombros. Não entende destas coisas.

— Mando cobrar dez contos e recebo quinhentos mil réis. Isto tem cabimento ? Toma, vá compor esta nota. — Entrega ao menino a notícia.

— Uma coluna. Corpo dez. — Acrescenta Amadeu.

A duplicata. Três contos e quinhentos. Onde arranjar três contos e quinhentos ?

UM HOMEM DE FIBRA. O título foi quase desenhado sobre o papel.

“O coronel Justiniano Cerqueira, provector cidadão, exemplar chefe de família, pilar da sociedade e prestigioso chefe situacionista local, aniversariou...”

A duplicata. Solta a caneta e vai ao telefone. Furiosas maniveladas.

— Alô ! Me liga no banco paulista... — Outras maniveladas mais furiosas ainda — O Jacó está ?... Jacó ?... É o Amadeu... Vou bem e você ?... Olha, Jacó, eu tenho uma duplicata no Banco do Estado e estou desprevinido... Se fôsse possível... O quê ? Ah ! Não estão operando ?... Sei... Sei... Obrigado — assim mesmo... Até logo.

Desliga. Torna a sentar. Olha a mesa atulhada de papel, de jornais, de noticiário das agências. Sob um jornal aparece a ponta do aviso do banco. A duplicata.

— Merda !

Volta a escrever: “O coronel Justiano pelo muito que tem feito por Cruz das Almas...”

— Dá licença ?

— Coronel ! Faça o favor de entrar.

— A demora é pouca. Segunda-feira — próxima deverá

nos visitar o deputado Pereira Fagundes. Eu trouxe aqui o clichê dêle e queria que você reservasse tôda a primeira página para uma homenagem. Aqui estão os dados bigráficos. Você sabe, nós estamos pleiteando — umas coisas para a cidade e é preciso agradá-lo.

— Não há dúvida !

— Quanto fica ?

— O quê ?

— A página.

— Tôda ela ?

— Inteirinha.

— Um conto de réis.

— Está bom. Ponha na minha conta. Eu já devo umas publicações, assim você manda cobrar tudo de uma vez. Até a vista !

— Coronel !

— ???

— Permita cumprimentá-lo pelo — seu natalício.

— Agradecido.

— Domingo vou dar uma boa nota.

— Não precisa se incomodar — responde o coronel sorrindo vaidosamente — Até breve.

— Cão ! — Grita Amadeu.

— O quê ? — Pergunta o aprendiz levantando a cabeça do original em composição.

— Nada !

Senta furioso, apanha a notícia incompleta do aniversário do coronel e joga no lixo.

— Cão !

O carrilhão do relógio vai reumáticamente batendo horas. A duplicata.

— Ainda tenho até às seis horas... Eles esperam até amanhã... Amanhã eu pago...

— Está falando comigo ? — Indaga o aprendiz.

oOo

Quarta-feira. Amadeu coloca na impressora a página recém fechada.

Tip-top !

A duplicata.

Tip-top !

A duplicata.

Tip-top !

A duplicata.

Papai — pensa — saberia dar um jeito. Foi do velho Amadeu, de quem herdou a vocação e a penúria, que apren-

deu tudo sôbre jornal. Que tudo ? Compor ? Paginar ? Imprimir ? Redigir com os mesmos adjetivos notas de aniversário, casamento, nascimento e morte ? O velho esqueceu uma coisa: ganhar dinheiro. Coitado ! Ele também não sabia.

Tip-top !

Tip-top !

A duplicata.

— Óba !

— Ói !

Desliga a máquina. O professor Carmelo, colaborador assíduo de A VOZ DE CRUZ DAS ALMAS, entra familiarmente.

— Que temos de novo ?

— Faleceu Da Genoveva.

— A mãe do coronel Justiniano ?

— Noventa anos.

— Ele ontem esteve aqui.

Carmelo puxa uma longa lauda de papel. É o elogio fúnebre da falecida, redigido em linguagem pomposa, num estilo bordado. O Jagunço, outro colaborador do jornal, meio doido, pois sempre arranjava encrenca com seus artigos, dizia sofrer o Carmelo de "necrofilia literária". Não podia ver defunto. Era morrer alguém ilustre em Cruz das Almas e êle tocava artigo em cima.

— Vê se dá para a primeira página.

— Tá muito grande.

— Mas, a velha era mãe do coronel Justiniano.

— Ah ! Na primeira página não pode ser.

— Está completa ?

— Hum ! Hum ! Matéria paga.

— Põe na última.

— Vou ver.

Tip-top !

A duplicata.

— Até !

— Já vai ?

— Tenho uma aula agora.

— Até !

Tip-top !

Tiriiiim... A campanhia do telefone berra sufocando a velha impressora. O aprendiz pousa com calma o compoedor sôbre a caixa de tipos e vai atender.

— Alô?... Sim, redação do CRUZ DAS ALMAS... Está... Quem deseja falar com êle?... É o gerente do Banco do Estado — grita para Amadeu.

— Já vou !

— Um momento ! — Berra o aprendiz no fone e volta com moleza para a sua composição.

A máquina velha dá uns suspiros, parando lentamente. Amadeu não se mexe. Diabo ! Que vou dizer prô Homero ? Ele é um chato.

— O telefone.

— Sei !

Cria coragem. Atravessa a oficina em passadas firmes. Agarra o fone com a fôrça de quem toma decisão heróica.

— Pronto Amadeu... Eu sei... Me dá um pouco de tempo... Até sexta ? Obrigado... — Desliga. Volta à impressora.

Tip-top !

Hoje é quarta. Amanhã eu dou um jeito.

Tip-top !

oOo

Quinta-feira. A Rua Principal está movimentada. Amadeu vem andando com passadas largas. Caminha examinando os bares, as casas comerciais, as rodinhas paradas na rua, buscando algum conhecido a quem possa pedir um empréstimo. Sente-se como no dia do juízo final. O pedido porá por terra tôda a estrutura do seu mundo interior. Vai ter de quebrar um velho propósito que por todos êstes anos manteve com orgulho. Ser independente. Sem pedir. Vai comprometer o jornal. Agora terá de publicar tudo que o futuro fornecedor do dinheiro para saldar a duplicata lhe — exigir. Sabe que A VOZ DE CRUZ DAS ALMAS é um jornal bem modesto. Mas é sua vida. Fora daquela oficina pobre. Longe de sua impressora — aquela bruaca velha como a chama — perde o sentido do mundo. As notinhas de aniversário. Os elogios abundantes. As críticas à Prefeitura. Os xingamentos à Câmara Municipal. Tudo isso é a razão do seu existir. Colocam-no socialmente. Amadeu Rodrigues, o jornalista.

— Amadeu ! — Chamam-no da farmácia.

Aproxima-se. A prosa está acalorada. Discutem o Olívio, proprietário, o Castro, tabelião e o dr. Marcelo, médico, presidente do Clube Ouro Verde e feroz polemista da roda.

— Amadeu, eu contava prá êles — uma blague sua na Revolução de 32, mas o Oli — está teimando que foi barriga.

— Deixem o Amadeu contar a história, interfere o Castro, o moderador das discussões.

— Isso mesmo, acrescenta o Olívio.

— Mas não vá mentir, completa o dr. Marcelo com a sua proverbial falta de educação.

Amadeu tinha bem vivo na memória o caso. Durante a campanha constitucionalista A VOZ DE CRUZ DAS ALMAS manteve elevado a moral do povo. Chegava a tirar três edições por semana. Nas páginas do jornalco São Paulo vencia, vencia, vencia sempre. Narrava combates gloriosos. Incitava o povo à luta, ao sacrifício, à dedicação cívica. Com voz serena e grave ia narrando o fato. Esticando-o. Um belo dia terminava a impressão do jornal. A manchete, de fora a fora da página, anunciava em letras garrafais — SÃO PAULO VEN-CE OUTRO SANGRENTO COMBATE. Cruz das Almas foi ocupada por forças governistas e correu célere a notícia da derrota. A revolução estava perdida e a edição do jornal também. O povo recolheu-se. Ninguém saía às ruas. Os mais abastados, proprietários rurais, haviam se recolhido às fazendas. Domingo. Pela madrugada Amadeu acorda na hora certa de iniciar a entrega aos assinantes. Ia já levantando quando lembrou não circular o jornal aquêle dia. Levantou-se assim mesmo. Acabado o café atravessou o pátio que separava a casa da oficina. Alí estava a grande pilha de exemplares perdidos. Teve uma idéia e nem pensou duas vezes. Apanhou a primeira pilha de jornais e saiu para a rua fazendo a distribuição como era hábito. Aos poucos, com grande alarido, o povo enchia as ruas dirigindo-se para o centro da cidade. Todos julgavam ter acontecido a ansiada reviravolta nos acontecimentos militares. O contingente de ocupação, sob o comando de um tenente pernambucano, cercou a Rua Principal. A realidade era outra. Dando tiros para o ar e aos berros os soldados puseram o povo em debandada. Foi uma correria louca.

— Passei uns maus pedaços prá explicar a história ao tenente, concluiu Amadeu.

— Viram ? — Emendou o dr. Marcelo — Vocês não sabem nada, não entendem de nada e querem dar palpite em tudo.

— Bem, vou indo.

— Espera, Amadeu.

— Tenho o que fazer. Bom dia.

Continua o seu caminhar perquiridor. Já viu dezenas de pessoas as quais poderia pedir o dinheiro, sem ter coragem de se aproximar. Para e volta atrás. Perto da farmácia chama o médico, que novamente esbraveja contra Olívio.

— Dr. Marcelo !

— Pronto ? !

— Faz favor um pouquinho. É particular.

— As ordens !

— O caso é o seguinte... Eu tenho... Eu desejo... É que eu pretendia fazer uma grande reportagem sobre o clube Ouro Verde na passagem do cinquentenário e precisava de material.

— Conte comigo. Todos os arquivos do clube estão ao seu dispor. Apareça lá. Colaboro incondicionalmente. Lhe darei até um auxílio financeiro. Apareça.

— Obrigado. Eu lhe procuro. Até logo.

— Quem agradece sou eu. Apareça.

Idiota. Medroso. Por que não pediu o dinheiro emprestado? Como vai ser? Na porta do Banco do Estado Homero, o gerente, olhava para êle. Faz que não vê. Aperta o passo e volta para o jornal.

oOo

Sexta-feira. Está atrasado. A semana passou e tem apenas duas páginas impressas.

Tip-top!

Tip-top!

Tip-top!

Imprime que imprime. Precisava adiantar o jornal o mais possível. A duplicata. Gozado, pois não é que esqueceu do raio da duplicata.

Tip-top!

— Dá licença? — É o José, continuo do Banco do Estado.

— Entra — Amadeu desliga a máquina e o leva para o outro lado do tabique, para que os aprendizes não ouça, — Que há?

— O seu Homero pediu prô senhor dá um pulo lá no banco.

— Agora é difícil. Estou com o jornal atrasado.

— É sobre aquela duplicata.

— Eu sei.

— É só.

— Diga prá êle que eu não posso sair agora.

Tip-top!

E imprime, e revisa prova, e corrige, e pagina, e revisa, e imprime. O dia todo. Esqueceu novamente a duplicata.

oOo

Sábado.

— Bom dia!

— Coronel, faça o favor de entrar.

— A página do deputado Pereira Fagundes está pronta?

— Meus pêsames. Senti muito o passamento da sra. sua mãe.

— Obrigado, responde o coronel fazendo a cara apropriada.



— Aqui está a prova.

O coronel Justiniano percorre rápido o texto, lendo um pedaço aqui outro ali, examina detidamente o clichê impresso. Aprova com um balançar de cabeça.

— Está bom. Devo ir. . .

— Amanhã sai o necrológio da Da. Genoveva escrito pelo prof. Carmelo.

— Fico sensibilizado. Não esqueça de incluir tudo quando me mandar a conta. Passe bem !

— Coronel !

— ? ? ?

— O necrológio de Da. Genoveva é uma homenagem do jornal.

— Muito obrigado ! Muito obrigado. Até a vista. — E lá vai o coronel.

— Pedro !

— Senhor ?

— Onde está o artigo da mãe dêle ?

— No granel prá paginar.

— Tira e distribuiu.

— Agora ?

— Já !

Liga a bruaca velha.

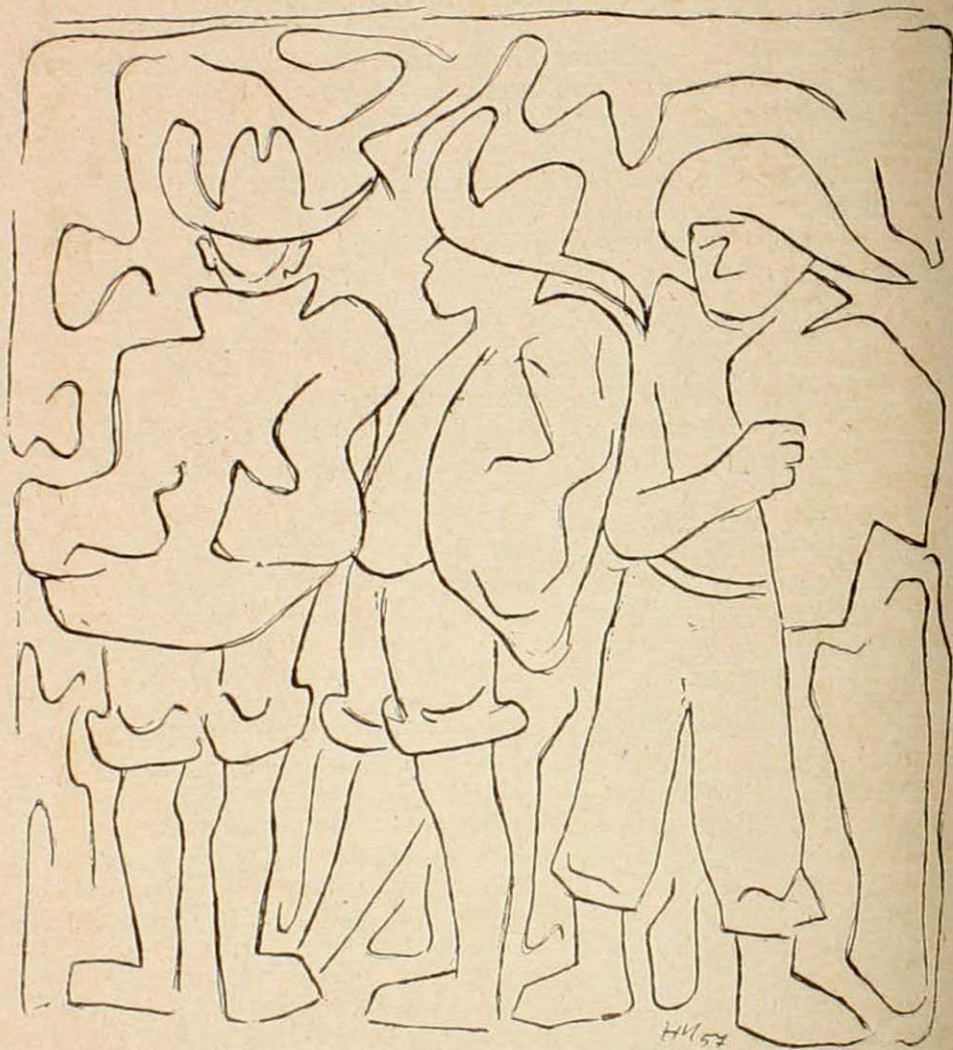
Tip-top !

— Cão !

Tip-top !

A duplicata.

(Do livro CRUZ DAS ALMAS)



Pescadores — desenho de Hugo Mund Jr.

## O R E S P O N S O

### Lausimar Laus

A ponta ficava alí mesmo. Podia-se ver sua lombada, subindo de repente, como ponta de lençol branco sacudido pelo vento, aquêlo vento meio maluco como a cabeça de Tio André. Ele descia sempre resmungando, nunca vira terra para ventar tanto. Só uma coisa tinha de bom: ver-se as pernas das mulheres menos precavidas. As ricas usavam chumbo no vestido, lá embaixo na barra; as pobres metiam, com cuidado, a roda da saia inteirinha entre as duas pernas, tomavam um impulso de bode, e lá iam, curvadas, com as mãos na frente das coxas, e a cabeça em posição de "marrada", conseguindo furar o vento. Mas entre essas duas havia as que deixavam de vez em quando a saia soltar-se e era uma vez umas pernas escondidas... Fazia tanto tempo que não assobiava... Lembrava-se de que isso acontecia sempre que ia ver sinhá Sarita, quando ainda moravam em Pôrto-União. Que bom assobiar! O ar fresco da serra trazia qualquer coisa de inexplicável... E sinhá Sarita, agora que também tinha vindo para Laguna, mandada buscar por êle mesmo, deixava-lhe a vida completa. Mas só o vento não permitia àquela noite enluarada um perfeito ambiente de sonho romântico.

— Terra danada pra ventá. Nem cachorro aqui pode latir. Se abre a bôca fica com ela cheia de areia até a garganta. Não fecha mais. Não dá jeito de assobiar mesmo.

E Tio André apertava mais o passo, furando o vento, com a fôrça do corpo já nos cinquenta, mas no cerne.

Enquanto isso Tia Alexandrina chorava, apertando o nariz vermelho, como um pimentão maduro, na ponta que pendia do lenço da cabeça. Sua vida era mesmo uma desventura. Tanto em Lages como em Pôrto-União e até mesmo em Tijucas, quando casaram aos dezoito anos, todos dois, a vida tinha sido um inferno. Tio André, bonito, e danado como um cabrito sôlto, nunca lhe tinha dado sossêgo. Era sempre atrás de mulher. Já tinha feito tudo. Agora, depois de velho, arranjava aquela danada da sinhá Sarita, vinda da Argentina, asanhada que nem o vento da Laguna. Acabou de vender o gado em Pôrto-União e como todo mundo lá já falava dêle, resolveu botar uma charqueada em Laguna e carregou também a bandida. Ela não. Nunca dissera nada. Quando lhe vinham contar coisas, jurava até pela lealdade de Tio André. Chorava, é verdade, às escondidas. Até para os parentes mentia alegria. Se não tivera filhos foi porque Deus não lhe qui-

sera dar, mas não que a isso se furtasse algum dia. Fazia o pão em casa para ficar mais gostoso, lavava aquelas brancas e bem talhadas camisas dêle, engomava-lhes os colarinhos, vincava tanto as calças... Só para que êle andasse sempre impecável. Todos reprovavam por detrás dela, pois ficariam seus inimigos se ousassem falar de Tio André. Mas chorava noites inteiras e se pegava com Santo Antônio. Desde o colégio interno, de freiras francesas, aprendera a amar o Santo. Êle havia de ouvi-la. E começou, dessa vez, a rezar com a maior força de fé que podia existir. O responso lhe daria jeito em Tio André. Fêz promessas de dar aos pobres o pão diário, acumulou dinheiro para batizar tôdas as crianças dos lugares pobres, tudo por amor a Santo Antônio. O responso saía sempre entre lágrimas, entre palavras dela mesma, autoria inédita, coisa que lhe viesse à cabeça na hora. E assim se passaram os cinco dias de responso. Ela estava exultante, mas inquieta. Tio André não saía mais. As noites inteirinhas em casa, jeito de desalento, olhando pela janela o pedaço branco da ponte subindo, sério, sério, mudo, e ela foi ficando angustiada.

Que estará acontecendo? Tinha medo de perguntar. Medo não era bem. Era mais aquele respeito que a êle sempre tivera. Marido é como rei, dizia sua mãe há tantos anos quando ainda vivia. A gente não deve, nem de longe, desrespeitar o marido. E uma palavra, às vêzes, quem sabe? Uma palavra, perguntando coisas sôbre sua vida, pode muito bem ofendê-lo. Nunca o tratara de outro modo que não fôsse por senhor. Sempre fôra assim, como teria coragem dessa leviandade?

Passaram-se mais alguns dias e só faltavam dois para acabar o santo recitar do responso, quando Tia Alexandrina não pôde mais. Pediu perdão em memória do santo ensinamento materno, benzeu-se, benzeu-se, e como quem passa num instante de santo a vivente qualquer, chegou-se bem junto à janela onde êle permanecia imóvel, encheu aquêles olhos escondidos pela pele enrugada e ressequida, de tôda a carícia que fôsse possível caber nuns olhos humanos, e soltou a fala:

— Seu André... o senhor está tão diferente... quer que lhe faça um chá de fôlhas de laranja?

— Quero nada. Não sou home de ficá doente — falou grosso e pigarreando.

— Quer dizer... não é doença, mas quem sabe... os nervos... tenho andado com pensão do senhor...

— Nervoso é verdade que eu ando. Também se fôsse outro já tinha ido até para o hospício...

Tia Alexandrina começou a tremer e contendo a choroadeira, com medo de que o marido estivesse ficando doente da cabeça, procurou ajudar:

— Às vezes é bom desabafar, gente. Quem sabe se o Sr. está preocupado com os negócios... né... a gente dá um jeito, ora. Volta de novo para Tijucas, começa tudo como antigamente... Eu sou velha, é verdade, quer dizer, velha não. Velha são os trapos. Estou um pouco cansada, mais ainda sou a mesma Alexandrina. — E ia torcendo a ponta do lenço da cabeça, que caía do nó embaixo do pescoço.

— Quá, mulhé, não é nada disso, não. Eu nunca disse a ninguém porque acho que sou eu que tô ficando maluco. Vou te dizê porque tu me conheces há mais de trinta anos, e não vais duvidá do meu juízo de home acostumado a enfrentá perigos e noites escuras por êsse mundo de Deus.

Tia Alexandrina alegrou-se com isso, como se fôsse o maior carinho que tivesse recebido na vida. Teve medo de verdade que êle adoecesse. E o que iria ser dela? Sua vida era êle. Queria ajudá-lo.

— Diga, seu André. Diga prá desabafá, que passa tudo isso.

— Pois bem. Tu deve tê reparado que eu não tenho saído mais à noitinha...

— É!... Por quê?...

— Porque tôdas as vezes que chego no meio da ponte, lá, tá vendo? Naquêlê pedaço perto dos ramos da aroeira, começa a passá de um lado para outro, na minha frente, um frade com um rosário na mão, e por mais que eu queira passar para a frente, não consigo...

Tia Alexandrina deu um pulo de estremecimento. Arrepiou-se tôda, dos pés à cabeça, olhou fixamente para o marido, e pela primeira vez na vida, antes mesmo que recuperasse o verdadeiro sentido de sua personalidade, cruzou as mãos, apertando-as muito e soltou as palavras tão naturalmente, tão igual a tôdas as das mulheres casadas do mundo, esquecendo completamente tôda a cerimônia que por tantos anos a tinha prendido àquêlê homem.

— Nêgo, não é nada. Tadinho... Sou eu que tô rezando o responso de Santo Antônio! Que milagre! Santo Antônio... Deve ser êle mesmo! Eu rezava todo o dia para que tu nunca mais fôsses vê a danada...

E ficou estatelada, como querendo voltar a si, despertar, não sabia bem o quê.

Tio André estacou. Franziu a testa, cerrou os lábios entre

os dentes, bateu com força na mesa grande, e como se voltasse de novo à terrena vida, foi imediatamente ao porta-chapéus da entrada, varreu a sala com ponche negro, que tirou com fúria do cabide mais abaixo do chapéu de feltro, tossiu uma tosse de quem reprova e suas palavras foram saindo com êle pela porta da rua:

— Tá bem. Tá tudo muito bem! Se é Santo Antônio, então vou embora que estou bem acompanhado...

(Do livro a aparecer **FEL DA TERRA** — contos)

## OS TRILHOS DA TEMPESTADE

(VIII capítulo do romance "BOCAINAS DO VENTO SUL")

Ibiapaba Martins

Os balões passam correndo pelos céus da noite, seguindo os trilhos da tempestade no espaço escuro.

Pequeninos pontos vermelhos vogam rápidos pelo negro azulado e não há uma nuvem sequer no firmamento; apenas o esbranquiçado caminho da Via Lactea e a infinidade de estrelas que piscam para o mundo, contemplando lá de cima os cafesais.

Os balões singram os céus, como infimos naviozinhos côm de sangue, passando por cima de pequeninas povoações, da Fazenda Santa Cruz, da Calábria dos Italianos, da Bocaina do Vento Sul, levados pelo vento que os joga para o Oeste.

Está frio, muito frio.

Mansa, imperceptivelmente, a geada vái se deitando sobre a terra, enregelando o coração dos fazendeiros que espiam a madrugada nos alpendres; é ela ainda que gela os pés dos italianinhos que dormem na Calábria, pensando nas foguei-

---

### IBIAPABA MARTINS E SEU ROMANCE RIO

Ibiapaba Martins estreou com "Falamos os muros da cidade", publicando pouco depois "Sangue na Pedra". Ambos os livros, já com edição esgotada, mostravam um escritor de talento, tendo o que contar, se não ainda inteiramente realizado mas já no caminho certo. Seus livros prendiam o leitor, eram livros vivos — e o autor não se mostrava impassível diante dos fatos. Num estilo pessoal, vibrátil, Ibiapaba Martins construía suas histórias fazendo surgirem figuras humanas que debatiam conosco seus problemas e nos relatavam suas esperanças.

Mas é o próprio Ibiapaba Martins quem declara que "obra publicada é obra superada". Já serviu, portanto, como experiência, como busca de caminho, como aprendizado. E o autor não pode parar.

Ibiapaba Martins trabalha atualmente num romance-rio, tendo concluído o primeiro volume. Este primeiro volume se chama "Bocainas do Vento Sul" e a ação se passa entre os anos de 1917 a 1922 desenrolando-se no interior e na Capital do Estado de São Paulo, movendo-se nela representantes de diversas classes sociais.

O autor de "Sangue na Pedra" considera que a parte mais difícil de um romance está no que chama de "acabamento".

Este seu romance-rio é um entrelaçamento entre burguesia e proletariado — o que vai certamente assustar muita gente. É uma tomada de consciência da burguesia e proletariado nacionais. Através da obra vai-se percebendo a decadência, o desmoronamento da velha estrutura feudal do país.

Romance essencialmente do homem que trabalha a terra, o autor pesquisou exaustivamente a cata de material, tendo já o esboço de todo o livro concluído.

Nêle se entrecrocaram o grileiro, o operário, a burguesia nascente, o latifúndio decadente, num amplo painel que abarca todo um período da nossa história.

É do primeiro volume, "Bocainas do Vento Sul", que damos um capítulo aos nossos leitores, que assim poderão ter uma visão ainda que breve, da amplitude da obra. Nêle já se pode perceber claramente alguns dos aspectos do livro, sua qualidade apurada, um estilo mais trabalho, uma preocupação com a caracterização dos tipos e acima de tudo esta honestidade, veracidade e autenticidade que é como uma das marcas primordiais do escritor e do homem Ibiapaba Martins.

ras que crepitam e se apagam nos terreiros, naquela noite de São João.

Com os pés macios do nada, chega sem ruído e beija os cafesais. Já se estendeu sobre o capinzal que rodeia Pedra Branca, chegou quasi à soleira das casas de madeira, subiu os morros da Calabria e se deitou suavemente sobre a Fazenda Santa Cruz, onde o Senador Cardoso de Almeida espera.

Como êle, todos os fazendeiros da região fremem ante a visita daquela que chegará de manso e, num beijo longo e silencioso, estender-se-á por pastagens, pomares e cafesais.

Todos esperam que chegue; todos ansiam por que não venha com seu manto branco e frio e mortal, cobrindo o mundo.

A visitante branca não chega ao mesmo tempo em todos os lugares. Vão silenciosamente caminhando, saltando brejos, subindo os morros, contornando as quebradas de espigões em que o vento passa de leve esgarçando a mortalha do frio.

Pedra Branca no entanto há muito que se cobriu com o lençol claro e diafano da geada, que lambe as soleiras das portas, como se quizesse chegar às casas de madeira. Passaros morrem nos galhos e, nas pastagens, as perdiz entanguidas cobrem carinhosamente os ovos cor de chocolate, protegendo a prole. Todos se aquietam a nem os porcos saem dos chiqueiros, encostados uns aos outros para fugir ao frio punhal do tempo.

Quieta num canto da velha torre, a suindara se encolheu, esperando que a geada descerre de vez seu branco e mortal sudário. Mas para que sair, se os ratos e camondongos se esconderam no mais fundo de suas tocas? Se o mundo todo espera que ela venha e se vá, deixando a terra coberta com milhões, bilhões, trilhões de pequeninos cristais brancos que no dia seguinte luzirão alegremente aos raios de um novo sol? A suindara, assim como a perdiz nos campo, se encoruja num canto da velha torre e também espera que o tempo passe.

O mundo se aquietou.

Juraci, encolhida sob as cobertas, também sente os pés gelados e procura fugir ao frio agarrando-se ao corpo do marido. Jornais, cobertas e cobertores foram colocados sobre o leito e, também o bercinho da criança, recebeu o peso inesperado de novos agasalhos.

O frio não deixa ninguém dormir: no entanto, nessas noites geladas é bom sentir o calor do companheiro e Juraci se agarra ao marido, aconchegadinha nêle, que por sua vez a tem nos braços, É o momento de esquecer as rugas diárias para aproveitar o calor e a ternura das noites em que se en-



contram, agarradinhos, só pensando naquele calor gostoso que vence a geada que caminha pelo mundo com seus pés de lesma branca.

Talvez, ninguém esteja dormindo em Pedra Branca.

Nas colonias, nos bairros, casebres, o frio é o mesmo e conserva abertos os olhos de todos que estão com os pés geladas. Aluisio, abraçando Juraci num gostoso enlaçar, sente a pequenina junto de sí, como se procurasse proteção.

— Você é gente da capital e não sabe o que representa uma geada forte assim para a lavoura de café, — diz êle.

No escuro, sob as cobertas, sua voz se assemelha ao susurro gostoso, ao arrulho de um pombo a lhe fazer cocegas no ouvido, dando-lhe a impressão de que ali dentro a geada nunca chegaria, sob as cobertas mornas, dentro da casa protegida.

— Nesta hora, não há um fazendeiro que não esteja acordado, prossegue o rapaz. — O Senador, por exemplo, deve estar com o coração na mão, já calculando os prejuízos que vai ter. Com êsse frio, até criação morre gelada. Amanhã, quando a gente se levantar, você olha para fóra e vê tudo branco. O capim fica coberto de milhões de pequeninos cristais, como se fôsse açúcar. O pior é depois, quando chega o sol e vai desfazendo o lençol formado pela geada. Aí, tudo morre, sêca. O café é a planta que mais sofre. Suas fôlhas finas não aguentam frio mesmo, bananeira, planta de horta, cafeeiro, tudo morre com a geada. Laranjeira aguenta bem; é planta resistente. A cana, — essa se perde mesmo: não atura o frio.

Como um professor, êle explica os efeitos do frio que lavra lá fóra, regelando tudo.

Ela, acomodada sob as cobertas, sabe que dentro de casa tudo vai bem e que o menino no bérço está bem protegido; gosta de ouvi-lo. É tão bom conversar com Aluisio e tão raro vê-lo em casa sem se queixar daquele lugarejo.

— Mas será que o Coronel Cardoso de Almeida vai se ressentir muito dos efeitos dessa geada, Aluisio?

— ... que pergunta boba, minha negra. Se vai sentir? Depois dêsse friozinho, quero só ver como vai pagar os credores e os bancos, que devem estar em cima dêle como carancho em cima de galinha com pinto. Isso tudo vai refletir-se no prestígio político dêle. Sem dinheiro e cheio de dívidas, vai ficar no chão...

— Coitado...

— Vendo bem, é um coitado mesmo. E até que êle é um homem direito, de boa família, político decente... um político decente.

O silêncio ficava carregado de expectativas até que o marido repetia duas ou três vezes, como se estivesse matutando sobre o destino que deveria ser dado ao Coronel Cardoso de Almeida.

— ... um homem decente... um homem decente.

Novo silêncio espichado e morno, gostoso sob as cobertas.

— ... a Fazenda Santa Cruz vai ficar no chão...

Fazenda Santa Cruz. Esse nome dominava tudo no lugar e era mais importante inclusive do que a própria vila. Tudo é santo na Fazenda Santa Cruz. É santo o nome da fazenda, todos os morros da serra, a cruz fincada sobre a pedra e o rio que corre cascadeante sobre pedrinhas brancas e cinzentas. Tudo é santo na Fazenda Santa Cruz, latifúndio imenso pertencente ao Coronel Cardoso de Almeida.

Tudo é santo na Fazenda Santa Cruz...

... mas diziam que só não era santo o nome dos feitores e o suor dos que trabalham arcados sobre a enxada. Major Diogo, que dizia. Ele, que conhecia todos os segredos da terra e era pessoa viajada e inteligente, contava histórias de arrear sobre a Fazenda Santa Cruz, que era mais importante mesmo do que a própria Pedra Branca, também chamada Belo Monte.

Em Belo Monte a população escolar não era muito estável e os filhos dos trabalhadores, homens sem terra, que viviam correndo o país de norte a sul, de leste a oeste em busca de trabalho, começavam ou acabavam sempre trabalhando na Fazenda Santa Cruz. Impressionava Juraci o aspecto das crianças que frequentavam a escolinha. Eram mirradinhas, sem côr, lembrando a côr da terra que aprendiam a cultivar desde pequeninos, desde os oito anos de idade. Dizia-se mesmo que muitos comiam terra.

Agarra-se mais ao corpo do marido, quente sob as cobertas, o ouvido atento para o bercinho ao lado, querendo adivinhar se era doce ou agitado o sono do filhinho. Quietos, sem uma bulha, a criança dormia sob os cobertezinhos azuis e rosa.

E nas colônias das fazendas, como estariam dormindo aqueles seus alunos mais pequeninos? Aquêles meninos por exemplo que estavam sempre juntos? Sofreriam frio, depois que se reconheceram, após as festas daquela noite fria de São João? Teriam cobertas, ou já estariam acostumados com a falta de agasalho?

Eram cinco pirralhos; cinco pirralhos de perninhas finas, nuas, queimadas de sol. Oswaldo, Benedito, Quinzinho, Bento e Joaquim, estavam sempre juntos, mostrando ao sol

e à chuva as perninhas núas, queimadas do sol de Pedra Branca.

— ... será que as crianças das colonias têm agasalho contra êsse frio, Aluisio ?

— Muitas não têm; mas estão acostumadas; quem vai sofrer com isso é o cafesal; o coronel está no chão; o café é que sofre com o frio e a geada, minha negra...

Eram cinco pirralhos: Oswaldo, Benedito, Quinzinho, Bento e Joaquim, que formavam o "grupinho pentagonal", linda figura de geometria. Oswaldo e Joaquim eram filhos de Antônio Adelaide, o homem que dirigia o armazem da Fazenda Santa Cruz. Oswaldo ainda não atingira oito anos e Joaquim mal completara nove. Eram da mesma idade Benedito, o negrinho filho de Ditão, carroceiro da Fazenda Santa Cruz e os irmãos Quinzinho e Bento, filhos de um colono de Coronel Cardoso de Almeida, o dono da Fazenda.

Gente andeja, hoje aqui, amanhã ali, sempre procurando novos pousos e horizontes diferentes. Porisso não progrediam, conforme lhe assegurava Aluiso. Diz-se que pedra que muito muda não cria limo e homem que sempre anda não junta fortuna. A família de Adelaide era bem uma prova da verdade do proverbio: hoje aqui, amanhã ali, — nunca socegavam num canto para juntar alguma coisa de seu. Gente andeja, com sangue de cigano, que tornava tão frequente a explicação simplória:

— Professora; amanhã, nós não vem mais na aula: nós vai se embora daqui.

— E para onde vocês vão ?

— Nós vai se embora da Fazenda Santa Cruz.

De fazenda em fazenda, iam desfiando as contas do rosario da vida, desperdiçando as ilusões. Nêsses momentos, considerava como deveria sem ruím ter de viver saltando daqui para ali, perdendo sempre alguma coisa nos saltos loucos, na antevisão de que algo melhor se seguiria a cada mudança.

A vida das professoras tambem era de saltos. Mas, parecia, depois de cada mudança, algo sempre melhorava.

Aconchegada ao marido, debaixo das cobertas gostosas, sente-se grata àquele calorzinho lutando contra o frio que lavrava lá por fóra, beijando os cafesais e as bananeiras, queimando as fôlhas tenras das plantinhas.

Aquêle frio deveria estar penetrando nas casas das colonias e encolhendo o corpo das crianças no fundo das enxergas.

— ... nesta hora, o coronel Cardoso de Almeida deve estar com os pés gelados acordado no terreiro, esperando o dia seguinte. Está derrubado... está no chão...

Como era gostoso permanecer quietinha num lugar qualquer. Mesmo naquela casa, junto ao prostíbulo agora quieto, também êle tiritando sob a geada, escondendo-se debaixo de cobertores espurios e miseráveis. Como era gostosa a vida, sentido aquêlê calorzinho do amor e palpitar contra seu seio o coração do homem adorado.

Não possuía motivos de queixas da vida. Tinha uma criança linda, um filho adorável que deveria estar fazendo três anos logo mais e enchia de prazer seus dias e suas noites. Amava o marido e perto dêle se sentia completa e realizada.

Quando êle se ia de viagem, nas horas que precediam seu regresso ficava a sonhar com êle. Como era bonito o seu marido. Com que orgulho, antegozando secretamente a admiração que êle deveria provocar da parte de outras mulheres, insistia em provocar seus cabelos muito negros, ondeados, que contrastavam estranhamente com os olhos verdes e a pele clara. Magro, alto e elegante, êle era o seu marido. E ela também pertencia a êle, apesar das brigas, dos arrufos.

— ... coitado do coronel; é um homem decente.

Era gostoso ouvir a voz do marido. Apertou-o mais de encontro ao peito, murmurando.

— ... está frio, meu bem.

E confessava:

— ... como é delicioso a gente estar junto.

Nesses momentos, esquecia-se das discussões que marcavam os instantes em que se desavinham pelos mais futeis motivos. Como sou boba, tendo um maridinho como o meu e vivendo com briguinhas idiotas. Como sou teimosa. Tudo que acontece de mau entre nós tem como causa essa minha cabeça dura, de que já falava papai. Mas Aluísio também gosta de empacar em suas teimas e caprichos.

Sem que pudesse conter-se, naquele momento mesmo, sentia uma leve irritação insinuar-se contra êle, o teimoso também. Mas logo êsse sentimento era dominado pelo morno das cobertas, pela luta a dois contra o frio que ia lá por fóra, queimando os cafesais.

O frio vái sendo envolvido pelo sono gostoso sob as cobertas, embalado pela batida do coração de seu marido. Desce sôbre o escuro do quarto um véu de esquecimento e, logo, Jurací está realizando em sonhos muitos dos anseios que não conseguia concretizar na rotina do dia a dia.

oOo

No apêndice da Fazenda Santa Cruz, o coronel passeia inquieto, a mão em pala sôbre os olhos, procurando lobrigar

aqui e ali o inimigo que ninguém vê, que nunca viu porque a geada é mansa e chega sem ruído.

Nas noites em que desce sobre o mundo, os céus ficam mais limpos, as estrelas piscam muito mais como se quizessem enganar os mortais. — A via-lactea tem justamente a côr e o tom da saliva mortal que a geada deixa sobre as folhas dos catingueiros e dos pés de café no dia seguinte, quando o sol se ergue.

Esfregando as mãos, andando inquieto daqui para ali, Cardoso de Almeida procura com o olhar os seus milhares de cafeeiros que descem e sobem encosta. Mas tudo é negro na paisagem. Claro é apenas o céu. Assim mesmo, como que adivinha o cafetal, tem mesmo a impressão de que são crianças, seres tenros, enfileirados à espera da morte, incapazes de sentir e clamar por seu socorro. Sim, lá estariam os cafeeiros queridos, clamando por auxílio, querendo fugir à morte. E êle inerme enquanto o beijo mortal da geada sugava a vida de sua lavoura.

Cardoso de Almeida tem os pés gelados dentro dos sapatos de couro e elastico. Ainda mais frio do que seus pés é o mêdo que lhe vái na alma, um medo inesplicavel, como se todos os duendes do mundo o espiassem lá de trás, de muito longe, das pedras brancas e fantasmagóricas que davam nome ao lugar.

.. Sente-se só com os seus demonios, as suas lembranças e os seus medos. Não lhe importava no momento a presença do administrador, solícito, experiente e afeito àquelas tragédias que de vez em quando se abatiam sobre as lavouras, deitando por terra anos e anos de trabalho, fortunas sólidas, prestígios que pareciam antes inabaláveis.

Passam os balões correndo pelos céus. São os ultimos daquela noite, que talvez vão acender fogueiras distantes nos pastos perdidos. Correm o céu, cruzando-o de horizonte a horizonte, subindo lentos, caindo chumbados, de vez em quando se incendiando no alto como estranhos bólidos, desfazendo-se em fogo como ilusões loucas. Como ilusões que se desfazem.

— Essa é da negra, doutor: essa é da negra...

Negro é o mistério que está a envolver suas terras naquele instante. Mistério indesvendado e que só no dia seguinte appareceria claro aos olhos de todos, quando descobrissem enfim que não iria colher café por muitas safras.

Negro é o futuro.

Negra. No dia seguinte, ninguém talvez pudesse advinhar que êle, coronel, passára a noite em claro, esperando as horas

avançarem no céu parado. O sol se ergueria atrás das pedras brancas e encontraria seus cafesais como os deixára no dia anterior; talvez mais parados, as folhas pendidas, inertes. É que o beijo da geada pousara no mistério da noite gelada.

Ninguém previu a morte negra que, no dia seguinte, cobrirá pastagens e cafeeiros, acoitando-se nas barrocas e procurando subir o mais alto possível nos espigões. Só êle. Só êle quasi adivinhara que atrás daquele frio, daquelas noites que surgiam claras, quasi brancas sob a Via-Lactea, só êle previra que algo mortal ameaçava mansa e lentamente os cafesais.

A geada, muda e mansa, vái descendo, vái subindo — ninguém nunca o soube — e tomando conta da Fazenda Santa Cruz. O medo aperta o coração do fazendeiro e êle se sente imensamente só sob a noite gelada, vendo na imaginação a geada tomar a forma de uma velha vestida de luto, escondida atrás dos guichês dos bancos, avançar de garras aduncas, unhas sujas de terra, sôbre aquele chão que êle e os seus haviam roubado ao sertão.

Sente-se imensamente só no mundo.

Junto dêle, como uma sombra, o administrador da fazenda espera, mas êle não sente ninguém junto de sí. É um homem isolado ante a desgraça que se avizinha, que já chegou com pés de nevoa e pousou sôbre o chão de sua fazenda.

Isolado no mundo, não tem família, não tem amigos.

Só êle se incomodava com a sorte da Fazenda Santa Cruz. A mulher e os filhos continuavam na Europa, gastando o dinheiro do ouro em que se transformava o café. E mesmo que estivessem no país, a mulher e os filhos não iriam incomodar-se com geadas e outros flagelos capazes de ameaçar as propriedades da família.

Eram quatro as propriedades da família, sem contar a fazenda que a mulher recebera de herança do velho Barão dos Ferreiras, mas nenhuma tão cara às tradições dos Cardoso de Almeida como a Fazenda Santa Cruz. Desde criança, aprendera a ver na Santa Cruz o poderio da "gens" Cardoso de Almeida e, agora, no fim da vida verificava que êle e sua fazenda mais querida alí estavam abandonados aos elementos poderosos que desciam sôbre o mundo trazendo a destruição.

Nenhum Cardoso de Almeida mais iria cuidar da Fazenda Santa Cruz, trata-la com o carinho com que são tratadas as relíquias da família porque só existe realmente um Cardoso de Almeida no mundo, para conservar a tradição e a honra familiares. Seus dois filhos não eram Cardoso de

Almeida a não ser no nome e na fortuna recebida das outras gerações: eram apenas Ferreiras, imbuidos de prosápias, sonhando com a Europa, esbanjadores, faltos de vontade, educados pela mentalidade amolentada e feminina de uma Ferreira Lobo de Carvalho. Só ele e a sua Santa Cruz eram algo que lembrava os velhos Cardoso de Almeida de outros tempos mais heroicos.

Atrás dêle, o administrador murmura distante e frio, como o próprio frio provocado pelas suas palavras cheias de pressagio:

— Essa é mais forte do que a de 1870. Naquele tempo, não sobrou um pé de cana e meu pai me dizia que era preciso afundar a mão nas touceiras antes de apanhar os gomos que não haviam sido queimados pela geada para plantar novamente. Um litro de pinga, naqueles tempos, passou a custar oito mil réis.

Também êle tinha lembranças bastante nitidas da grande geada de 1870, justinho quando se acabava a Guerra do Paraguai. Os porcos morriam nos chiqueiros e não ficou pé de café que não tivesse sido morto.

Mas muitos se salvaram, — mesmo naqueles tempos, pensa Cardoso de Almeida, agarrando-se à nova esperança que surge. Muitos se salvaram e quem possuía café armazenado ganhou dinheiro. A mesma voz de mau agouro insiste atrás dêle:

— ... houve gente que perdeu muito dinheiro naquele tempo.

Sim, houve prejuizos enormes. Em muitos lugares, o catingueiro voltou a ocupar o chão plantado de café e cobriu tudo numa enorme onda verde que mais tarde o boi comeu. E nunca mais o café voltou a vicejar nesses lugares, continuando sua marcha em direção do Oeste, em direção das terras em que as geadas batem violentas e traiçoeiras de vez em quando. Era aquela a sina do café: avançar em direção da morte, deixar atrás de si o negro das queimadas, do chão estorricado, das erosões que transformam o mundo.

Mas muitos se salvaram.

Quem sabe, êle também sairá daquela provação melhor do que nela entrara. A voz insiste, agourenta:

— ... sei de um fazendeiro que ficou louco, por causa dos prejuizos.

Cardoso de Almeida não responde.

Cala-se, contendo o ódio contra aquele inimigo invisível que está matando seu café, oculto nas dobras da noite, misterioso. Naquele instante, o fazendeiro sente-se perdido no

mundo, sob as estrêlas que piscam-piscam sem parar no céu, transformando a noite num alo de nevoa. O Cruzeiro do Sul deita sôbre a terra as quatro pontas imaginárias de uma cruz, como se a perdoar os erros cometidos.

Deus lá em cima deveria ser o único a conhecer seus sofrimentos, de homem inteiramente só no mundo. A mulher e os dois filhos já não representavam a tradição dos Cardoso de Almeidas, amolentados pela feminilidade esbanjativa dos Ferreiras que tinham sido barões e condes nos tempos do Império.

Só êle resta do velho tronco que encheu os espigões com o verde escuro dos cafesais. Deus que estava lá em cima, deveria conhecer seus sofrimentos porque sabia ver no coração dos homens. Os pensamentos postos em Deus, o velho político pede ao Grande Creador das coisas, que faça parar o rastro da geadá. Mas ela vem chegando, mansinha, muda como uma coruja de grandes azas negras que planasse sôbre a Fazenda Santa Cruz. Vem chegando, batendo as azas no ciclo que ninguém ouve, pouco se importando com os seus pedidos Àquele que tudo póde.

Um balão corre o céu. Parece uma estrêla a mais, só que é vermelho como o furo de um projétil no peito negro de um homem. Corre leve como a brisa gelada, singra a noite fria, impávido, levando um pouco de calor através do céu branco de contente. Sim, naquela noite, a Via-Lactea está imensa, cortando o céu de um extremo ao outro. As estrêlas todas estão maiores, mais vivas, piscando mais. Outro balão surge das bandas do poente; todos êles surgem de não se sabe onde e se dirigem para o mesmo ponto da terra, acompanhando a curva que faz o céu. Que bom seria se se pudesse semear o firmamento com milhares, milhões de balõezinhos capazes de levar um pouco de calor a êste mundo de coração gelado. Milhares, milhões de balões para levar sua quentura às noites de São João. Quem sabe, então a geadá não estaria queimando pastos e cafesais. Balões no céu, milhares de fogueiras nas colonias e nos próprios cafesais. Uma quentura gostosa como o calor que pulsa no interior de cada balão toma o peito do coronel Cardoso de Almeida, que não sente os pés gelados nem quasi dá pela presença do administrador ao seu lado.

— Se a gente pudesse acender muitas fogueiras na colônia, Nho Pedro?

— Já acenderam; mas agora é tarde e já se apagaram...

— Eu não falo das fogueiras de São João, Nho Pedro;



eu falo de outras fogueiras esquentando o mundo. O senhor não me compreende, Nho Pedro.

Nho Pedro dá de ombros, sem que o coronel perceba. Compreendia muito bem. Fogueiras. Fogueiras eram acesas em todo São João desde que êle se tinha por gente. Naquela noite mesma, os colonos haviam brincado em torno do fogo, tentando espantar o frio enquanto os balões subiam levando alegria e esperanças passageiras nas côres brilhantes do papel de sêda.

— Eu sempre fui um homem bom, Nho Pedro. . .

— Que duvida, doutor coronel: é coisa que todo mundo diz.

— Nunca fiz mal a ninguém, quando não fui provocado.

— Todo mundo diz, doutor coronel, todo mundo sabe.

Parado junto à balaustrada, o fazendeiro olha a silhueta dos morros, o negro das baixadas, onde está o cafesal, milhares de cafeeiros que naquele instante mais parecem crianças tiritando ao frio, sem cobertas.

— Vamos dar um giro pelo cafesal, Nho Pedro. Me corta o coração vêr o café assim parado na noite, como se fosse gente.

O administrador seguia-o sem discutir. Idéia absurda. De que adeantava percorrer as ruas do cafesal, sob o frio impiedoso que varava os ossos? Mas o coronel não compreendia, nem sentia o frio que parecia uma face fina a mergulhar nas carnes enquanto a noite, quieta e parada, cobria os espigões e as varzeas. No cafesal, a calma era absoluta e os arbustos pareciam gente a tiritar.

— Êste é o meu cafesal, — murmurou.

— Como é que o doutor coronel falou?

— quantos anos levei para formar esta fazenda. Era mocinho ainda, bem mocinho, quando meu pai se voltou para estas bandas. Havia indios flexando gente mais para deante e êle mesmo perdeu muita criação morta pelos caingangues.

Como se falasse sozinho, contava as peripécias da formação daquela fazenda, esquecido já da geada que continuava parada na noite. Até o administrador, homem pouco afeito a coisas de sentimentalismo, começava a compreender a dôr do patrão. Outras vêzes, porém, êle se plantava junto a um arbusto e ali ficava, como se estivesse vendo um filho agonizar.

Aqueles eram realmente seus filhos.

Mas — como seus filhos — moles, fracos, desvanecendo-se ao fustigar da primeira geada mais forte que avançasse contra as lavouras. Aquele café tinha algo realmente dos seus,

diferentes, muito diferentes dos filhos da terra, das plantas do mato. Quantas e quantas vêzes desejou que os dois rapazes fossem como os filhos do compadre João Garcia Alvarenga, crescidos meio à solta, fortes, rijos na ignorância sadia dos que acabam vencendo.

Mas os seus eram diferentes, muito diferentes dos filhos da terra. Tal e qual o café que em nada se assemelha às plantas do mato que não sofrem com a geada ou às laranjeiras rusticas que enfrentam o beijo frio da morte sem perder o verdor das fôlhas orgulhosas.

Ele era um homem só, realmente. Mas um homem só porquer não soubera unid em torno de sí as crianças, quando eram pequeninas e poderiam ter sido educadas na rija educação dos tempos de antigamente, quando os filhos de família não viviam amolentados pelas coisas estrangeiras que estavam a corromper todo o pais na confusão dos novos fatos e costumes importados.

Quantas e quantas vêzes desejou que seus dois rapazes fossem, por exemplo, como Gonçalinho, o filho de João Garcia Alvarenga. Era pouco mais do que alfabetizado, um bruto feliz e sadio, capaz de enfrentar as reboldosas da vida tal e qual sucedia com os Cardosos de Almeida de outros tempos.

Mas não: eram dois rapazes estroinas, mal educados pela mãe, imbuida das prosápias dos velhos barões que tinham sido os Ferreiras de sua família, sempre sonhando com a Europa e os brasões da nobresa.

Pobre geração aquela. Eles, os desbravadores, haviam criado o pais. Tinham fincado os cafesais no chão. Os outros que os haviam seguido apenas esbanjavam a fortuna que lhes era dada.

Cada arbusto daquêle tinha uma história; e cada casal um drama. Nos tempos de estudante na Faculdade de Direito de São Paulo gostava de teorizar sôbre os homens que haviam feito e estavam fazendo a história do país. Eram fazendeiros — constituíam uma verdadeira aristocracia que embora não fosse de sangue era no entanto formada pelos melhores elementos da nação. Naquêle tempo, Ataliba era seu colega nos bancos da faculdade. Não tinha, contudo, grandes raises na tradição nem descendia das mais antigas famílias de São Paulo. Desde os tempos de academico, revelava-se o intrigante e manobrista que viera a ser.

Eram amigos naqueles tempos. Não os separava ainda a rivalidade que se ia tornando odiosa à medida que os anos corriam. Ele, Cardoso de Almeida, constituia como que um protetor do Ataliba, como sempre sucedêra desde os bancos

da faculdade. Tinha sido o encaminhador de seu futuro rival na direção do partido, mal podendo prever seu maquiavelismo.

Já naqueles dias de estudante, gostava de referir-se aos adventícios, — a todos que não pertencessem às mais ricas famílias do Estado — como arrivistas procurando um lugar ao sol. O canudo de bacharel constituía a grande arma utilizada pelos adventícios que, formados, encaminhavam-se para o interior e procuravam tomar conta das prefeituras.

Seu pai fôra o primeiro a apontar os defeitos do Ataliba.

— O Ataliba vái longe, menino. Tem sangue de negro; a avó dele foi lavadeira e o pai tem alguma coisinha que, se o rapaz souber, vái acrescentar... Mas tem que se meter na política...

#### **Tinha razão o pai; como que adivinhava o futuro.**

Passeando pelo cafésal, parando junto de cada arbusto, êsses pensamentos iam e vinham. Agora, com a geada e os prejuízos, Ataliba venceria sua grande primeira batalha naquela luta que vinha travando com a grei dos Cardoso de Almeida.

Apanhou uma fôlha do cafeeiro, amassou-a na mão. No dia seguinte, quando o sol se erguesse, mudaria de côr adquirindo o tom bronzeado das folhas queimadas da geada. Alí se perderiam contos e contos de réis, centenas, milhares de contos. Quanto trabalho havia tido para que aqueles cafésais ondulassem verdes e escuros nos espigões da serra...

Seu avô chegara a aquele chão fazia muitos, muitos anos mesmo. E os avós de seu avô já possuíam terras, muitas terras, porque descendiam da banda bôa dos primeiros homens que fincaram bandeiras em terras de São Paulo. Não era como o outro, que tinha sangue de negro e uma avó lavadeira.

Não podendo plantar café nas terras que seus avós haviam ocupado, Ataliba se lançara para a frente, para muito adiante das pontas dos trilhos, empurrando o café e o índio na direção do Oeste. Corajoso, isso êle era. Nunca ninguém poderia dizer que Ataliba fosse medroso.

Outros também se haviam lançado para as regiões que os índios ainda falavam, porque as terras mais próximas das ferrovias, a melhor terra roxa já estava ocupada pelos homens que descendiam dos bandeirantes e se gabavam de não ter o sangue tismado pelo bodum do negro ou a polenta do italiano.

As terras ocupadas por homens como o Ataliba tinham de ser conquistadas no cano do carabinote e na ponta das

longas parnaibas porque os indios eram os senhores incontestes de todo aquele chão.

Em pouco tempo, Ataliba subiu. Aumentou seu café e mais ainda a força política. Não tinha escrúpulos o antigo colega de faculdade, nem parecia o mesmo que havia bebido os ensinamentos do Conselheiro Ribas nos velhos e encebados manuais. Dosava seus conhecimentos jurídicos, a manha processualística ao império da força aplicada no momento oportuno.

A princípio, nos primeiros dez ou quinze anos depois da formatura, foram muito amigos. Correligionários, podia se dizer que o outro dera os primeiros passos na política levado por êle ou, melhor, pelo velho Cardoso de Almeida, seu pai. Ajudara sucessivamente a eleger senador ao seu falecido pai que a partir de então só se referia à avó lavadeira de seu protegido num tom de brincadeira e paternalismo. Mas Ataliba via longe. Muitas vezes se insinuara na confiança do velho, querendo substituí-lo, a êle, um Cardoso de Almeida. O velho dizia:

— Você, meu filho, precisava ser mais consciente de suas possibilidades. Veja o Ataliba, que não tem as mesmas possibilidades, nem teve as mesmas oportunidades de você. Em política, meu filho, é preciso fazer política. Veja meu exemplo, para não repetir os mesmos erros: já ajudei muita gente e nunca fui ajudado. Em política, coração é um instrumento dispensavel.

Ataliba sabia disso. Sabiam-no todos os seus capangas, gente aliciada em todos os pontos do país. Havia paraguaios de cabelo duro como Ramon Paraguáio; homens palrantes e simpáticos como o Zé Baiano e gente de olhos azuis, frios como pedra ou céu em noite de geada como aquela, vindos das planuras cobertas de pinheiros. Ataliba utilizava e dosava os arrazoados jurídicos com a potência dos carabinieri colocados em mãos fiéis. Ocupou, expulsou, — todos diziam que mandava matar e surrar mas ninguém negava que o apóio dado pelo Doutor Coronel Ataliba era mais sagrado do que bençãem de bispo.

Quando pôs os olhos naqueles trechos em que depois formou sua fazenda, já o indio desmoralizado ia cedendo terreno aos homens armados de carabinieri bem engraxados. Batidos no fundo da mata, os antigos donos do sertão cederam a terra ao novo senhor. E o chão imenso foi ocupado por gente vinda de todos os países do Norte e do Leste em direção do Sul e do Oeste.

Em tempo relativamente curto, Ataliba soube organizar

diretórios, viveiros eleitorais, gente. Em sua zona, o Partido Republicano era incontestado. Prestigiou-se aos olhos das sucessivas comissões diretoras com o apôio preciso, massiço e ponderável que lhe dava nas refregas eleitorais. Derrubou prefeitos, elegeu-se deputado, fez senadores e logo estava emparelhado com êle na comissão diretora constituindo-se como que a fração dos jovens, como a si mesmo gostava de chamar.

Aos poucos, as relações entre os dois principiaram a esfriar. Ataliba tinha seus próprios planos que muitas vezes se chocavam com os d'êle, Cardoso de Almeida. Iniciou-se, mais cêdo do que se pensava, a luta de posições entre os que mais tarde vieram a chamar-se "atalibistas" e "cardosistas".

Arrancando folhas dos cafeeiros, espremendo-as entre os dedos, gostando de cheirar o perfume acre e forte do café, o coronel passeia junto aos arbustos que pareciam gente sob o frio. Ao lado dele, sem dizer palavra, seguia-o o administrador.

Com aquela geada, certamente seu prestígio político ficaria ainda mais abalado. Achavam-no muito liberal. Preferiam os homens como Ataliba, sem escrúpulos, sem princípios a defender que não fosse o próprio mando. Consideravam-no mais apto a defender a linha política do partido, cheia de versatilidades e violências. Êle era um mole, — diziam. Um coração mole, — corrigiam os amigos, não querendo feri-lo.

Aquela geada vinha acabar com tudo.

— Mas doutor coronel, eu tenho certeza porque alguma coisa está me dizendo aqui por dentro, o senhor não vái perder muito café...

Levantava os braços, apontando para o Norte e o Sul, mostrando as elevações:

— Pôde ser que ela não tenha estragado mais para cima, nos espigões. Na geada de 90, ela não subiu o espigão.

— Esta é pior, Nho Pedro. Eu sei, eu estou perdido. Mas seja o que Deus quizer.

Parecia conformado, ao repetir:

— Seja o que Deus quizer, seja o que Deus quizer.

Nho Pedro queria dizer-lhe algo, capaz de consolar sua dôr mas as idéias não lhe acorriam; não sabia o que falar que não lembrasse a maldita, os cafeeiros perdidos e, pior de tudo, a miséria das próximas safras. Já estava imaginando toda a gentarada das colônias, procurando rumo, campeando fazenda de melhor ganho, não atingida pela maldita. Sim, porque tão cedo a Fazenda Santa Cruz não ia se levantar; tão cedo o doutor coronel não se aprumaria. Na ver-

dade, aquela geadada deveria estar sendo mais forte do que a de 90. No dia seguinte, poderiam ter certeza, percorrendo a cavalo as plantações atingidas. Uma geadada capaz de derrubar qualquer fazendeiro forte; lembrava-se ainda da de 1890; era menino e vira muito graúdo de pé no chão, idiotizado no meio dos cafezais ressequidos.

— Póde ser que não seja nada, doutor coronel. Só ameaça.

— ... mas é, Nho Pedro. É.

Apontava à esquerda e circunvagava o braço lentamente, indicando:

— Tudo isso está sendo batido pela maldita, que Deus me perdôe. Tudo vái morrer. Vamos plantar café mais para deante...

— Só se fôr no Paraná, Doutor.

— Tem muito chão em nosso Estado ainda, Nho Pedro...

— Ter tem; não estou dizendo que não tem. Mas é que no Paraná dizem que o café dá e dá bem em quatro anos...

— Eu sei; já pensei em ir para lá também. Tive ofertas boas e enjeitei.

Teria que fazer como o Ataliba: lançar-se para deante, para novas terras. Porisso é que na comissão diretora Ataliba e Silvio se consideravam a gente moça do partido. Não tinham escrúpulos com que esconder a passividade; só acreditavam no exito. Com isso, estavam derrotando os antigos companheiros de partido, substituindo os homens da velha guarda por gente sua.

Utilizavam-se de outros metodos, — diziam. Não tinham escrúpulos, — acreditava êle próprio que, infelizmente, nascera Cardoso de Almeida e porisso mesmo com um nome a zelar, com principios bebidos no berço. Dêle ninguém diria, ninguém nunca dissera que mandara matar adversários políticos.

Tinha um nome a zelar. Infelizmente, nem todos compreendiam.

Acreditavam fosse um fraco, um coração mole. Talvez, tivessem alguma razão. Realmente, não se formara como o Ataliba, montando em cima dos sofrimentos do mundo. O que possuía recebera do pai, que por sua vez recebera do avô que também recebera dos ascendentes. Ataliba, não. Esse tomara, ocupara, usurpara.

E era o Ataliba mesmo que lhe dizia, quando as relações entre ambos eram boas, durante as noitadas de amor e vinho.

— Você já recebeu tudo de mão beijada; eu não, eu tive que conquistar o meu...

E virando o copo, pois sempre gostara de um bom vinho e de um bom conhaque:

— Na realidade, a coisa em si, como diriam os nossos professores de Direito Civil, tem a mesma origem. Só que a minha fui eu mesmo quem teve de usurpar. E a sua... não lhe coube êsse trabalho. Os seus ancestrais já o fizeram por você...

Bebia mais um pouco e confessava:

— Sim, meu caro Cardosinho, nós somos o patriciado paulista. Só que eu sou patricio de data mais recente e você tem umas três ou quatro gerações de patriciado. Na quinta, todos nós nos encontramos...

Nessa altura, já as relações entre ambos começavam a tismar-se. Despontava em Ataliba o chefe político absoluto, que não divide prestígio com ninguém. Pois bem, talvez êle tivesse que acabar por onde o outro principiara. Iria para o Paraná, afundar-se-ia mais ainda no sertão de São Paulo, formaria novas fazendas para qque seus filhos não fossem menos do que os filhos do adversário. Empurraria o café mais para deante. E, depois, ninguém iria dizer que recebera tudo de mão beijada dos pais e avós, que tinham sido donos de escravos.

Acabaria onde o Ataliba principiara.

Mostraria a todos, inclusive à memória de seu pai, que não seria qualquer geada que o derrotaria. Era um Cardoso de Almeida, afinal de contas. O fato de haver herdado aquela fazenda constituia um simples acidente em sua vida.

Nêsse ponto, o Ataliba tinha razão: homens como êle constituíam o patriciado de uma nação. Ou, conforme as novas expressões em voga: as elites de uma nação.

Mas era com pena, um nó dentro do peito, que olhava os espigões negros sob a noite. Alí estava o seu café, — café que êle vira formar; café que seu pai plantara naqueles espigões e que agora uma geada destruía.

Talvez, se tudo corresse bem, dentro de quatro anos estivesse produzindo novamente. Tudo por causa daquele flagelo frio.

O céu, quieto e parado, mostrava estrelas pisca-piscando. A Via Lactea, de lado a lado, era a unica mancha a sugerir o gelo ausente da geada. Esta descia silenciosa sôbre o mundo, invisível e misteriosa. Na dia seguinte, quando o sol apontasse atrás das pedras brancas, os cafeeiros estariam agitando mansamente as fôlhas, como se nada tivesse acontecido. Mas dentro deles, em cada fôlha, já se aninhara a morte.

Daí a três dias, não haveria mais verde na sua fazenda.

Tudo é santo na Fazenda Santa Cruz. É santo o nome da fazenda e a cruz fincada sôbre a pedra daquêle rio de nome santo que corre cascadeante. Só não é santa a assombrção amaldiçoada que mora atrás das pedras brancas, assombrando as estradas da fazenda. Dizem que são as almas penadas dos negros que plantaram aquêles chão. As sombras plativas dos escravos que ajudaram o seu velho a desbravar aquêle chão, derrubando aquela mata. Tudo é santo na Fazenda Santa Cruz: só não é santa a vontade que deixou morrerem na geada milhões de cafeeiros.



## O H O M E M E A T E R R A

José Graça

O negro estava deitado de costas, os olhos fixos no teto. “Devia estar próximo. Êle já sentia misturado com o cheiro da sua raça, o cheiro de carne sêca, das frutas, do tabaco enrolado, sim, já sentia o cheiro da bôa terra de Malanje. Ninguém estaria a lhe esperar! Ninguém que êle voltava. Quanto tempo já não sentia aquêle ar verde que saia do mato, echer-lhe os pulmões de vida? Quanto tempo! Mas agora estava quase. Em Luanda custou a lhe esconder, a escapar à Polícia Militar. Então para embarcar! Naquela noite havia baile no Clube Ferroviário e êle dormiu no passeio em frente à estação, misturado com todos os seus irmãos que ali estavam também esperando o combóio de Malanje. Mas quem não fôsse de véspera não arranjava lugares. Que o combóio é pequeno e tem de levar muita gente. Cada um que se arranje. Se fossem nas outras carruagens, ainda havia um banco para cada pessoa, mas ali não iam pretos, não senhor. Pretos só tudo a monte, junto com as quindas de tabaco e galinhas atadas pelas asas, mandioca e laranjas. Se tivesse subido em Viana era mais fácil, mas então não teria lugar. Assim, no meio dos seus irmãos, cantando com eles as canções do seu povo, esperava. Malanje perto, pertinho! Maria não estaria a lhe esperar com o miudo nas costas. Joãozinho devia estar grande já! Miudo mesmo que só comia areia, quando lhe deixara! Malanje estava perto. Cheirava no meio dos outros cheiros da carruagem...”

A porta da prisão abriu-se e o cabo da guarda fez-lhe sinal para sair.

Saiu e cá fora o Sol batendo-lhe na cara obrigou-o a fechar, por instantes, os olhos negros e pequenos.

— Vamos no nosso capitão?

— Sim.

No gabinete do capitão ficou de pé diante dele. Por detrás, noutra secretária, estava o tenente.

— Espera aí — disse o capitão.

O tenente atrás preparou-se para ouvir o interrogatório. Ele ficou de pé, as mãos à frente da barriga, olhando pela janela o asfalto da rua. Não gostava de asfalto. Nem de botas. Gostava era de sentir os pés mergulhados na terra húmida pelo cacimbo, à volta da mandioca.

“A terra ainda estava na mesma. Maria, tinha cuidado dela. Mas Joãozinho já andava, falava já, comia já, grande,

grande. Estava gente. Era pena que ficasse gente, que não fosse sempre pequenininho. Não ia na tropa. Não ia no contrato. Joãozinho não pode ir na tropa! Não pode! Logo que ele vai fazer sete anos vou-lhe mandar na escola de Malanje, vou pedir no sô Pinto para pagar os estudos que eu trabalho para êle sempre. Mas Joãozinho não vai na tropa. Não vai....

O tenente gritou-lhe:

— Vira-te para aqui!

Ele virou-se rapidamente e as cardas fizeram no chão de cimento pequenas curvas, chiando.

O tenente começou a ler:

“ Eu, fulano de tal, tenente miliciano... ”

“Mas para quê estar a ler? Eu não percebo essas coisas que os brancos escreve. São coisas dos brancos. Preto não entende. Brancos pega nas palavras dele e escreve mesmo, pronto, preto vai na tropa, vai no contrato, negro vai na prisão, apanha porrada. Porquê? Porquê não pode ficar na sua terra plantar milho e mandioca, vender no sô Pinto, mandar Joãozinho na escola? Porquê tem de vir na tropa? No princípio ainda gostava. Um nosso cabo ensinava a ler e a escrever a Cartilha Maternal de João de Deus. Sabia mesmo, agora, contar bem, escrever uma carta. Mas depois? Depois mais nada. Estava só a fazer serviço. Serviço um ano, serviço dois anos. E a terra à espera. Ele sentia às vezes o cheiro mesmo no nariz. Vinha à noitinha, às seis horas, quando no fim do jantar ia no mato. Aí vna o cheiro da terra, da mandioca, da cubata, de Maria. O cheiro das coisas que ele gostava...”

O tenente virou-se para êle, tirou os óculos e disse:

— Ouviste? Tu sabes o que fizeste. Sabes que é um crime? Desertaste, deixastes a farda e a espingarda na guarita. Sabes?

— Sim, meu tenente.

— Tu sabes que vais ser julgado por isso?

— Sim, meu tenente.

— Vocês são umas bestas! Ensinaram-te a ler, ensinaram-te a escrever, a vestir, a dormir numa cama, comer com um garfo e colher, deram-te roupa, depois fugiste, fugiste para a terra. Umhas bestas!

“A terra! A tropa. Esteve dois anos na tropa, depois branco disse tem de ficar ainda algum tempo. E a terra e a família? Maria à espera, Joãozinho quase não conhecia. E sentindo a terra chamá-lo com os seus braços negro e duros, os cabelos de raizes de arvores. Fugiu. Fugiu mesmo! De noite

fui no Muceque, depois na quinta-feira fui no combóio de Malanje. Mas preto não tem sorte, uma semana só, só uma semana na lavra, na família, ensinando Joãozinho a língua dos brancos. Sô Chefe veio e me levou outra vez. Prêso, outra vez no combóio, sentindo o cheiro da terra a ficar para trás, com o cheiro de Maria se dando, com o cheiro de Joãozinho brincando. O cheiro da bôa terra de Malanje a afastar-se dêle, cada vez mais dentro dêle...”

O tenente gritou-lhe:

— Para que é que fugiste? Ouve lá oh estúpido, para que é que fugiste?

“Para que é que fugiste? Branco mesmo não percebe o preto. Não percebe”.

Olhou para o tenente nos olhos e depois disse:

— Para trabalhar!

Na sua voz rouca cheia de amor à terra as palavras desenharam-se com a grandeza dum vôo de ave e dos olhos pequenos e negros duas lágrimas cairam sôbre as suas mãos honestas de homem da terra.

**Do livro em preparação “MONANGAMBÉS”**

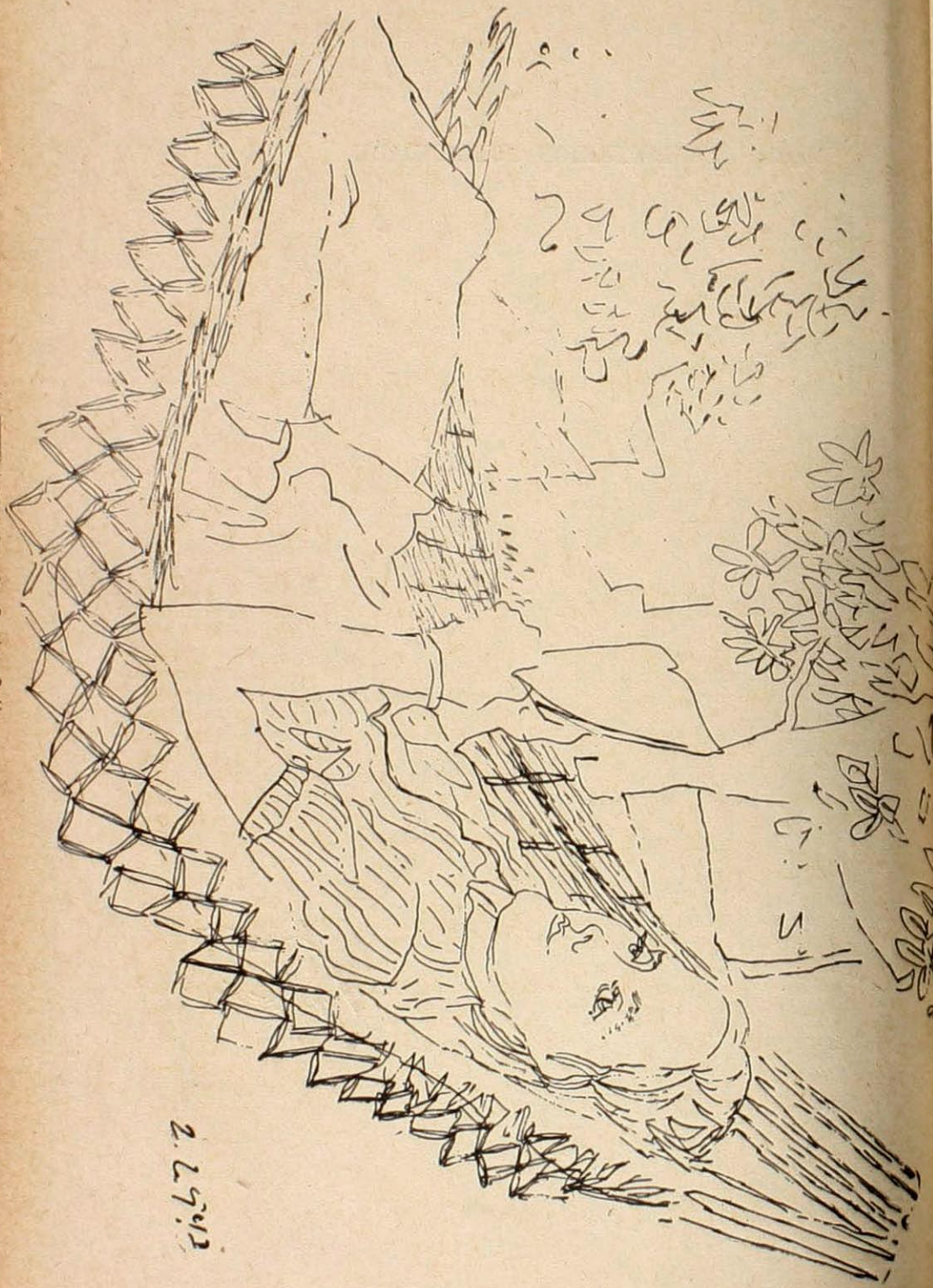
**José Graça**

**Luanda-Angola**

**Livros, Jornais e Revistas  
Nacionais e Estrangeiras  
se encontram à venda na  
LIVRARIA ANITA  
GARIBALDI LTDA.  
Praça XV de Novembro, N. 27  
Caixa Postal, 358  
FLORIANÓPOLIS—S. CATARINA**

**NOTAS, COMENTÁRIOS, PUBLICIDADE**





2.2942

## PANORAMA DO NOVO CONTO BRASILEIRO

Já se encontra em organização o "Panorama do Novo Conto Brasileiro", volume que procurará dar uma visão de conjunto do conto e das suas tendências no Brasil, a partir do ponto em que o abandonou Graciliano Ramos na sua Antologia lançada há pouco pela Editora da Casa do Estudante do Brasil. Bem sabemos que a Antologia preparada preparada por Mestre Graça vai apenas até o ano de 1948 mais ou menos, época em que os originais foram entregues à editora. De lá para cá muitos novos surgiram, outros se firmaram, outros consolidaram posições adentro nas letras nacionais. Graciliano Ramos, além destes, que logicamente não poderia ter incluído no seu volume, deixou de incluir muitos outros, por motivos ou mais diversos e às vezes mesmo sem motivo algum. Não fôsse êle Graciliano Ramos. Antologia organizada de acôrdo com o ponto de vista todo particular de Graciliano Ramos, com aquêlê travo de pessimismo que o dominou, como bem anotou José Lins do Rêgo, não tem ela como principal finalidade dar um panorama geral do que é o conto no Brasil, mas do que o conto é ou como via o conto o grande estilista de "Angústia". Aliás, em última instância, não existem antologias que abarquem, que deem uma visão geral. Tôdas elas teem uma característica particular, levam a marca de quem as organizou — o que é mais do que lógico.

O mesmo já não acontece com um "Panorama". Um panorama não tem esta especificidade de seleção, nem do melhor, nem da visão que um determinado escritor tem das letras. No nosso caso, do conto. Um panorama tem por finalidade precípua mostrar o que há. No caso presente, como Graciliano Ramos já mostrou — e muito bem — grande parte do que há, os organizadores do presente panorama vão concluir — se lhes é permitido usar êste termo — o que iniciou de maneira tão brilhante o autor de "Vidas Sêcas".

Apenas, pretendeu abranger o maior número de contistas, de bons contistas, esclareça-se, não tencionando selecionar sòmente o que lhes agrada, resolveram, para maior facilidade e clareza, intitular o presente volume de "panorama", o que possibilita uma amplificação do trabalho. E acreditam, sem prejuizo da qualidade.

Qualquer informação a respeito poderá ser solicitada aos organizadores (Escritores Esdras do Nascimento e Salim Miguel) para o seguinte endereço: Edições SUL — Praça XV n. 27 — Caixa Postal 384 — Florianópolis — Santa Catarina.

Embora, devido a motivos que vão explicados no editorial e em outros trabalhos do presente número a Revista SUL a partir desta data suspenda sua publicação, há possibilidades de que as Edições, e mais especialmente ainda o Clube do Livro Sul (em organização) subsistam.

Explica-se. O Clube do Livro Sul, de acôrdo com as informações fornecidas no número anterior da revista, viveria de assinantes. O assinante se comprometeria a assinar no mínimo os seis primeiros lançamentos, tendo direito após isto a um livro brinde, obrigando-se outrossim a comunicar com antecedência a sua desistência.

Os livros seriam em edições uniformes, em três séries (ensalo, ficção e poesia) ao preço único de Cr\$ 40,00.

Uma comissão, em princípio, foi organizada, dela fazendo parte: Silvio Duncan (R. G. do Sul); Salim Miguel (Santa Catarina); Adalmir da Cunha Miranda (S. Paulo); Esdras do Nascimento (Rio de Janeiro) e Braga Montenegro (Ceará). Outros elementos seriam posteriormente convidados a fazer parte, pois o plano era estender a todos os Estados o Clube do Livro Sul.

A idéia foi recebida com o maior interesse — e de vários pontos do país surgiram interessados quer em assinar quer em apresentar originais para publicação. No entanto, inúmeras dificuldades impediram que os organizadores, até o momento, dedicassem maior atenção ao assunto, o que irão fazer bem logo, procurando resolver o problema para que o primeiro lançamento se dê no princípio de 1958.

Nada foi decidido ainda no que se refere aos originais a serem lançados, no caso que se venha a concretizar o plano. Em nosso número anterior anunciamos alguns possíveis lançamentos, que porém, por motivos vários, se tornaram irrealizáveis.

Pedimos a todos os interessados que nos escrevam dando sugestões.

Qualquer informação poderá ser solicitada à

Edições "Sul"

Praça XV — n. 27 — Caixa Postal 384

Florianópolis — Santa Catarina

Um novo grupo de intelectuais da "novíssima geração 57" se organizou recentemente no Rio de Janeiro, pretendendo dentro em pouco alargar seu campo de ação e atingir outros estados. Compõe o grupo, que se intitulou "Grupo Cangaceiros", contistas, poetas, gravadores, folcloristas, pintores, etc., todos já com um certo nome, alguns tendo se destacado como dos melhores elementos de seus respectivos setores surgidos nos últimos tempos. Lideram o grupo:

José Freire de Freitas — folclorista e poeta.

Hugo Mund Jr. — gravador.

Newton Cavalcanti — gravador.

Rosa Pessoa — poeta.

Rodrigues Marques — contista.

Assis Brasil — contista e crítico.

Wladimir Dias Pino — poeta concretista.

Badogillo Maciel — contista.

Douglas Marques de Sá — pintor.

Holmes Barbosa — pintor.

Júlio Vieira — pintor.

As primeiras realizações do grupo serão:

I — Exposição de poesia e contos ilustrados.

II — Exposição de gravuras.

III — Exposição de temas folclóricos (decoração).

O movimento tem características nacionais, em defesa da cultura brasileira autêntica, contra elementos alienígenas.

Embora em fase inicial o grupo já vem encontrando apóio e simpatia, esperando para dentro em breve lançar um órgão para difusão de trabalhos dos seus componentes. O "Grupo Cangaceiros" faz um apelo a todos os intelectuais jovens dos Estados para que tomem posição em face da nossa cultura ameaçada, realizando movimentos de rebelião contra estrangeirismos descaracterizadores de nossa cultura.

Correspondência deve ser remetida para José Freire de Freitas — Av. Rio Branco, 185 — Apto. 813 — Rio de Janeiro.



## W. RIO APA EM FLORIANÓPOLIS

Esteve durante alguns dias, em Florianópolis, Wilson Galvão Rio Apa, uma das personalidades mais fascinantes da nova literatura brasileira.

Escritor, jornalista, navegador, aventureiro, W. Rio Apa é uma figura curiosíssima de escritor-aventureiro. Sua obra e sua vida se entrosam e confundem e é dessa vivência, de suas experiências, que tira ele a matéria prima para seus livros e suas reportagens.

Formado em direito, marinheiro num navio petroleiro, correspondente de jornais e revistas, contista e romancista, tendo percorrido demoradamente 25 países, começamos duvidando quando ele nos confessa muito pavorosamente que tem apenas 32 anos de idade. A verdade é que na maioria dos casos, com 32 anos ainda não se conhece nada fora da terra da gente.

Em comêços do ano a Editora Bartira, de São Paulo, lançou o primeiro volume da trilogia "Introdução ao Amanhã". Neste primeiro volume, intitulado "Um menino contemplava o Rio", o autor nos dá uma obra plena de vigor, numa linguagem nova e por vêzes estranha, necessitando que o leitor, antes que se aventure naquele mundo, faça uma preparação como quem vai para uma viagem. E está muito certo. Uma literatura só vale na base em que, a par da experiência e da visão do mundo que trás, traga também uma mensagem artística, se possível em termos novos, a visão que o autor tem do mundo é bem verdade, mas vista à maneira dêle. Procurando recriar tempo e espaço, trabalhando com precisão seus personagens, caracterizando-os psicologicamente com exatidão, W. Rio Apa, com êste primeiro volume, mostra que empreendeu uma obra de vulto que muito dará o que falar.

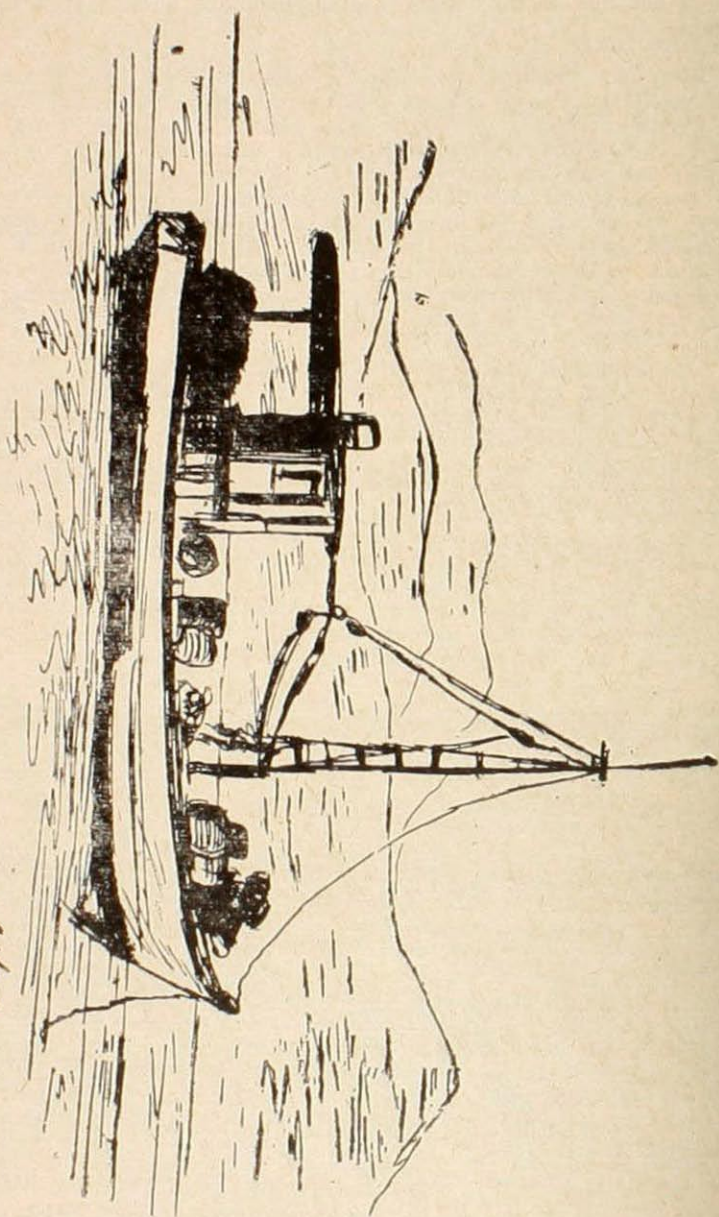
Em Florianópolis, ao mesmo tempo em que se preparava para a volta (desistira de ir ao Rio Grande do Sul na sua pequena embarcação, resolvendo-se a voltar e rumar ao Amazonas), teve oportunidade de entrar em contacto com a gente de Florianópolis. Desse contacto nasceram boas amizades e boas palestras.

A convite do grupo de novíssimos escritores "Litoral", e com a colaboração da Diretoria de Cultura da Secretaria de Cultura, W. Rio Apa realizou um debate sobre problemas de literatura moderna e uma palestra sobre impressões de viagem.

Numa entrevista dada à rádio Jurerê declarou que após suas viagens, tentara se fixar em Curitiba. Viu que lhe era impossível a vida de terra. Então vendeu o que tinha, comprou um barco (chamado "Motim"), botou nele mulher e dois filhos pequenos (um de dez meses e o outro de um ano e dez meses) uma cachorra, e se mudou para o barco. Nele pretende continuar vivendo e escrevendo. Já tem concluído um volume de contos e está na terceira ou quarta revisão do segundo volume da trilogia, volume êste que se intitulará "O Novo Deus".

W. Rio Apa deixou em Florianópolis, mercê da sua inteligência e simpatia, muitos amigos que ficam aguardando a sua volta.

S. M.



Desenho de Aldo Nunes.

## SANTA CATARINA NO AR

Arnaldo Brandão

Viajar pela "TAC" já vai se tornando um hábito. Nesse ponto sou extremamente bairrista. Viajo pela "TAC" não só por encontrar nela mais pontualidade, mais conforto e segurança em seus aviões controlados pela manutenção excepcional da Cruzeiro do Sul, como também por ser empresa nossa. Uma espécie do *Annae Carl Hoepcke* aéreos que nos unem à Capital e ao sul do país.

Este ano mesmo, seis já foram as viagens por mim realizadas, Rio-Itajaí-Rio, todas pela TAC, sem contar uma de Itajaí a Porto Alegre, de ida e volta, em um avião que trazia em seu bojo o nome da minha cidade.

O "ITAJAÍ", essa mesma aeronave que um amigo encontrou-a pernoitando em um aeroporto de Mato Grosso e que me veio dizer com satisfação: — vi um avião que tinha o nome da tua terra, em vôo especial, lá no planalto central... E arrematou com a seguinte frase: — Tua terra como está importante!

Ao que lhe respondi com alltievez: — precisas ver o navio sueco que também traz o nome de Itajaí...

Se o gaúcho se orgulha tanto de sua grande empresa aérea, porque também não nos envaidecermos com o que é nosso e o que leva pelos ares do país, um nome que nos é tão caro?

Entre dezenas de aviões pousados no aeroporto Santos Dumont e no de Congonhas, de São Paulo, salientamos aquela legenda que nos é tão familiar — OS TRANSPORTES AÉREOS CATARINENSE.

Em minha última viagem incluíram na linha da TAC, um avião da Cruzeiro do Sul, um tipo de luxo. Interior cinza com poltronas amarelas barradas de azul e quadros abstracionistas na parede de frente. Serviram um lanche completo, além de doces e refrigerantes que se repetiam em meio de cada vôo. Depois, vieram as escalas tão conhecidas: Curitiba e o pulo rápido em Paranaguá, Santos e finalmente o Rio as seis horas da tarde, com crepúsculo e o colar de pérolas já aceso em Copacabana. No alto do Corcovado, a luminosidade do Cristo Redentor.

Uma viagem boa, rápida! Uma viagem doméstica, feita no que é nosso, no que nos pertence e padroniza o progresso da nossa terra.

Por essa e outras razões, prefiro os TRANSPORTES AEREOS CATARINENSE e não me acanho de confessar o meu jacobinismo. E ainda espero ver a bandeira de S. Catarina pintada no bojo de algum avião. (Relações Públicas da TAC).

## DE AVIÃO, OLHANDO O MAR

Oswaldo Rosenstock

O roncar dos motores do aparelho acordou-me subitamente dos pensamentos em que me havia engolfado. Em breve o DC-3 da Transportes Aéreos Catarinense corria pela pista e levantava vôo, dirigindo logo o "nariz" para o mar. A direita, pela janelinha do pássaro de aço, ainda avistei um trecho de Joinville, onde deixara três seres que me são tão caros...

Voando a baixa altura, em rumo sul, o avião sobrevoava agora a costa barriga-verde. A primavera pintava, nêsse dia, de ouro o ar. O mar calmo, de um tom verde violeta — amante fidelíssimo — continuava o seu secular afago às brancas faixas de areia.

Jamais eu havia visto, assim de cima, o litoral catarinense. Das vêzes anteriores o céu estava enevoado, cinzento, escondendo o solo. Desta vez o céu deixara de lado seus caprichos orientais, desnudando aos meus olhos extasiados tôda a beleza da costa, dantes velada por um manto de névoa.

Paisagens de cartão postal e de anuncios americanos iam se sucedendo, cada uma mais bela e caprichosa, a medida que o monstro alado ia devorando a distância da curta viagem a capital. Viagem confortável, esplêndida, sôbre uma região verdadeiramente admirável. A natureza dir-se-ia ter copiado a arte para cinzelar tantos, tão variegados e tão maravilhosos painéis. Que incomparável artista foi êsse que desenhou tais preciosidades!

Uma curta parada em Itajaí, um cafézinho no bar do Aeroporto e eis nos de novo a caminho pelas incomensuráveis estradas do espaço. Vão se sucedendo os mesmos quadros, quando, assim bruscamente, surge aos olhos os suaves contôrnos da ilha de Santa Catarina e logo após Florianópolis. O avião sobrevôa a Baía Sul e a gente tem uma visão da linda capital catarinense. A Catedral — uma pequenina igreja amarela — é a imagem — que fica na retina enquanto as rodas do avião tocam o cimento da pista do Aeroporto Hercílio Luz.

Chegamos... Fim de viagem.

Em terra firme sempre me pareceu voltar à realidade, depois de terminada uma viagem aérea. Ainda mais uma viagem como essa, de inteiro e total deslumbramento.

Enquanto o motorista vai dirigindo o automóvel, fica-se a pensar no justo orgulho que o catarinense tem de sua terra. Beleza — convenhamos — há em tôda a parte. Mas esparsa. Beleza assim, tanta e tão junta uma da outra acho que não existe em parte alguma do mundo.

Enquanto se rememora — ainda aturdido — as visões incomparáveis delineadas lá do alto, vem a lembrança o esforço que alguns homens de visão vem fazendo para incrementar o turismo em Santa Catarina. Esforço de abnegados, dos que querem bem à sua terra, dos que amam as suas coisas e querem divulgá-las, mostrar, orgulhosos, aos olhos do mundo, os encantos dêste pedaço do Brasil.

E se dá inteira razão ao esforço dêsses homens. E se lhe empresta o devido valor. E fica-se a desejar, a torcer pelo seu êxito hipotecando apóio para que se vejam vitoriosos. Sim por que isso é um pedaço do Brasil, país onde só vencem os fortes, os teimosos. Se essas belezas juntas fôssem em outro lugar, venceriam sôzinhas...

(Dept. Relações Públicas da TAC).

## FLORIANÓPOLIS ESPERA VOCÊ

Aproxima-se, a passos largos, a época do verão. E a vinda da estação de estio desperta em nós o desejo de passarmos um temporada à beira mar, em contacto simples com a natureza, admirando a paisagem deslumbrante que oferece a conjugação da terra, mar e ar. Por outro lado, os dias passados à beira-mar tem um efeito repousante, fazendo-nos esquecer as mil e uma preocupações de todo o dia, recuperando as nossas energias gastas no trabalho ou no estudo e predispondo-nos a enfrentar com mais ânimo e coragem as tarefas que se encontram à nossa espera.

Você, leitor, que reside no interior de Santa Catarina, poderia aproveitar o verão dêste ano para dar um passeio a Florianópolis. Venha conhecer a capital do seu Estado, essa bela cidade encravada na maior e na mais bela-ilha que a natureza disseminou pelo litoral barriga-verde.

Aquí você terá a oportunidade, não só de conhecer a capital de sua terra natal, se ainda não a conhece, como também de passar dias inesquecíveis nas praias que bordam todo o litoral da ilha. Aquí existem panoramas incomparáveis com que deleitar os olhos, visões grandiosas, só avaliadas mesmo por quem já teve a ventura de contemplá-las.

Praias de brancura alvíssima, recantos verdadeiramente edênicos dormem em tôda a costa dessa ilha maravilhosa. E além das praias, há outros pontos de atração, outros lugares para passeios e excursões. Há recantos históricos, velhas fortalezas em ruínas, que você pode visitar. Há montes que podem ser escalados, de onde se descortina uma visão completa de tôda a ilha, verdadeiro deslumbramento para os olhos. Se você gosta de pesca não poderia encontrar melhor ambiente. Em Florianópolis o número de entusiastas dêsse esporte é enorme. Também a caça submarina vem dia a dia criando novos adeptos, tornando-se uma diversão das mais procuradas.

Vindo a Florianópolis você poderá conhecer o Morro das Pedras, a Praia do Pantano do Sul, Barra do Sul, Coqueiros a praia e recanto de Cacupé, o bairro de Santo Antônio, a praia do Sambaquí, Canasvieiras, a do Forte e essa inigualável Lagôa da Conceição — para a qual não se encontram adjetivos — além de outros pontos de igual beleza.

Mas não serão só as praias que o prezado leitor poderá encontrar em Florianópolis. Aquí existem centenas de outros locais que despertarão a sua curiosidade e o seu interesse. Conheça a sua capital. Venha ver o que é Florianópolis que, nós garantimos, vale a pena.

## CARNAVAL

Se a época de verão escolhida coincidir com a realização dos festejos carnavalescos, a sua viagem será ainda melhor compensada. Por que terá a oportunidade de assistir a uma das festas carnavalescas melhores do Brasil. Você ficará realmente surpreendido com o carnaval de rua, com os desfiles de carros alegóricos e de mutação, com o entusiasmo popular, enfim será um espetáculo diferente para os seus olhos, um espetáculo encantador. (Deptº de Relações Públicas da TAC (Fpolis).

**LIVRARIA MODERNA**  
DE  
**PEDRO XAVIER & CIA.**

dispõe de variado sortimento de material escolar.  
livros didáticos, papelaria e artigos de  
escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt — Florianópolis

---

**COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO**  
**INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"**  
Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil  
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral  
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros  
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro  
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas  
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —  
quadrinhos — resserrados aparelhados — fôrto  
paulista — Aplainados.

---

**LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.**

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente  
Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

---

**"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"**  
Monteiro Lobato

**LIVRARIA LIDEE**  
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua  
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.



EM FLORIANÓPOLIS

# LUX HOTEL

UM DOS BONS

HOTÉIS DO BRASIL.

Peça a impressão de

quem já o conhece.

RUA FELIPE SCHMIDT, 9.

Teleg. : "LUXOTEL."

## CLÍNICA DE CRIANÇAS

do

Dr. M. S. Cavalcanti

Residência:  
R. Alves de Brito, 44  
Fone: 1732

Consultório:  
R. Saldanha Marinho, 16  
das 3 às 5

Florianópolis

---

### DR. GUERREIRO DA FONSECA

Olhos — Ouvidos — Nariz — Garganta

Especialista efetivo do Hospital

Tratamento e operações — Receita para uso de Óculos  
Raio X — Radiografia da Cabeça

Consultório: Rua Visconde de Ouro Preto, 2  
(altos da casa Belo Horizonte)

Residência: Rua Felipe Schmidt, 101 — Fone: 1560

Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas) no  
consultório.

---

### CASA VITOR

Especialista em Calçados para homens, senhoras e Crianças  
Gravatas, Camisas, Meias, Cuecas, etc.

Exclusivista dos Afamados Calçados SCATAMACCHIA

Rua Felipe Schmidt, 3 — Florianópolis

---

### REPRESENTAÇÕES ERNESTO MEYER

Lapi sJohann Faber Ltda. Produtos "Ginner". Etc.  
Caixa Postal, 84 — Fone 3773

Florianópolis — Santa Catarina



**ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA E CONTABILIDADE**

**Nilton José Cherem**

**e**

**Armando Sylvio Carreirão**

**(Advogados)**

**R. Jerônimo Coelho, 4 — 1º. andar — sala 6 — Florianópolis**

---

**Drs. J. B. Bonnassis e Fúlvio Luis Vieira**

**(Advogados)**

**Rua Deodoro, 11 — Florianópolis**

---

**Antônio de F. Moura — Gercy Cardoso**

**Heitor F. de Livramento Steiner**

**(Advogados)**

**Rua Felipe Schmidt, 42-A — 1º. andar — Florianópolis**

---

**DR. CALISTRATO CUNHA**

**(Advogado)**

**Especializado em causas trabalhistas**

**Escritório: R. D. Jaime Câmara, 20**

**Florianópolis**

**LIVRARIA MONTEIRO LOBATO**

Agência de Livros y revistas tecnicos y científicos

Andes, 1415 — Teléf. 82255

**MONTIVIDEO — R. O. del Uruguay**

Representante de la prensa medica Argentina

Mosby Co. — Journal of Laboratory

Oral Surgery — Editorial Arbo

Revista Veterinaria — Revista "Diesel" Etc.

Especializada em livros e publicações brasileiras

---

**"DISCAL"**

**DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE LIVROS**

Rua Fernando Machado, 6 — Florianópolis — S. C.

Depositários das seguintes Editoras:

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

**LIVRARIA PONGETTI EDITORA**

**EDIÇÕES LEP S. A.**

**LIVRO DO MÊS S. A.**

**ATENA EDITORA**

Fornecimentos exclusivamente às Livrarias e

Estabelecimentos de Ensino

**LIVRARIA ANITA GARIBALDI LTDA.**

(Livros, jornais, revistas)

A melhor seleção de obras;  
aceita qualquer encomenda de  
livros nacionais ou estrangeiros;  
atende pelo reembolso postal.

Sempre as últimas novidades em livros e publicações nacionais e estrangeiras.

Caixa Postal, 358.

Agora em seu novo ponto e com suas novas e modernas instalações, à Praça 15 de Novembro, 27

---

**BAR E RESTAURANTE ESTRÊLA**

**TOURINHO**

e

**Sua Cozinha Baiana**

**Bem no Coração da Cidade**

**Praça XV de Novembro**

**Florianópolis — Santa Catarina**

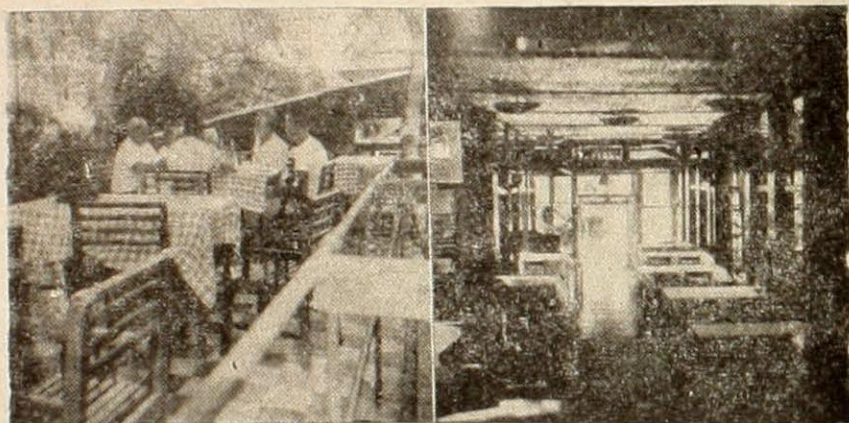
Se você deseja um ambiente

**DIFERENTE e AGRADAVEL**

**ORIGINAL e ACOLHEDOR**

**VÁ AO**

**RANCHO DA ILHA**



Cozinha escolhida — Bebidas nacionais e estrangeiras —  
aberto até meia noite.

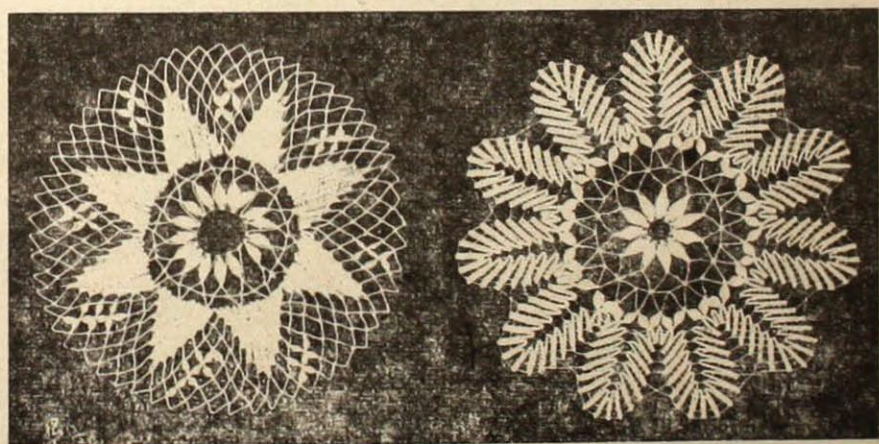
A Rua Trajano — bem no coração da cidade.

**Florianópolis — S. C.**

CADERNO DA "SUL"

RENDAS DA ILHA DE SANTA CATARINA

Doralécio Soares



Florianópolis, 1957

# Do artesanato e a sua proteção

## RENDAS DA ILHA DE SANTA CATARINA

Doralécio Soares

### Da Comissão Catarinense de Folclore

Este trabalho, à guisa de tese, foi apresentado ao 3º Congresso Nacional de Folclore que se realizou em Salvador, Bahia, em julho de 1957.

#### 1º O TEMA

“RENDAS DA ILHA DE SANTA CATARINA”, é uma reunião dos vários tipos de rendas a que a classe das laboriosas rendeiras vem desde longos anos se dedicando; é uma prática de indústria caseira e, carinhosamente, transmitem seus ensinamentos de geração a geração.

Este é um trabalho regional executado com o fim de despertar as nossas autoridades públicas para esse agrupamento de pessoas, de posses econômicas limitadas, e que se dedicam a uma especialidade do artesanato nacional, infelizmente desprotegido, sem amparo oficial, e fadado, por isto mesmo, ao desaparecimento ou absorção pela indústria mecânica que acompanha a evolução natural do progresso.

#### 2º AS RENDEIRAS

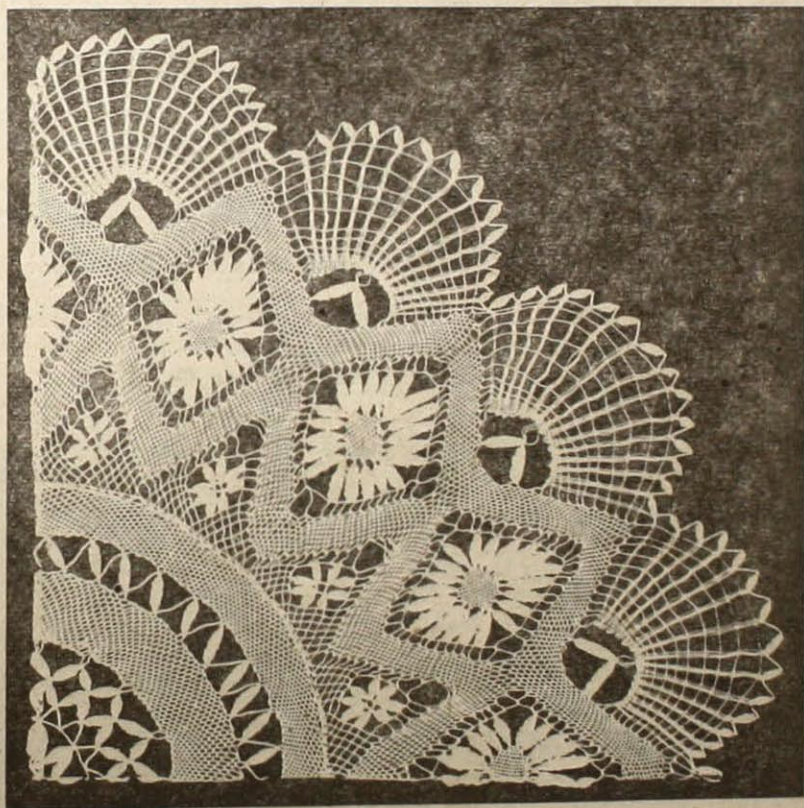
As rendeiras da Ilha de Santa Catarina, na sua maioria, descendem de Portugueses da Ilha dos Açores; tradicionalmente herdaram dos seus antepassados a arte de executar rendas que, ainda na época atual transmitem às gerações que surgem.

Na seqüência dos tipos de rendas focalizados no presente trabalho, apresentamos espécies cuja perfeição pode ser comparada às mais perfeitas rendas confeccionadas pelas mais renomadas mestras na arte de tecer rendas. Infelizmente, é um dos ramos do artesanato no Brasil que traz pouco rendimento às pessoas que a êle se dedica, visto que são torpemente explorados pelos intermediários e vendedoras que a mercadejam com elevada usura.

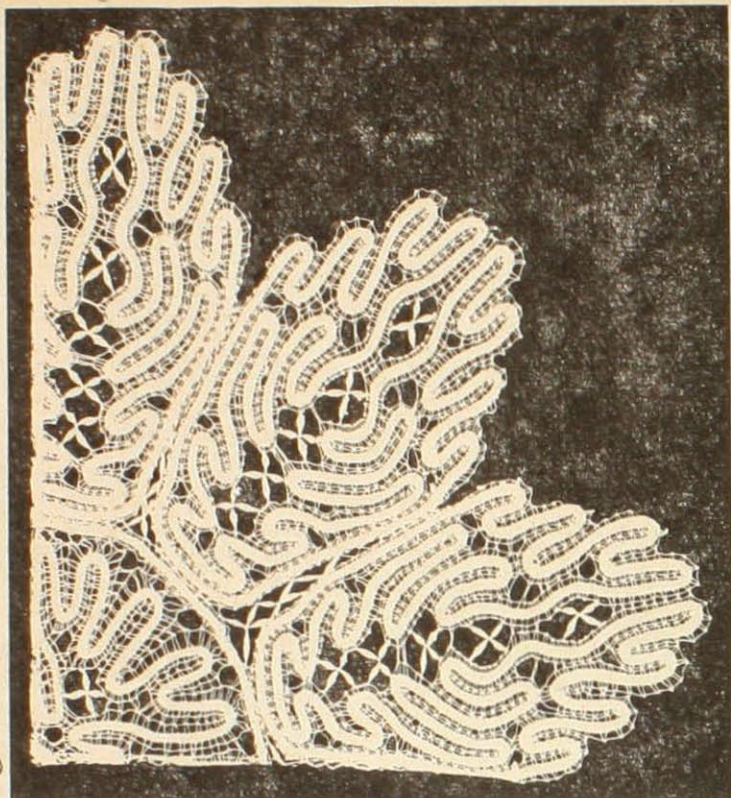
Se nós, folcloristas, responsáveis pela permanência da cultura do artesanato nacional, não elaborarmos um plano

de proteção à indústria caseira em geral, as gerações futuras perderão o élo com as artes populares a nós ainda transmitidas pelos nossos antepassados. As rendas têm sido usadas, em todas as suas modalidades, desde os séculos passados até aos dias atuais. Reis, rainhas, nobres, ricos e pobres, e em todas as camadas sociais, usaram e ainda usam rendas. Na Ilha de Santa Catarina, onde se situa Florianópolis, Capital do Estado de Santa Catarina, nos seus recantos e em toda a sua zona litorânea, se trabalha a “**RENDA DE ALMOFADA**” como um dos seus principais ramos de artesanato e que têm significativa importância na economia doméstica e mesmo social da população Catarinense.

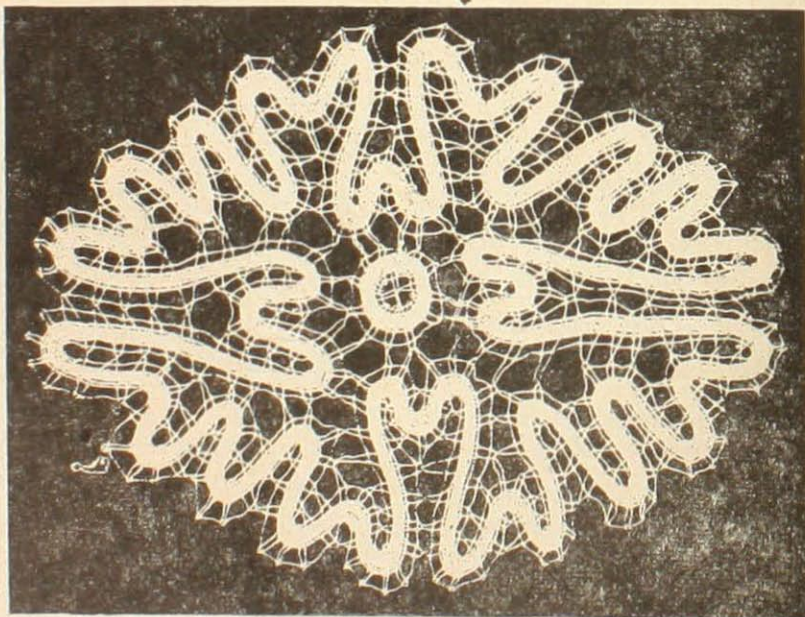
Famílias inteiras vivem quasi que exclusivamente do provento de quanto produzem no seu labor diário, tratando a



Renda “roda dois arcos”. Localidade de Ratores. As dimensões vão até 1 metro e meio. Delas fazem-se saias e vestidos inteiros



Renda "tramóia", em detalhe. Contém uma "estrela" com 11 pontas  
Originária de Ribeirão da Ilha. Para executá-la as rendeiras usam 7  
pares de bilros. Suas dimensões alcançam mais de 1,50 cms



Renda "tramóia". Para fazê-la as rendeiras usam 14 bilros. Ribeirão  
da Ilha



feitura dos mais variados tipos de **RENDAS DE ALMOFADA** e seus derivados: os crivos etc.

### 3º O APRENDIZADO

Na transmissão das lições do aprendizado as mães iniciam bem cedo as filhas e é comum ver crianças, já com quatro anos de idade, à frente das almofadas, manejarem, com rara facilidade, os bilros, num trabalho impressionante. E, assim, as crianças, já nos primeiros passos, se iniciam neste mistério que se vem transmitindo de mães a filhas, desde o Tempo Imperial.

### 4º AS ORIGENS

A cultuação deste ramo do artesanato foi trazido para a Ilha de Santa Catarina e orla marinha pelos portugueses e seus familiares, oriundos das Ilhas dos Açores, que se dedicavam à prática da pesca, sendo, portanto, na sua totalidade pescadores, os homens e as mulheres trabalhavam com rendas.

E, assim, constituindo tradição entre as famílias dos portugueses o cultivo desta indústria caseira ligada, por sua parte, à confecção das rédes de pescar. Herdamos, pois, dos nossos antepassados, esta cultura popular que ainda hoje vai sendo transmitida aos nossos filhos. Infelizmente, no Brasil, a proteção ao Artesanato é assunto fora de cogitação, estando desta maneira fadado ao desaparecimento. Urge, pois a elaboração de um plano que venha ao encontro das necessidades de proteção a um grande número de famílias de poucos recursos que se dedicam a esta modalidade de indústria.

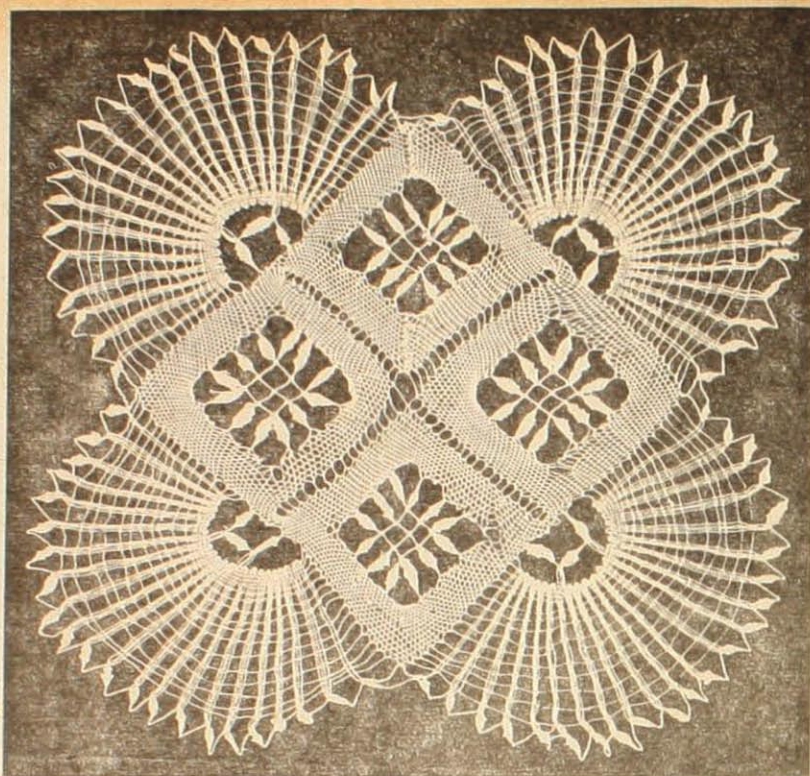
### 5º UM ESTUDO

Com este trabalho, trago o meu irrestrito apoio à proteção ao Artesanato Nacional em todos os seus aspectos. Apresentamos aqui o amparo à indústria caseira através do Cooperativismo, tomando por base as rendas e derivados.

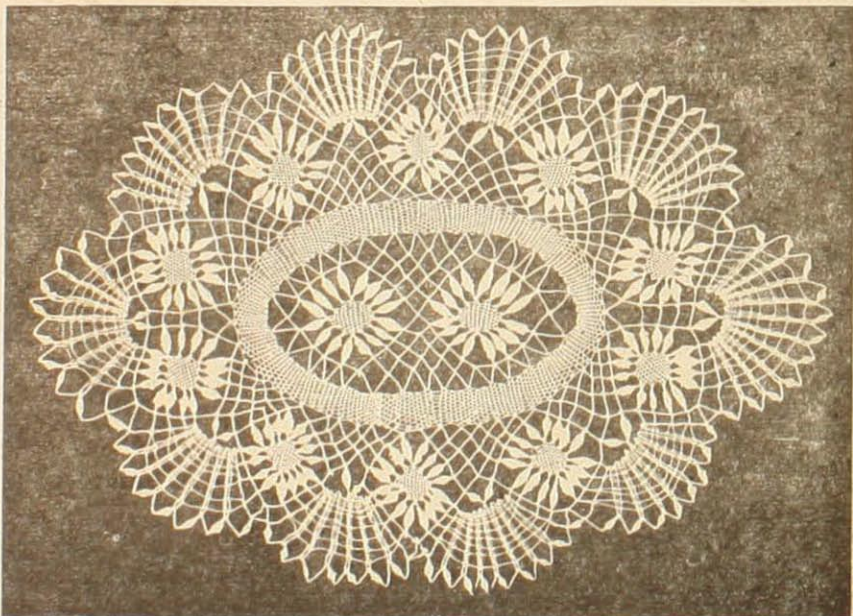
#### a) Cooperativas

### CONSTITUIÇÃO DE COOPERATIVAS REGIONAIS

Poder-se-á tentar um sistema cooperativista, congregando todas as pessoas que se dedicam a confecção de rendas nas suas várias modalidades. Entretanto, considerando que para



Renda "margarida do coração", Ratores. Dimensões de 50 cms.  
até 1 metro



Renda "margarida", "oval de concha", originária do lugar Sambaqui.  
Dimensões usuais de 30 cms. a 1 metro e meio. São feitas também  
em formato redondo

a formação de cooperativas é necessária a subscrição de quotas para a formação do Capital inicial e considerando que a situação econômica das pessoas que se dedicam a esse trabalho não permite dispender qualquer importância para ingressarem nas cooperativas como quotistas; e considerando, ainda, que o objetivo dessas cooperativas é proteger grupos de pessoas, na sua grande maioria incultas, e que só atentarão para a utilidade da Cooperativa quando dela usufruírem resultados; sugerimos que o Capital inicial das Cooperativas regionais seja fornecido a Título de empréstimo pelos Governos Estaduais, através, das suas Secretarias ligadas ao serviço rural. Essas Cooperativas terão os seus Estatutos próprios, de acordo com as leis que as regulam, devendo ser inscritas nas mesmas todas as pessoas que se dedicam a confecção de rendas e seus derivados, com fim lucrativo. Da diretoria deverão constar: um representante da Comissão Estadual de Folclore local, um representante do Comércio outro da Indústria, indicados pelos respectivos órgãos de classe e outro da Instituição que emprestou o Capital.

#### **b) Resultado**

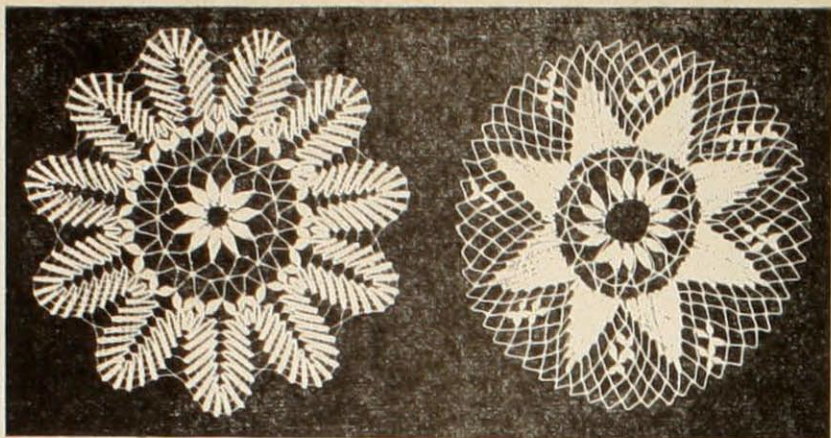
E, assim, as fabricantes de rendas e artigos correlatos terão um organismo que lhes protegerá a indústria caseira, fornecendo-lhes, além de recursos econômicos, aquisição do seu produto melhor remunerado e livre dos intermediários. As Cooperativas, além de manter postos de vendas nos centros consumidores, organizarão Escolas ambulantes, para, com maior facilidade, levar às famílias do interior, onde a maioria está localizada, instruções e assistência ao incremento da Indústria Caseira.

#### **c) Assistência Econômica e Social**

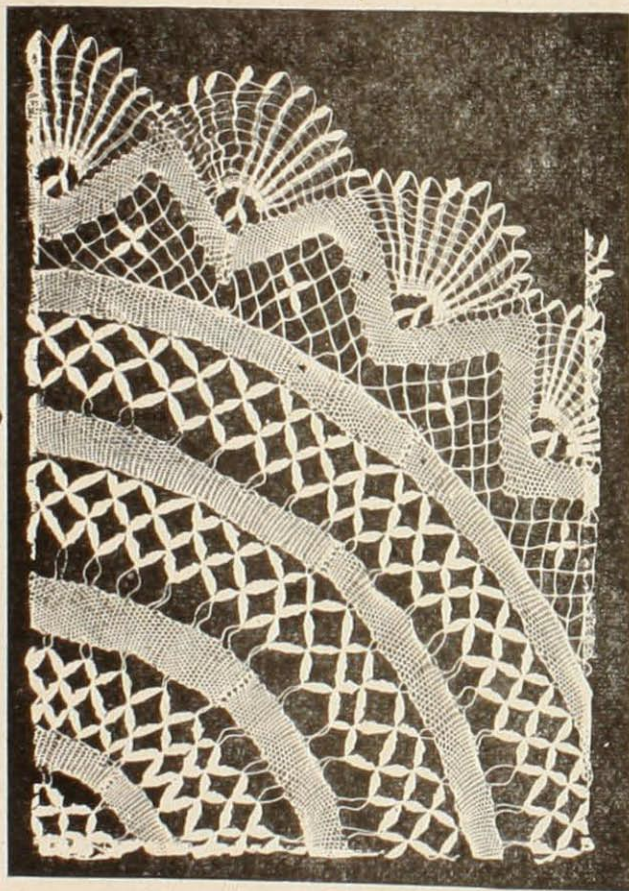
A assistência econômica e social ministrada pelas Cooperativas (íntegra dos Estatutos) representa uma parte importantíssima na vida dessas famílias, uma vez que são poucos os recursos da sua quase totalidade. Os seus costumes sociais são de natureza ainda sem evolução sociológica grassando, em seu meio, o analfabetismo, responsável em grande parte, pela vida desconfortável em que vivem a maioria das famílias que se entregam a prática da indústria caseira.

#### **d) A função do intelectual**

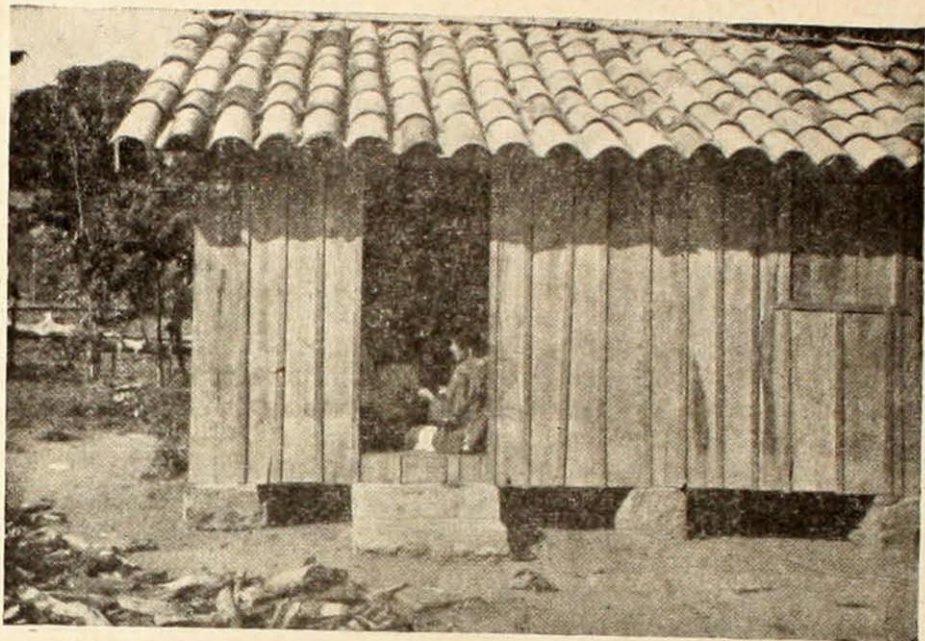
Ao meu ver, cabe a nós, intelectuais, conhecedores da



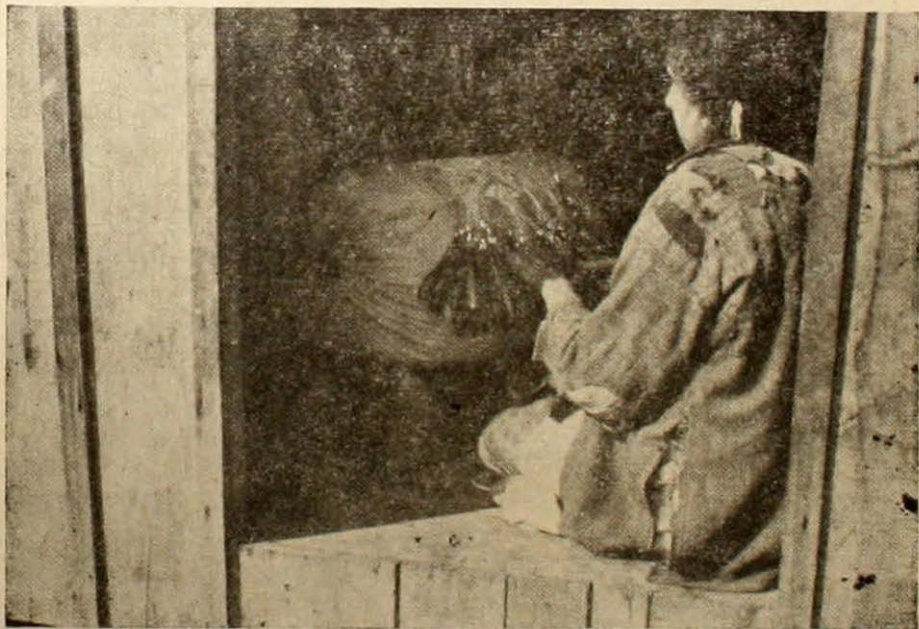
Renda "estrela", fabricada pelas rendeiras de Ribeirão da Ilha. Também as rendeiras do lugar Sambaquí se dedicam à fabricação desses tipos de renda



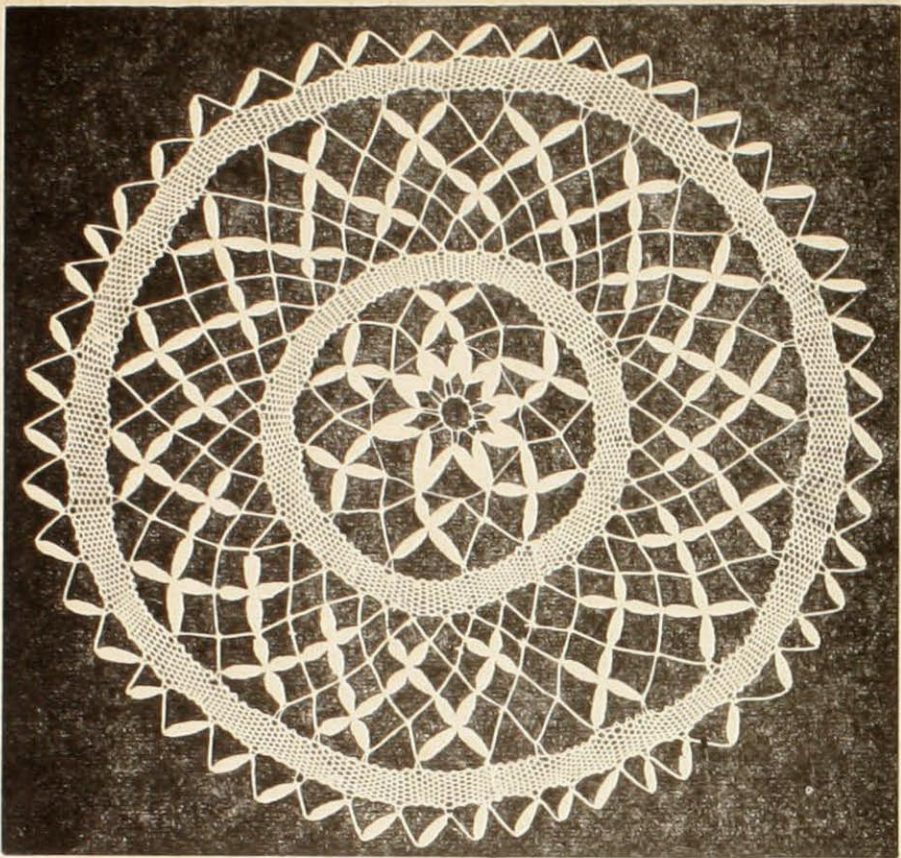
Detalhe da "renda de arco" com 4 faixas. Rationes. Fazem-se também até com 6 ou mais faixas. Do modelo são executados toalhas "redondas" e "ovais" com dimensões que vão até 1 metro e meio de diâmetro. Do mesmo tipo são confeccionados vestidos



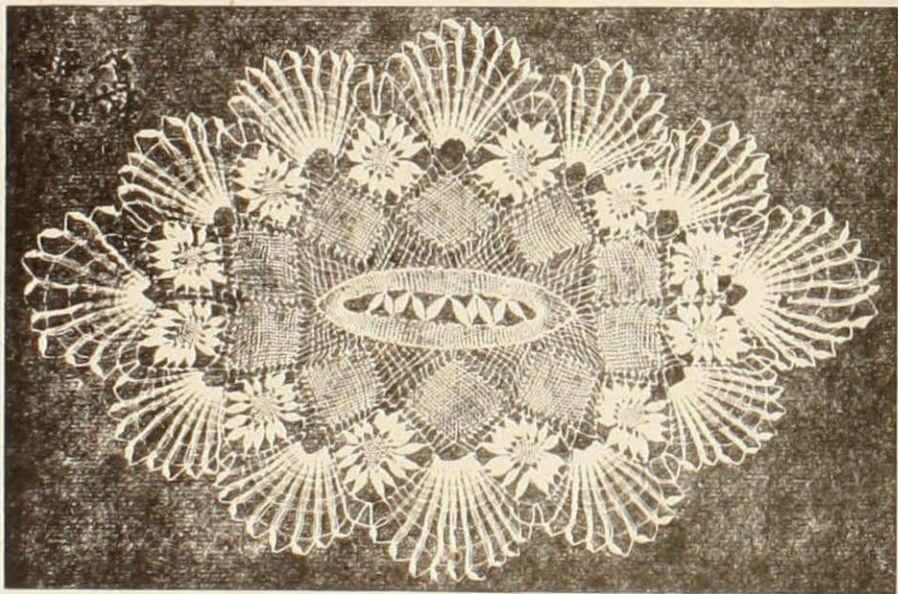
Aspecto social e econômico da mulher rendeira na Ilha de Santa Catarina. Fotografia tomada na localidade de Saco Grande, próximo da Capital



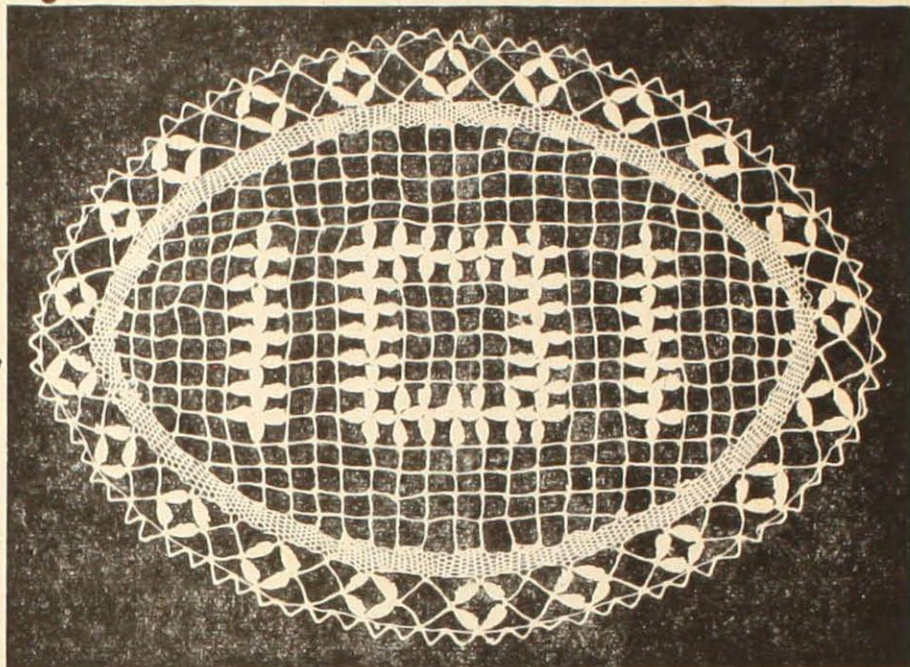
A mesma fotografia anterior, agora focalizando próximo. O estado de mau trato e vestimentas maltrapilhas das rendeiras, vítimas da exploração dos intermediários com o produto do seu artesanato.



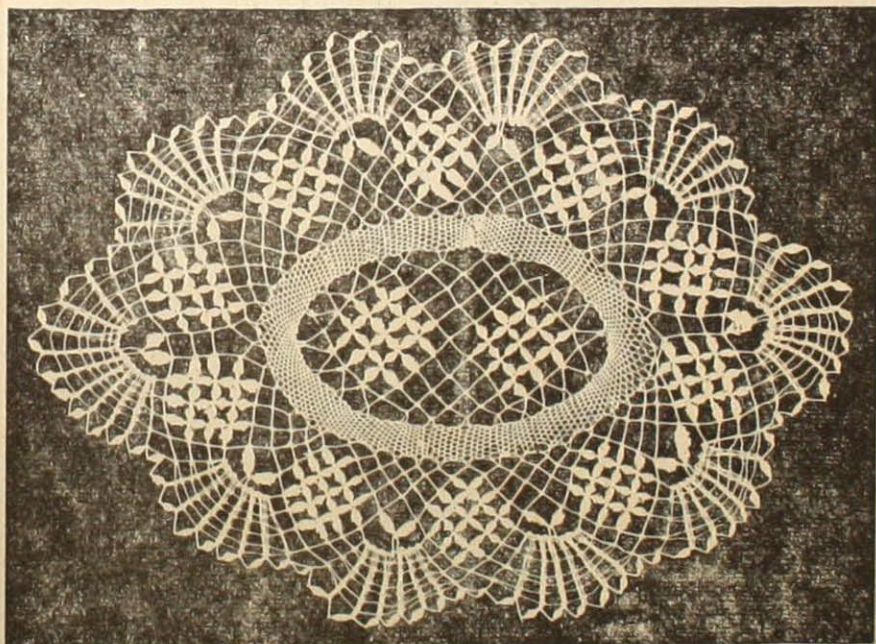
Renda "rodinha de arco", originária de Sambaquí. Dimensões usuais:  
20 a 60 centímetros de diâmetro



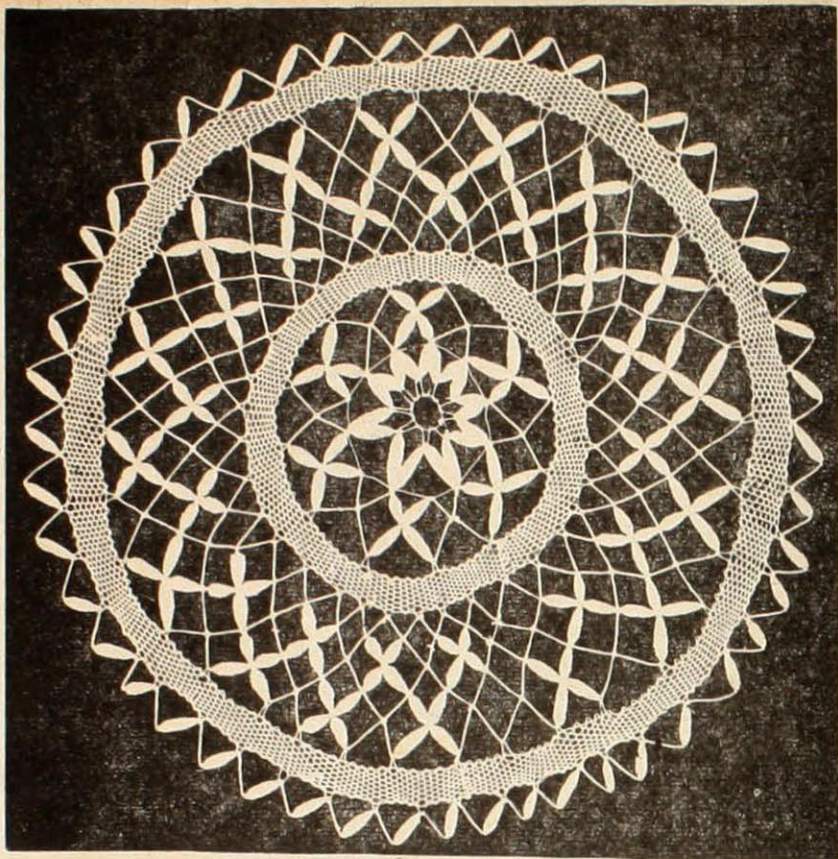
Renda "cocada", Originária de Santo Antônio. Dimensões até 1  
metro e mais.



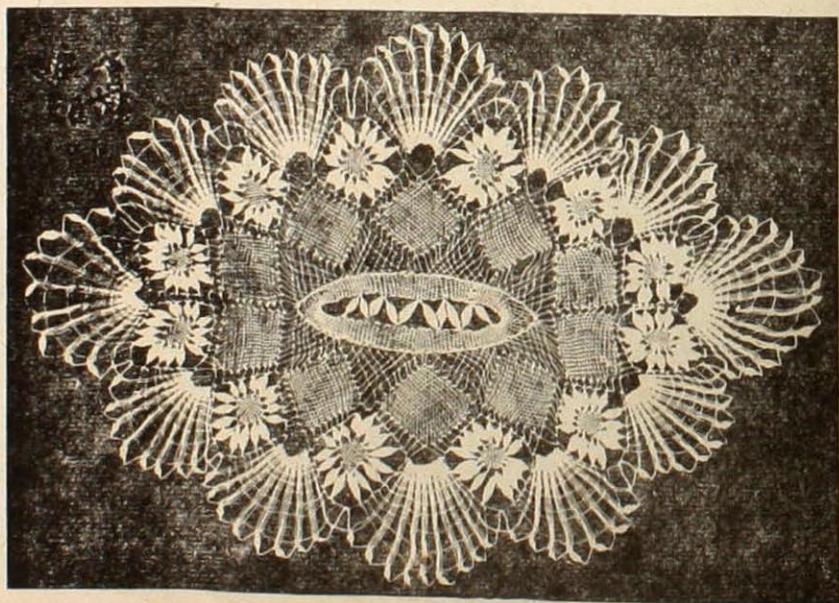
Renda "miudeira" ou "do Ribeirão". Composição ovalada. Fabricada no Ribeirão da Ilha



Renda "favo de abelha", originária de Sambaquí e localidades circunvizinhas. Dimensões variando entre 30 centímetros a 1 metro e meio de diâmetro. Os modelos mais bem aceitos e comumente confeccionados são os "ovais" e "redondos".

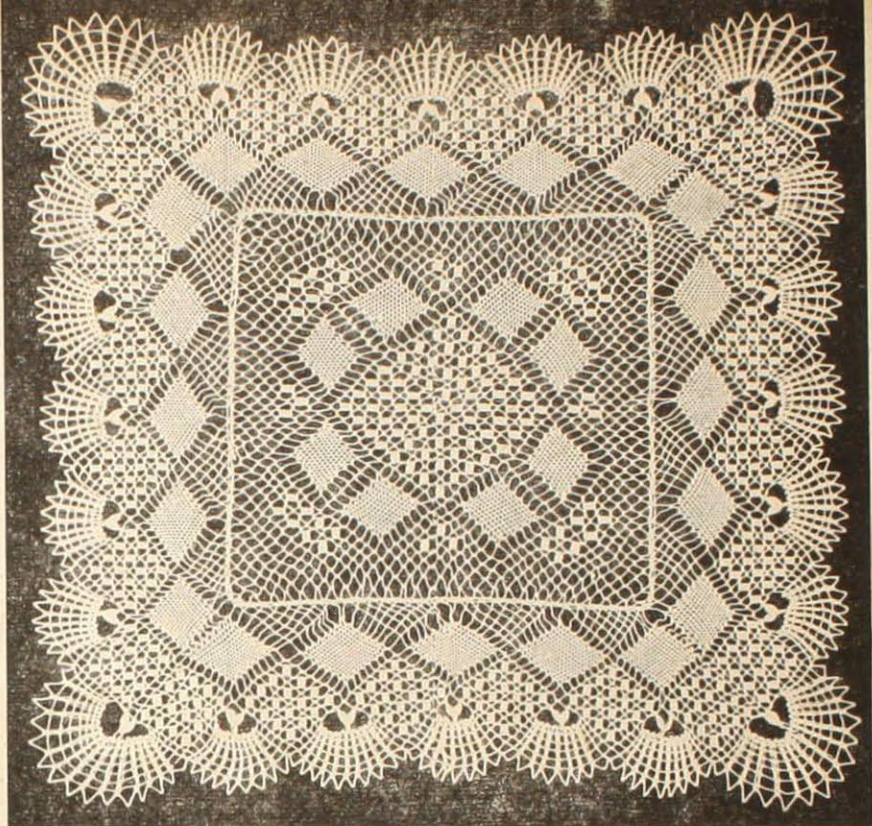


Renda "rodinha de arco", originária de Sambaquí. Dimensões usuais:  
20 a 60 centímetros de diâmetro



Renda "cocada", Originária de Santo Antônio. Dimensões até 1  
metro e mais.





Renda "imarui". Originárias da localidade de Santo Antônio. Dimensões superiores a 80 centímetros. Variam, contudo, de acordo com a vontade do executante. Do mesmo modelo são confeccionadas colchas para camas e toalhas de mesa.



Renda "tramóia". Flagrante natural no interior da Ilha de Santa Catarina. Uma criança de pouca idade já trabalhando perfeitamente no artesanato herdado de seus familiares.

R — Trinta por cento seria posto a render juros bancários como fundo de reserva para futuras aquisições.

NOTA: O lucro de 20% sôbre os 50% aplicados, provenientes da venda e mais os juros da parcela de rendimento (R) seriam somados ao elemento (A) Aplicação, aumentando a sua capacidade aquisitiva.

M — A manutenção, de 10% do Capital, seria gasto com serviços prestados de administração.

Este fundo de manutenção, seria recolhido depois das vendas da parcela (A), a partir do primeiro ano.

P — Dez por cento do Capital seria aplicado rigorosamente a render lucro para a liquidação do empréstimo geral.

## SUMÁRIO

SUL — despedida .....	Redação
A Ilha e a Ponte .....	Esdras do Nascimento
In Extremis .....	Anibal Nunes Pires
O que dizem de "SUL" .....	Transcrições
Desenvolvimento literário em Santa Catarina no século XX .....	Oswaldo Ferreira de Melo (filho)
Depoimento de .....	Armindo Pereira
Guido Sassi e "Amigo Velho" .....	Silveira de Souza
"Amigo Velho" .....	Assis Brasil
Viandante novo (e exótico) em caminhos velhos (e superados) .....	Esdras do Nascimento
Posição .....	Augusto dos Santos Abranches
José Lins do Rêgo .....	Redação.
Homens, coisas e letras .....	José Lins do Rêgo
Movimento cultural na Bahia .....	Nemésio Leal Andrade Salles
Um escritor português .....	S. M.
História de um filme .....	Domingos de Gusmão
"O Preço da Ilusão" — película catarinense .....	S. M.
Stanley Kubrick e a nova geração de Hollywood .....	Marcos Farias
"Jean Vigo" — de P. E. Sales Gomes .....	Marcos Farias
Uma exposição de desenhos .....	S. de S.
Marcier expôs em Florianópolis .....	S. M.
Primaveril .....	Eglê Malheiros
Três poemas de .....	Wal'mor Cardoso da Silva
O pégaso branco .....	Lília de Ornellas
Poema das águas impossíveis .....	C. Ronald Schmidt
Infância .....	Miro Morais
Confusão .....	Alvim Barbosa
Poema duro .....	Reynaldo Beirão
Balada ao que nasceu morto .....	Clovis Moura
O cão e a rosa .....	Ruy Apocalypse
A moça .....	Manuel Lopes
O enterro de um anjo .....	H. Dobal
Cantiga de Ninar .....	Rosa Pessoa
Homenagem .....	Manuel Agra
Dos poemas de .....	Jesus Lopes Pacheco
Amadeu Rodrigues, jornalista .....	Ody Fraga
O responso .....	Lausimar Laus
Os trilhos da tempestade .....	Ibiapaba Martins
O homem e a terra .....	José Graça
Panorama do novo conto brasileiro .....	redação
Clube do livro SUL .....	redação
Grupo "Cangaceiros" .....	redação
W. Rio Apa em Florianópolis .....	S. M.
Santa Catarina no ar .....	Arnaldo Brandão
De avião, olhando o mar .....	Oswaldo Rosenstock
Florianópolis espera você .....	RP TAC
Rendas da Ilha de Santa Catarina .....	Doralécio Soares

Preço: Cr\$ 10,00  
Em Portugal: 7\$00

Este número foi composto e impresso nas oficinas da Imprensa  
Oficial do Estado.

Florianópolis — Santa Catarina